

DICIONÁRIO DE BIOGRAFIAS CRISTÃS DA ÁFRICA



BIOGRAFIAS NAZARENAS DA ÁFRICA



1873 a 1964

Igreja do Nazareno

Cabo Verde

O Pastor João José Dias foi o pioneiro do ministério Nazareno nas Ilhas de Cabo Verde, ele era da ilha Brava. Desde criança foi ensinado que a Igreja Católica Romana era a única igreja verdadeira e que somente através dela se poderia chegar ao céu, enquanto os protestantes eram hereges emissários do diabo. Ele não sabia nada sobre Jesus como salvador ou sobre a Bíblia. Ainda criança ele percebeu o vazio e escárnio deste sistema, não estava satisfeito e desejava alguma coisa melhor. Ele procurava o Deus não conhecido.

Seu pai era capitão de navio e aos dezesseis anos de idade João foi para o mar e navegou junto a ele para os EUA. Ele foi para New Bedford, Massachusetts, onde havia uma grande colônia portuguesa. Juntou-se com más amizades que o levaram a um estilo de vida de maldade.

Dois anos depois de sua chegada foi convidado a visitar uma missão protestante. Foi por curiosidade mas, foi bem recebido o que derrubou seus preconceitos. Seus amigos o denunciaram por ter freqüentado um culto protestante. A pesar disto ele começou a freqüentar os cultos regularmente, escutava com atenção e observava o modo como os Cristãos viviam. Como resultado, um dia ele encontrou o Senhor e a salvação.

Um ano depois ele escutou sobre o batismo com o Espírito Santo. Na missão em Providence, Rhode Island, João entregou sua vida completamente a Deus e encontrou a certeza interna da completa purificação do pecado. Imediatamente ele sentiu a necessidade de levar este evangelho às suas ilhas nativas. Ele cursou quatro anos de escola primaria e aprendeu inglês sozinho.

João começou a testemunhar principalmente entre o seu povo. Alguns encontraram a salvação, inclusive seu pai, e vários jovens foram completamente santificados. Por vários anos ele se envolveu intensamente no trabalho do Senhor. Então a Associação das Igrejas Pentecostais da America que mais tarde uniu-se à Igreja do Nazareno em 1907, o enviaram à Cabo Verde com a promessa de sustentá-lo com um pequeno estipêndio.

Junto com alguns convertidos ele embarcou num navio para Cabo Verde em fevereiro de 1901. O navio sofreu uma rachadura e tiveram que bombear água pra fora por dezesseis dias. A situação parecia desesperadora. No entanto eles chegaram sãos e salvos à São Miguel nos Açores. Logo após a chegada em Brava ele casou-se com a Srta. Joana Lomba (1882-1968). Ela tinha se convertido na idade de quinze anos em Cabo Verde. [1]

Dias viajou de povoado em povoado contando a historia do amor de Deus. Um fiel grupo de ajudantes o acompanhou. A perseguição era ferrenha. No ano em que chegou ele relatou: "Uma multidão rodeou a missão e fizeram tanto barulho que foi impossível continuar com o culto. Duas vezes tivemos que pedir ajuda ao chefe da policia. Foi quase impossível deter os quinhentos ou mais atacantes." [2] Dias era chamado de diabo o qual dava conferencias com Satanás debaixo da sua cama. Circulavam relatos que ele cavalgava num cavalo branco pelos campos e recebia dinheiro do diabo para pagar os convertidos. Até a sua própria família espalhava tais rumores. O proibiram de fazer cultos e duas vezes foi atacado por multidões frenéticas que o apedrejaram o trataram com brutalidade. Certa vez o surraram até ficar inconsciente e o abandonaram como morto. Seus seguidores eram molestados, submetidos a indignidades e açoitados. Alguns ficaram com deficiência para o resto da vida. [3]

Em quatro ocasiões preso e foi levado perante uma corte vingativa. Na prisão ele cantava e louvava a Deus de tal modo que os transeuntes ficavam maravilhados. Um de seus companheiros na prisão traduziu a canção "Feliz no caminho" a qual passou a ser uma das favoritas na Igreja de Cabo Verde. A sentença de prisão de longo prazo de trabalhadores missionários foi cancelada mediante uma anistia geral outorgada em honor à morte da Rainha Victoria da Inglaterra. Dias sempre retomou seu trabalho de evangelismo e continuou a demonstrar a vida e o espírito de Cristo.

Em 1918 o Padre Pedro, o pároco de Brava, planejava expulsar os protestantes da ilha. No entanto o padre envolveu-se num problema com uma mulher e o marido dela na paróquia. O povo enfurecido inclusive sua congregação ficaram contra ele e teve que ir embora. Antes de partir ele admitiu que os protestantes não eram tão perigosos como ele os havia feito parecer. Dias lhe escreveu tentando ajudá-lo espiritualmente. [4] Os preconceitos gradualmente começaram a desfazer-se. Em 1923 Dias relatou: "Estou sofrendo alguma perseguição, mas, vou resistir à tormenta até que Jesus volte. Por favor, orem por mim." [5]

Deus abençoou o ministério deles a por volta de 1916 já havia 87 membros na congregação de Brava. Com ajuda do EUA foi construído um templo para duzentas pessoas. O prefeito e até padres católicos algumas vezes participavam dos serviços. Uma missão estabeleceu-se em São Vicente em 1931 e a família Dias viveu na missão por dois anos antes de aposentar-se. Também havia Cristãos Nazarenos em Santo Antão. A saúde de Dias começou a declinar e ele pedir que missionários viessem substituí-lo. [6]

Em 1938, depois da chegada dos missionários Everette e Garnet Howard em 1936, o Pastor João e a Sra. Joana Dias voltaram aos EUA onde seus filhos haviam fixado residência. [7]

Paul S. Dayhoff

1. "Sr. John Dias," em *As Outras Ovelhas*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, maio 1969), 22.
2. E. Duarte, relatório, *Trans Africano*, (Florida, Transvaal, África do Sul: Publicações Nazarenas da África, maio-junho 1992), 2; citado em *Cristãos Beulah*, órgão oficial do movimento de união dos grupos de santidade - que resultou na formação da Igreja do Nazareno, (agosto 1901).
3. Olive G. Tracy, *As Nações e as Ilhas: Um Estudo do Trabalho Missionários da Igreja do Nazareno às Nações de: Israel, Jordânia, Síria, Líbano, Itália - e as Ilhas de Cabo Verde*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, 1958), 186.
4. Roy E. Swim, *Historia das Missões da Igreja do Nazareno*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, 1936), 185-189.
5. J. Dias, "Línguas e Espiritismo," em *As Outras Ovelhas*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, maio 1923), 15.
6. Amy N. Hinshaw, *Carregadores de Tochas Nativos*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, 1934), 13ss.
7. "In Memoriam," in *The Other Sheep*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, março 1965), 11; António Leite, carta (29 de maio de 1995).

Este artigo é reproduzido com permissão de: *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene* copyright © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos são reservados.



ANDRADE, ÁLVARO
Igreja do Nazareno
Cabo Verde

REV. ÁLVARO BARBOSA ANDRADE é de Santa Catarina, Ilha de Santiago. Em meados de 1940, quando o grupo da Missão procurava entrar na então Vila da Assomada, os integrantes do grupo encontraram pessoas amigáveis, até que Álvaro Andrade resolveu chefiar uma oposição contra "os protestantes diabos". Ele tinha sido estudante na escola católica da Vila. Certo dia ordenou que rapazes fossem ao lugar e procurassem recolher todos os exemplares dos Evangelhos e Novos Testamentos distribuídos e os queimassem num espaço livre, junto do mercado, aos olhos do povo. Ele espalhava "água benta" nos lugares onde os protestantes tinham estado. Escrevia aos seus amigos e saía de casa em casa a divulgar histórias horríveis a respeito dos nazarenos. Tornou tão difícil a situação dos poucos recém-convertidos que estes achavam que era quase impossível continuar a assistir aos cultos na casa da Missão.

Mais tarde veio a confessar que guardou uma das Bíblias. Depois de lê-la várias vezes, certo dia, em 1946, fechou-se no seu quarto e encontrou a verdade. A conversão dele causou um repentino debate público na rua, com o padre. "A tranqüilidade espiritual, sua convicção e algum estudo das Escrituras concederam-lhe vitória de discípulo perante numerosa multidão". Em 1952 encontrou a inteira santificação. E em 1948, tendo sentido a chamada, entrou para o ministério em tempo integral e começou a pastorear a Igreja de Santa Catarina. Tinha boa estatura, era jovial, humorista e veio a ser um pastor inflexível, grave, e um dos mais ativos obreiros no trabalho do Senhor.[1]

Álvaro Andrade casou-se com a jovem Isaura Silva. Tiveram no começo um rapaz e uma menina. Isaura é filha do velho pescador de baleias, Joe Silva, "contador de histórias grandes", o primeiro a apoiar os obreiros nazarenos na Praia. Convidava-os à casa dele e acompanhava-os nos cânticos tocando violão. Mas ele próprio não chegou a encontrar o Senhor a não ser dois dias antes de falecer.

Como Pastor na vila onde nasceu, Álvaro Andrade foi praguejado ao longo da estrada, quando dirigiu o seu primeiro funeral. Ninguém lhe vendia os alimentos necessários, tais como leite e ovos. Entretanto, com o tempo, todos passaram a ser amigos dele e a respeitá-lo.[2]

O Rev. Andrade contou de um incidente que mobilizou a comunidade inteira: Certo

rapaz, aluno da escola dominical, deixou de marcar presença na sua classe. Quando o pastor o visitou, viu que ele trazia manchas nas faces e nas orelhas. O médico diagnosticou o caso como lepra. Pediram remédio dos Estados Unidos, mas o rapaz continuou piorando. Como o pastor continuasse a visitá-lo, este ficou tão preocupado que numa tarde fez esta oração: "Ó Deus, se for a Tua vontade, podes purificá-lo!" A resposta foi imediata. Poucos dias depois, os familiares do rapaz pensaram em levá-lo ao médico para ser examinado. O médico ficou radiante ao descobrir que ele estava curado. Então os medicamentos foram cedidos a outro enfermo.[3]

Em 1995 o Rev. Barbosa Andrade e D. Isaura fixaram residência na cidade da Praia, Ilha de Santiago. Rev. Andrade faleceu no dia 3 de Janeiro de 2000. Ele foi um verdadeiro patriarca da Igreja do Nazareno em Cabo Verde, teve bons relacionamentos com os missionários pioneiros. Todos os pastores Nazarenos foram profundamente tocados pela vida santa deste homem de Deus.[4]

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. Alice Spangenberg, *Jerusalem and Beyond* (Jerusalém e além) : *Christian Missions in the Cape Verde Islands and the Middle East*, (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1950), 49, 59-60.
2. Olive G. Tracy, *The Nations and the Isles* (As nações e as ilhas) : *A Study of Missionary Work of the Church of the Nazarene in the Nations - Israel, Jordan, Syria, Lebanon, Italy - and the Isles - the Cape Verde Islands*, (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1958), 211-212. *Bodas de Ouro: Igreja do Nazareno, 1908-1958* (Fiftieth Anniversary Album), (S. Vicente, Cabo Verde. Editora Nazarena), 24.
3. Earl Mosteller, *Cape Verde Travelogue* (Viagens por Cabo Verde), (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1958), 32-33.
4. *Trans African*, (Florida, Transvaal, South Africa: Africa Nazarene Publications, No. 1, 2000), 20.

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa por Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo verdiano.

Chaia, André
1909 a 1983
Igreja do Nazareno
Moçambique

André Maholo Chaia nasceu no distrito de Regulo Dambuza (Nyavatshwani) em Chikholo, onde ele cresceu e também chegou ao arrependimento. Após vários anos sua igreja juntou-se à Igreja do Nazareno em Banze dentro da área do chefe Nguluze, e André mudou-se de Chikholo para Banze, onde o Pastor Yohani Mungoi atendia a congregação. Essa Igreja tinha sido fundada no ano 1925 pelo Pastor David Cuco, durante o grande avivamento que soprou através da região Sul do Moçambique, com o retorno dos mineiros da África do Sul que testemunhavam sobre poder do evangelho para salvar do pecado.

Em 1929 Chaia casou-se com a Srta. Lucia Mabunda Matsinhe. Deus abençoou o seu lar apesar de muitas dificuldades. Tiveram treze filhos, mas cinco deles morreram devido às condições de pobreza extrema. Um dos seus problemas era que Lucia tinha sido possuída por demônios, e estes continuavam a perturbá-la. Através da sua fé e oração, este problema foi superado. Chaia era um homem de fé, e ele acreditava que o poder do evangelho era maior que o poder dos demônios e dos espíritos maus.

Quando o Pastor Yohani Mungoi morreu em 1936, André Chaia serviu como líder da congregação, até que o Pastor André Matsambani Simbine (1890-1988) chegou ao fim do mesmo ano. Em 1972 o Pastor Francisco Chambule (f.1988) continuou o trabalho de Simbine com o pastor em Banze. Ele estava trabalhando nas minas de Stilfontein, na África do Sul, e tinha aceitado o chamado à responsabilidade de guiar a congregação de Banze. Ele fez um ótimo trabalho até a sua trágica morte em 1988 pelas mãos dos terroristas. Ele foi assassinado durante uma visita pastoral numa casa.

Em 1936, Chaia foi para Joni (Johanesburgo) para trabalhar nas minas. Ele trabalhava período parcial e servia como líder da organização da igreja lá. Em 1948, quando liderava trabalhos em Rand Leases ele pegou uma doença que o afetou pelo resto da vida. Em consequência, voltou a ajudar em banze em 1949.

Em 1950 Chaia foi convidado a atender a igreja em Chikavani. Ele ficou muito emocionado em poder responder uma vez mais ao chamado de Deus ao pastorado. Foi eleito líder regional, baixo a liderança do Rev. João Muchave, superintendente do distrito.

Chaia foi um grande líder com qualidades administrativas. Ele acreditava na educação dos jovens na igreja. Ele costumava dizer: "o futuro pertence às nossas crianças, portanto precisamos orar por eles, até que eles respondam ao Senhor." Quando seu neto, Fillipe Banze, teve dificuldade para continuar na escola, Chaia pagou todas as suas despesas escolares e orou para que ele dedicasse toda a sua vida a Deus. Ele finalmente fez isso, e entrou como estudante na Faculdade Bíblica do Nazareno na Suazilândia em 1988. Em 1996 ele retornou à escola e começou os seus estudos de graduação em bacharelado de teologia. [1]

Em 1954 o distrito de Mavengane solicitou a Chaia que pastoreasse em Chan'wane, o que ele não pôde fazer devido às condições de vida do lugar, e retornou para sua

casa em Chicavane. Ele lutava contra a sua doença em 1957 e a congregação o enviou ao Hospital Chicumbane onde o Dr. Bush o atendeu e o ajudou.

Em 1961, Chaia fez um Curso para Trabalhadores Cristãos na faculdade Bíblica, após o qual retornou para Chicavane. Em 1964 ele e o Rev. Simeão Manhique foram escolhidos para atender as igrejas em Joni (Johanesburgo, África do Sul). De volta ao seu lar em 1966, Chaia queria servir ao senhor e pregar, mas a sua doença piorou. Seus filhos freqüentemente vinham de Johanesburgo para visitá-lo e ficaram chocados pela sua aparência.

Ele lhes disse: "-Eu sei que prontamente me mudarei deste mundo, quando a minha casa cair." Ele dava testemunho com as palavras do apóstolo Paulo em 2 Coríntios 5:1, "Sabemos que se for destruída a temporária habitação terrena em que vivemos, temos de parte de Deus um edifício, uma casa eterna nos Céus, não construída por mãos humanas."

Em 1983 Chaia ficou extremamente magro e a sua condição física se deteriorou muito. Ele foi internado no hospital Xai-Xai e depois no hospital Manjacaze, mas não melhorou. Mandaram chamar o seu filho Reverendo Nehemias Chaia em Johanesburgo. Finalmente ele foi mandado para casa, e em 15 de agosto de 1983 ele faleceu. Ele morreu vitoriosamente mantendo a fé em Deus. Durante as orações matutinas ele gostava de cantar "Te louvamos nosso Deus"; a noite ele gostava de cantar, " Jamais Temas". Ele colocava a Jesus Cristo em primeiro na sua vida.

O seu filho Nehemias Chaia declarou: "- Quando éramos crianças continuamente examinávamos a sua vida discretamente. Será que o pai confia em Deus completamente? Será que ele visita os curandeiros ou vai às suas reuniões em procura de adivinhos? Será que ele secretamente bebe álcool? Jamais achamos nenhuma dessas coisas na sua vida. A sua vida era certa." [2]

Paul S. Dayhoff

Notas:

1. Relatório do Sr. Filipe Banze, da Faculdade Bíblica Nazarena da Suazilândia, Julho 1998.
 2. Rev. Nehemias A. Chaia, "Os Pais de um Pregador Dormiram," *Mutwalisi* (The Herald), Shangaan/Tsonga revista da Igreja do Nazareno em Moçambique e África do Sul, (Flórida, Transvaal, África do Sul: Editora Nazarena, Maio 1984), 4-5.
-

Este artigo foi reproduzido com a permissão de: *Africa Nazarene Mosaic: Inspiring Accounts of Living Faith*, primeira edição (Flórida, Gauteng, África do Sul: Editora Nazarena da África, 2002), copyright © 2001, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Chavanduka, Ignatius
1941 a 1992
Igreja do Nazareno
Zimbábue

Ignatius Daka Chavanduka nasceu em Ngezi Mhondoro, Distrito de Gatooma, Zimbábue Oriental. No ano anterior o pai dele havia sido empossado como chefe dessa região. Alguns não gostaram dessa decisão. Daí o nome Daka, que significa ciúmes.

Ignatius foi educado numa escola católica. Assistia fielmente aos serviços religiosos, mas sem nunca se converter. Os familiares continuavam a acreditar que os espíritos ancestrais tinham poder sobre a vida e a morte, e tinham de ser aplacados. Tendo conseguido trabalho em Salisbury (Harare), não encontrou entretanto nenhum amigo cristão. As pessoas desprezavam Deus e Jesus Cristo. Chavanduka pensava que Jesus morreu por causa dos males que Ele mesmo havia praticado.

Em maio de 1962, ele encontrou Cristo; a conversão trouxe-lhe paz ao coração. Foi numa campanha evangelista realizada na Missão de Dorothea. No ano seguinte encontrou a Igreja do Nazareno e uniu-se à igreja em Harare, sob o ministério do pastor Enoch Litswele.

Chavanduka encontrou santificação em 1964, quando o Superintendente Geral Dr. Hugh C. Benner visitou o campo. Sendo chamado a pregar, dedicou-se aos estudos na Escola Bíblica de Malawi em 1966 e, no ano seguinte, casou-se com Ruth Chavanduka. Aceitaram pastorear a Igreja de Kambazuma, em Harare. Em 1970 Chavanduka passou a pastorear a Igreja de Highfields. No ano seguinte, foi eleito o primeiro superintendente do Distrito de Zimbábue; serviu neste cargo até 1981. Foi ordenado em 1969 pelo Superintendente Geral Dr. V. H. Lewis.

Em 1982 transferiram-se para Zâmbia, onde pastorearam uma igreja de expressão inglesa em Lusaka. A partir de Maio de 1983, a Igreja de Woodlands passou à categoria de auto-sustentada. Foi um enorme passo de fé, porque a igreja possuía apenas um ano. De regresso a Zimbábue em 1984, Chavanduka começou a trabalhar com o objetivo de organizar a Igreja dos Arredores na zona sul de Harare; e então, em 1990, entregou-se ao evangelismo em tempo integral.

Alguém deu este testemunho a respeito dele: "Foi um jovem efetivo, que tratava as igrejas com o mesmo cuidado que a galinha dispensa aos seus pintos". Chavanduka foi o primeiro pastor zimbabuano a morrer em plena atividade. Faleceu de repente, com uma parada cardíaca, deixando esposa e seis filhos.[1]

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. Theodore P. Esselstyn, *Cut From the African Rock : A Portrait of the Church of the Nazarene in Africa*(Cortado da Rocha Africana: Um Retrato da Igreja do Nazareno em África),(Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1975).86. *Trans African*, (Florida, Gauteng, e África do Sul: Africa, Nazarene Publications, Maio-Junho, 1992),14. *World Mission*, (Kansas City, MO: Nazarene Publishing

House, Outubro 1974), 10-11. Phephisile A. Sigudla, pesquisa por H. Friberg , (na Escola Bíblica de Siteki, c.1992).

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa por Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo verdiano.



**Chilengue, Samuel
nasceu 1890
Igreja do Nazareno
Moçambique**

O Pastor Samuel K. Chilengue (1890-?) deu o seguinte testemunho em 1971:

Eu agradeço o meu Salvador Jesus que me redimiou dos meus pecados. Eu era um bêbado e possuía coisas demoníacas. Deus enviou pregadores que me encontraram em 1906. Eles cantaram: "Jesus esta aqui! Vamos encontrá-lo". Eles leram Mateus 3:10, "O machado já esta posto à raiz das árvores, e toda árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo," eles falavam Zulu. Quando eles fecharam seus olhos para orar, eu abri um olho para ver qual deles estava com o machado para que eu pudesse afugentá-lo. Deus falou comigo e eu os segui e aprendi sobre a Palavra de Deus. Eu aprendi a ler e pude ler Mateus 3:10 sozinho. Eu entreguei-me ao Senhor Jesus e Ele me perdoou. Eu trouxe os meus pertences demoníacos e eles foram queimados.

Em 1908 Chilengue foi para Chicumbane para entrar na escola portuguesa. O Rev. Baker veio e celebrou um culto batismal na Igreja de Chilembeni. Muitos dos pastores mais velhos da área mantiveram só uma esposa e mandaram embora as outras devido ao evangelho. Em 1910 um pregador da Igreja de Gaza, Esaya Fuwele, começou uma congregação em sua casa em Nguazane. Chilengue tornou-se seu auxiliar. Quando o Pastor Fuwele ficou doente e morreu em 1917 Chilengue continuou o trabalho. Esta congregação o acompanhou quando ele entrou para a Missão Internacional em Chaimite em 1922.

Começando em 1922 Chilengue estudou por três anos na Faculdade Bíblica em Modderfontein com o missionário Rev. David B. Jones. Ao retornar a Moçambique em 1928, ele continuou como pastor na Igreja de Gaza e em 1952 a congregação passou para a Igreja do Nazareno.

Chilengue tornou-se auxiliar do to Rev. J. Mahlayeye, e quando ele faleceu em 1961, Chilengue tornou-se ajudante do Rev. Loti Mulate. O Pastor Samuel Chilengue tornou-se líder da região de Chaimite quando Mulate foi escolhido como assistente do superintendente do distrito. Após a sua aposentadoria Chilengue foi sucedido pelo Pastor Mateus Siteo e o Pastor Simion M. Chilengue pasou a ser o pastor da igreja de Nguazane. [1]

Paul S. Dayhoff

Notas:

1. Samuel K. Chilengue, "Meu Testemunho," Mutwalisi (The Herald), Shangaan/Tsonga revista da Igreja do Nazareno em Moçambique e África do Sul, (Flórida, Transvaal, África do Sul: Editora Nazarena, julho-setembro de 1971), 3. A carta de Vicente J. Mbanze sofreu algumas correções, 28 de Junho de, 2000.

Este artigo foi reproduzido com a permissão de *Africa Nazarene Mosaic: Inspiring Accounts of Living Faith*, primeira edição (Flórida, Gauteng, África do Sul: Editora Nazarena da África, 2002), copyright © 2001 por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos são reservados.

Chirindzane, Rabeca
1907 a 1989
Igreja do Nazareno
Moçambique

A Senhora D. Rabeca Chirindzane era filha do pastor Johani Chirindzane e da Sra. D. Maria Uqueio Chirindzane, que foram pastores em Macatecani, Manjacaze. A igreja ali fora iniciada sob uma missão que trabalhava com os mineiros.

Rabeca casou-se com o Sr. Zefania Chissanu, que se preparava para o ministério na Missão Nazarena de Njatigue. Quando ele faleceu, em 1928, fazia três anos que haviam-se casado, e não tinham filhos. No leito de morte, Zefania chamou as famílias de ambos e declarou que Rabeca deveria ficar livre para regressar à casa do pai, e não sentir-se obrigada a casar com o irmão dele.

Porém, em 1929, o irmão do falecido marido, que não era cristão, chegou e declarou que ele havia de tomá-la como a segunda esposa, e que não havia remédio para ela. A *lobola* (o custo original) era demasiado para ela ou o seu pai pagar, a fim de ela ficar livre.

Ela fugiu e escondeu-se na floresta por alguns dias. O irmão dela, David, era estudante na Escola Bíblica na Missão de Njatigue. Uma missionária, Miss Mary Cooper, quando ouviu a história, deu a ele as vinte e cinco libras que eram necessárias para ela ser redimida.

De volta à casa, David ficou surpreso ao encontrar sua irmã. Ela disse-lhe que o Senhor lhe tinha mostrado que ela devia regressar a casa, mas não seria tomada por esse homem. Com o dinheiro do resgate o assunto foi logo resolvido e ela ficou livre.

Rabeca foi agradecer à Sra. Mary Cooper e quis ser serva dela sem qualquer remuneração. Ela, certamente, recebeu pelo seu trabalho. O seu serviço foi tão metódico e metódico que Rabeca foi escolhida como a primeira para o curso de enfermagem em Chicuque, Hospital Metodista de Inhambane. Ali foi treinada de 1933 até 1937. Depois tornou-se a primeira enfermeira nazarena treinada em Gaza e serviu fielmente ao Senhor e ao seu povo no Hospital Nazareno em Tavane até se aposentar, em 1972.

A Sra. D. Rabeca Chirindzane guardava o seu dinheiro e, em 1950, trouxe à Sra. Mary Cooper a totalidade da quantia que havia sido paga pela libertação. Decidiram usar o dinheiro para redimir outras mulheres que tivessem problemas semelhantes.

Em 1987, Rabeca Chirindzane, envelhecida e fraca, já não podia ver bem. Ela vivia com familiares em Maputo, mas já não conseguia assistir aos cultos.[1]

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. Emslie, *With both hands: The Story of Mary Cooper of Gazaland*, (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1970),73-76. O. & M. Stockwell, *The tribe of God: A Collection of Stories from African Christians*, (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1989),21-22. Vicente Mbanze, carta, (13 Abril 1995). "Grandmother Rabeca Chirindzani, Fruits of the Church of the Nazarene in Gazaland", *MUTWALISI*(The Herald), Shangaan/Tsonga magazine of the Church of the Nazarene in Mozambique and South Africa (O Arauto, revista na língua Tsonga da Igreja do Nazareno em Moçambique e África do Sul), (Florida, Transvaal, África do Sul): Nazarene Publishing House, vol. 32, no. 1, Julho 1987),5.

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa pelo Rev. Roy Henck, missionário reformado para Cabo Verde, e pelo Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo-verdiano.

Correia, José
1916 a 1994
Igreja do Nazareno
Cabo Verde

José Correia nasceu na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Foi a Cabo Verde ainda jovem. Mais tarde, trabalhou como funcionário público na Praia. Era um rapaz formoso e excelente cavaleiro. Teria gracejado com Angelina, a jovem nazarena com quem namorava; e fazia troça dos pregadores. Ele causava muita aflição aos nazarenos que trabalhavam na sua secção. A perda de emprego do Sr. João Branco tornou difícil a situação tanto para ele como para a sua família. A igreja começou a orar por José Correia.

Lina também orava por ele e fez tudo o que era possível para que chegasse às mãos dele um folheto a descrever a conversão de certo padre no Brasil. José começou por se aproximar da casa do culto e ficava a escutar à janela. Finalmente, montou o seu cavalo e dirigiu-se a uma cabana que possuía no interior da ilha. Ali pôs-se de joelho e, sozinho, disse a Deus que iria converter-se, mas não sabia como orar; assim, cavalgou de volta para casa. Informou a família que iria tornar-se protestante. Os familiares ficaram ofendidos e lamentaram muito; mas à noite, em 1943, foi ao culto entregou-se ao Senhor. Chamou João Branco de novo ao emprego. Mais tarde, José recebeu a inteira santificação e sentiu-se chamado ao ministério.[1]

José Correia testificou, dizendo: "Fui educado numa religião de idolatria -- o Catolicismo Romano. Ajoelhei-me perante os deuses pagãos. Nisto chegaram à cidade onde eu morava dois servos de Deus que proclamavam não só o Deus vivo e verdadeiro, como também o Seu Filho, Jesus Cristo... A mensagem estremeceu o meu coração... Prostrei-me então aos pés do Deus Salvador, e ali deixei o meu pesado fardo.". E prosseguiu: "Não foram o terror ou o desespero que me induziram a tomar esta decisão; antes, foi o desejo de obter o descanso, a paz e a satisfação que tenho estado a gozar a partir daquele dia. Este Salvador conquistou o meu coração para sempre. Converti-me a este Deus verdadeiro e amoroso. Pude conhecer o Seu imenso amor; só desejo viver para Ele e servi-lo enquanto eu viver neste mundo.[2]

Casou com Maria Angelina Correia, com quem teve dois rapazes e duas meninas. Angelina era uma jovem talentosa e encantadora, filha de uma enfermeira corajosa, a primeira pessoa a abrir a sua casa aos Howards, quando estes chegaram à Praia em 1939. O casal Correia iniciou o seu ministério na Praia em 1944, tendo servido a muitas igrejas, em seis ilhas.

Certa vez, um jovem de vinte e um anos esteve preso durante alguns dias, por ter apedrejado o Sr. Correia e o Missionário Rev. Howard. O Pastor Correia fez-se amigo do rapaz, e este veio a converter-se por causa do amor que este homem de Deus lhe demonstrou.

O Rev. Earl Mosteller, procedente do estado dos "cowboys" -Dakota do Sul-

reconheceu em José Correia um bom cavaleiro e referiu-se a ele como "um dos corredores mais asseados que já conheci".[3] Deus usou grandemente o Rev. José e D. Lina Correia. Os pais dele em Portugal praticamente o deserdaram por causa da fé que ele abraçou. Tendo partido para a sua recompensa, deixou viúva a D. Lina.

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. Basil Miller, *Miracle in Cape Verde (Milagre em Cabo Verde): The Story of Everett and Garnet Howard*, (Kansas City, MO: Beacon Hill Press of Kansas City, 1950), 154-155.
 2. Alice Spangenberg, *Jerusalem and Beyond (Jerusalém e Além): Christian Missions in the Cape Verde Islands and the Middle East*, (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1950), 41-42, 48.
 3. António Leite, carta (de 29 de Maio, 1995). *Bodas de Ouro: Igreja do Nazareno, 1908-1958 (Fiftieth Anniversary Album)*, (S. Vicente, Cabo Verde. Editora Nazarena,23.
-

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa por Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo verdiano.



De Barros, Luciano Gomes

1909 a 1999

Igreja do Nazareno

Cabo Verde

O Rev. Luciano Gomes de Barros é filho do General Augusto Figueiredo de Barros o qual foi governador das Ilhas do Cabo Verde. Luciano nasceu em Trindade na Ilha de São Tiago. Ele também foi empregado do governo, era um excelente fotografo profissional em Praia, São Tiago, a capital de Cabo Verde. Ele encontrou-se com o Senhor Iá em Praia. Ele era alto, bem educado, tranqüilo e de mansas palavras. A sua primeira esposa, Sra. Maria Augusta (Silva) Barros (? -1937), faleceu no nascimento do terceiro filho. Eles se amavam muito e a sua perda foi muito dolorosa pra ele.

Um dia em 1938 ao passar pela casa da missão ele escutou alguém cantando "Meu Lar Palácio de Marfim." Aquela musica o atraiu e ele entendeu o significado das palavras em inglês. A multidão lado de fora da janela do recinto Ihe disse que era uma missa protestante. No próximo culto ele foi um dos primeiros a entrar na casa vestindo um terno muito formal e sóbrio. Ele abriu seu coração com os pregadores e por ter encontrado conforto tornou-se um visitante assíduo. Nas semanas seguintes ele depositou as suas cargas em Cristo e foi totalmente santificado em 1940.

A primeira vez que ele convidou os protestantes nazarenos para ter um culto na sua casa, a sua mãe que era católica pegou o bebê dele e fugiu pela porta dos fundos. Passaram-se muitos anos até que ela também encontrou o Senhor e as desavenças foram curadas. Logo após, Deus o chamou para o ministério. Ele teve que orar muito para que Deus Ihe tirasse o medo de falar em público. Ele abandonou o seu negócio como fotógrafo mesmo ganhando quatro vezes mais que na função de pastor. Ele começou seu pastorado em Brava em 1943.

Casou-se com uma moça cristã muito dedicada, Ricardina (1920-). Tiveram oito filhos e cinco filhas. Eles tinham um sino pendurado na varanda que era tocado duas vezes por dia para chamar a todos para uma oração familiar. A vida de oração deste pastor trouxe muitos avivamentos, cura divina, libertação de possessão demoníaca e outros milagres. Por muitos anos ele carregava um pedaço de couro no bolso que ele usava para ajoelhar-se nas suas orações num lugar isolado próximo da vila. [1]

Assim que ele chegou a Fogo em 1946, eles ficaram por um período de quarentena na casa de alfândega. Não tinham comida ou água e o lugar ficava a uma milha da cidade. Após muita oração, finalmente ganharam permissão para ir até a cidade. Eles testemunharam sessenta conversões no seu primeiro mês em São Filipe.

Uma noite entre 1946 e 1941, no lado norte de Fogo, a sua mula tropeçou e derrubou a sua pasta. Isto aconteceu numa trilha montanhosa muito perigosa com um precipício cujo fundo eram rochas a beira do oceano. Ele não pôde achar a sua pasta, e era muito perigoso procurá-la na escuridão. Luciano Barros pediu ajuda e

um homem chamado Jesuíno Monteiro (o pequeno homem religioso), da vila vizinha chamada Bombardeio o auxiliou. Ele era um crente. Ao chegar à casa de Monteiro, Barros anunciou que tinha boas novas para a vila. Enquanto ele falava, eles escutavam com grande interesse por várias horas. Ele precisava de sua Bíblia que estava lá na pasta, então na manhã seguinte, um menino e ele voltaram lá e a encontraram.

Ao voltarem, encontraram todas as pessoas da vila reunidas. Um senhor e seus filhos tinham ido casa por casa e convidado a todo para irem à reunião. As pessoas escutaram até próximo do meio-dia. Então, antes de orar, o pastor disse que quem quisesse confessar os seus pecados a Deus e receber Jesus como Salvador, que desse um passo à frente. Todos deram um passo à frente. Pensando que eles não tinham entendido bem, explicou novamente. Uma vez mais, todos deram um passo à frente. Então, o homem que o tinha ajudado deu um passo à frente e disse: "- Senhor, vocês é quem não entende. Nós todos queremos orar com você." Aquele dia, Cristo veio a toda a vila. Todos oraram e reconheceram a Cristo como o seu Salvador. Algum tempo depois, durante uma amarga época de escassez e fome que atingiu às ilhas, aquela vila escapou. Eles relataram que nenhuma pessoa morreu de fome. Fogo é um dos maiores vulcões ativos no mundo. O seu cone tem aproximadamente três mil metros de altura. Colunas de fumaça freqüentemente saem dele. Entre as inundações de lavas e os férteis vales, muitas pessoas vivem e produzem cultivos tropicais tais como cana de açúcar, café, laranja, feijão e manga. Eles passar por uma terrível seca de cinco anos. Um terço das vinte e cinco mil pessoas morreram de fome e muitas abandonaram a ilha. Luciano Barros (chamado de Jeremias chorão de Cabo Verde) era pastor em São Filipe nessa época. Muitas vezes as pessoas só tinham uma refeição por dia.

Os mais atingidos eram aqueles que residiam dentro da cratera chamada Chã das Caldeiras. Através dos ministros Ilídio Silva e Luciano Barros, existia ali uma comunidade cristã devota. Todos os dias eles passavam uma hora, das quatro às cinco da madrugada, em oração. Uma crise os atingiu em março de 1946. A pequena, quase inacessível fonte de água, longe e fora da cratera secou. Um residente, Semiano Montround, explicou: "- A menos que Deus nos ajude, nós vamos morrer de fome e sede." Cada dia o sofrimento ficava pior. Estava chegando o fim deles.

Um dia Barros, desafiou aquele pessoal a orar pedindo chuva. Eles colocaram a sua fé em Isaías 41:17-18: "O pobre e o necessitado buscam água, e não a encontram! Suas línguas estão ressequidas de sede, mas eu o Senhor, lhes responderei; Eu, o Deus de Israel, não os abandonarei. Abrirei rios nas colinas estéreis e fontes nos vales. Transformarei o deserto num lago e o chão ressequido em mananciais."

O grupo de cristão acreditou na promessa de Deus. Um homem o expressou assim: "-Isto não é uma promessa pra nós aqui em Chã? Nós estamos em montanhas estéreis. Estamos procurando água. Eu estou orando por chuva." Todos voltaram para casa determinados a continuar orando e acreditar na promessa de Deus. [3]

De repente, ao amanhecer, o povoado reviveu. As pessoas estavam chorando, gritando, cantando, e falando alto. Uma fonte de pura água fresca estava jorrando da parede da cratera acima deles e pelo menos a trezentos metros sobre o nível do mar. Um reservatório foi rapidamente construído, e prontamente desbordou. Cinquenta anos depois, ainda estava jorrando. Barros liderou o povo em oração de agradecimento: "-Deus, tu o fizestes de novo! Como nos dias de Moisés o Teu toque fez a água jorrar da rocha."

Em 1948, quando Barros era pastor em Santa Catarina, no interior de São Tiago, um jovem de dezoito anos foi visitá-lo. Alguns anos atrás uma doença deixou o Sr.

Olvindo dos reis (n.1930-) completamente surdo. O seu amigo Muchinho tinha se convertido num culto nazareno e relatou o fato a Olvindo usando a língua de sinais. Olvindo foi com ele à casa do pastor. Ele não podia escutar nada do que o pastor dizia, portanto não podia entender como encontrar a salvação. Havia um desejo no seu coração, mas ele não podia escutar nada das orações do pastor ao seu favor. Barros fez três longas orações, e nada aconteceu.

Então, em desespero, ele levantou a sua voz e orou: "-Oh, Deus de toda a misericórdia!". Olvindo repetiu, demonstrando entender pela sua expressão facial. Ele conseguiu repetir toda a oração após as palavras do pastor, sem nenhum erro, e foi salvo. A restauração parcial da audição de Olvindo continuou. Em 1958, foi relatado que ele ainda podia escutar sons a curta distância.

Barros cavalgava na sua mula todas as semanas, até uma pequena capela em Ribeira da Barca a quinze milhas de Santa Catarina. Depois de visitar diversos lares durante toda a tarde e pregar durante a noite, ele voltava para casa pela tortuosa trilha da montanha. Ao cavalgar na escuridão, ele começou a ficar cada vez mais preocupado, porque ninguém tinha se convertido naquele dia. Desmontou da sua mula e ajoelhou-se para orar. Pouco tempo depois, um estranho, José dos Santos, vinha passando num burro. Eles cavalgaram juntos e conversaram. Barros relata: "-Deus colocou na minha boca as palavras certas para falar-lhe". Pouco depois, dos Santos pediu para orar e encontrou o Senhor, lá mesmo ao lado da trilha. Apesar de ser tarde da noite, o homem insistiu que Barros o acompanhasse até a sua casa. Ele acordou a sua esposa e sua sogra que estavam dormindo, e o pastor leu a bíblia pra elas e lhes falou por pouco tempo. As duas foram convertidas naquela noite.

Pouco tempo depois, ele visitou o missionário Earl Mosteller, e voltou a São Tiago num navio a vapor. Barros escreveu sobre a sua viagem: "-Dois homens se converteram a bordo do meu navio na noite passada, um passageiro de São Vicente que estava indo para a África e outro que embarcou em Lisboa, Portugal, para Praia." Durante os anos que passaram em São Nicolau, a Sra. Ricardina Barros subia pelas trilhas, as montanhas rochosas. Ela encontrou um grupo receptivo na vila montanhosa de Farjã. Ali ela presenciou a conversão de famílias completas e uma igreja forte se organizou. Em 1975 ela teve a honra de cortar a fita da consagração de um lindo edifício da nova igreja, a primeira igreja protestante na ilha. Esta foi a última das nove ilhas do arquipélago, onde a Igreja do Nazareno se estabeleceu. [4]

Ao falar do Rev. Luciano de Barros, o missionário Everette, disse: "-Ele é tão bom orador quanto os melhores. (...)" Nos cultos de domingo pela manhã, em Praia, a casa está sempre cheia com "algumas das pessoas mais finas da cidade. Têm professores da escola pública, oficiais dos correios e praticamente de todos os departamentos do governo." [5]

Após a sua aposentadoria, o Rev. Luciano de Barros, residiu em Portugal. Dois de seus filhos: Jorge e Daniel, com suas respectivas esposas Manuela e Maria Luisa, se tornaram pastores em Cabo Verde. O Rev. Jorge Barros, mais tarde foi para o Departamento de Publicações, em Kansas City, Missouri, EUA. O Rev. Daniel se tornou pastor na igreja de Ponta Delgada, dos Açores, e superintendente dos distritos dos Açores e Sul de Portugal. [6]

O vulcão em Fogo entrou em erupção em 1951; mas tudo estava calmo e pacífico até o começo de abril de 1995. Perto da meia noite, a terra começou a tremer perto da base do cone. A montanha então entrou em erupção, lançando rochas e cinzas sobre a área, seguidos de jatos de fogo e lava. Gases tóxicos inundaram o ar. O pacífico vale de Chã de Caldeiras, prontamente ficou coberto com capas frescas de lava. As casas, os campos, os jardins e as estradas, todas foram cobertas por uma

corrente quente de rochas derretidas. As pessoas da área acordaram com o som da terra tremendo, assim que o vulcão entrou em erupção. À medida que as rochas, areia e cinzas começaram a cair sobre as suas casas e em sua volta, o terror se espalhou. Eles começaram a correr procurando se salvar, levando os bebês e as crianças pequenas. Os velhos e doentes eram auxiliados. Milagrosamente, nenhuma vida foi perdida. As estimativas mostraram que aproximadamente duas mil pessoas foram atingidas.

O governo imediatamente providenciou tendas, comida e provisões. O Ministério de Compaixão Nazarena, representado pela Liga Nazarena de Solidariedade e seu presidente, Rev. Aderito Ferreira, rapidamente enviaram cobertores e outros itens necessários. O Rev. Ferreira era pastor na igreja de Tarrafal, na área de São Tiago. O Ministério de Compaixão Nazarena, em colaboração com o Bright Hope International, contribui para a reconstrução das casas das vítimas da erupção. A Liga continua a ajudar. O pastor leigo Carlos Graça da Igreja de Patim, serviu no comitê e continua a auxiliar as pessoas atingidas.

Paul S. Dayhoff

Notas:

1. Donald Reed, J. Elton Wood, e Jeanine Van Beek, *Upon This Rock: Nazarene Missions in the Middle East, Cape Verde, and Europe*, (Kansas City, MO: Casa Nazarena de Publicações, 1972), 66.
 2. Everette Howard and Jorge de Barros, *The Seed and the Wind*, (Kansas City, MO: Casa Nazarena de Publicações, 1982), 29-31.
 3. Olive G. Tracy, *The Nations and the Isles: A Study of Missionary Work of the Church of the Nazarene in the Nations - Israel, Jordan, Syria, Lebanon, Italy - and the Isles - the Cape Verde Islands*, (Kansas City, MO: Casa Nazarena de Publicações, 1958), 213-214; Lorraine Schultz, *Because Somebody Prayed: Miracles in Nazarene Mission*, (Kansas City, Casa Nazarena de Publicações, 1994), 36-40.
 4. Rev. J. Elton Wood, carta (29 Março 1996).
 5. Basil Miller, *Miracle in Cape Verde: The Story of Everette and Garnet Howard*, (Kansas City, MO: Beacon Hill Press of Kansas City, 1950), 145.
 6. Earl Mosteller, carta: (21 de abril, 1995); Dr. Jorge Barros, relatório (Kansas City, 28 Julho 1995); Luciano Barros ao Rev. Earl Mosteller, carta (17 Abril 1995).s
-

Este artigo é produzido com permissão de *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene* copyright © 1999 por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos são reservados.



Dias, Manuel
1925 a 1981
Igreja do Nazareno
Moçambique

Manuel Martins Carlos Dias foi salvo em Lourenço Marques (Maputo), Moçambique, através do ministério do Rev. Floyd Perkins em 1955. Manuel Dias foi para África do Sul para fazer um curso para o ministério em espanhol e foi santificado em 1956 na Igreja Three Rivers em Vereeniging.

Foi nomeado pastor de congregação portuguesa da Primeira Igreja de Lourenço Marques, destacou-se pelo seu empenho na construção da igreja no centro da cidade. Uma senhora de mais de trinta anos de idade tornou-se cristã e trouxe mais de trinta livros abomináveis e outros objetos impuros da sua casa. Tiveram um culto de incineração e os destruíram.

Durante o seu pastorado ele começou um curso de extensão da Faculdade Bíblica. Ele também serviu na Igreja de Matola. Manuel Dias foi ordenado pelo Dr. Williamson em 1961. [1]

Em 1966 ele teve um papel importante na conversão do padre católico Rev. Acácio Pereira. Rev. Pereira o sucedeu como pastor da congregação da primeira Igreja de Lourenço.

O Rev. Dias foi um verdadeiro cristão e um cavaleiro da mais alta estima. Para ele a vida foi dura, mas a ida para o lar celestial foi maravilhosa. [2]

Paul S. Dayhoff

Notas:

1. "Our Portuguese Church of the Nazarene," *The Other Sheep*, revista Missionária da Igreja do Nazareno (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, Dezembro 1959), 7. Betty L. Emslie, 1966, *Continent in a Hurry: a Study of Nazarene Missions in Africa* (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena. 1966), 143.

2. Minutas da Assembléia Distrital do Distrito da África do Sul, 1981, relatório de memórias.

Este artigo foi reproduzido com a permissão de: *Africa Nazarene Mosaic: Inspiring Accounts of Living Faith*, primeira edição, (Florida, Gauteng, África do Sul: publicações Nazarenas da África, 2002), copyright © 2001 por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos são reservados.

Domingues, Adelina
1888 a 2002
Igreja do Nazareno
Cabo Verde

Adelina Domingues viveu em Brava, uma das menores ilhas e uma das mais atingidas pela seca de Cabo Verde. No dia em que Adelina nasceu seu pai, um jovem piloto do porto, estava em alto mar pilotando um navio na entrada de Furna. O capitão da escuna era um amigo de infância de uma pequena vila na Itália, onde foram criados. Ao chegar em casa naquele dia, o capitão colocou na mão esquerda do bebê uns brincos de ouro muito caros, no momento em que o pai colocava na mão direita do bebê a moeda de ouro que acabara de ganhar. O capitão fez um pedido para que quando Adelina crescesse, ela fosse tão pura quanto o ouro. Nenhum deles sabia como orar, mas aquele desejo teria um tremendo impacto na sua vida de adulta. Sua mãe, freqüentemente lhe contava aquela história, e ainda menina estava determinada a fazer o melhor possível para preencher aquele desejo. Suas primeiras lembranças quando tinha quatro anos, era de ir a cavalo ou numa charrete com o seu pai até a praia em Cabo Verde.

Todos os residentes de Brava eram católicos romanos e os padres lhes controlavam ameaçando-lhes com a promessa de ficar mais tempo no purgatório. Adelina teve uma vida pura de acordo com os seus conhecimentos e era muito religiosa. No entanto, os rituais e as cerimônias não satisfaziam a sua fome de significado real para a vida e a adoração. Ainda adolescente, ela entrava debaixo das árvores de café do vale e orava: "- Deus, a minha mãe me diz que você está no céu, mas está na terra também. Você pode mandar um anjo pra que me diga o que fazer para ser perdoada e não ter que ir para o purgatório?" O anjo, nunca veio.

Quando ela tinha dezoito anos, foi acertado para casar-se com o Sr. José Manuel Domingues. O seu casamento foi arranjado. Ele era filho de uma família muito próspera, mas ainda menino fugiu de casa para trabalhar como ajudante na cozinha de um navio baleeiro. Numa parada na Flórida, algumas moças da Missão Bethel, presentearam José com uma bíblia em português. Algumas semanas mais tarde em Providence, Rhode Island, ele conheceu três jovens cabo-verdianos que o convidaram para ir à igreja. Lá na Igreja nazarena da Providência do Sul, ele

escutou a história da salvação pela primeira vez, e tornou-se um seguidor de Jesus Cristo. Quando os quatro rapazes voltaram para casa, a família de três deles, responderam favoravelmente ao seu testemunho, mas não foi assim com a família de José.

A família de José era católica romana fanática, e rejeitou com raiva o seu testemunho de salvação e começou a persegui-lo com propósito de destruir a sua nova fé. Os homens o pegaram a força e derramaram uísque na sua cabeça e na sua boca, mas não conseguiram deixá-lo bêbado. Ele tornou-se ativo auxiliando João Dias no começo da Igreja do Nazareno em Cabo Verde. A sua família tentou dissuadi-lo, dando-lhe muito dinheiro e acesso a mulheres de moral questionável. Não conseguiu resistir esta tentação, e começou uma vida de promiscuidade sexual, que continuou depois do casamento.

Poucos dias após o seu casamento em 1906, José partiu para os Estados Unidos numa pequena escuna. Ele tinha observado o zelo supersticioso da sua esposa nos rituais de votos da sua obrigação da fé católica. Um dia ele lhe disse: "-Eu vou sentir muito se eu morrer na condição em que estou e for para o inferno e encontrar-me com você lá, também, com todo o seu desejo e sinceridade de religião, mas sem salvação." Antes de partir para a viagem, ele falou para ela sobre o caminho da salvação e trouxe a bíblia da casa dos seus pais para a sua casa. Ele a tinha escondido quando eles tentaram tomá-la sete anos atrás. Ele a desafiou a ler a bíblia, e descobrir o caminho verdadeiro. Na manhã seguinte ela subiu ao topo de uma montanha para ver o navio do seu marido desaparecer no horizonte. Naquela noite, depois que todos foram dormir, ela pegou a bíblia. Tremendo de medo, ela abriu o livro proibido e leu a história de Nicodemos. Então ela começou a orar. De repente, alguma coisa aconteceu: "- Senti um gozo indescritível. Cai de joelhos ao lado da cama e comecei a falar com Deus, 'você entrou no meu coração, vou começar uma nova vida.'" Passada a meia-noite, ela orou: " -Senhor, o que queres que eu faça?" Ela escutou a resposta: "-Quero que leves meu nome às pessoas mais pobres, e que tu os ames por mim, esta é a tua tarefa por toda a tua vida." Estando sozinha sob a guia do Espírito Santo, ela não somente encontrou a salvação, mas foi completamente santificada. [1]

Ela emigrou com o seu marido em 1907 e ele trabalhou como pescador em New Bedford, Massachusetts. Alguns anos mais tarde, ela saiu num domingo de manhã para encontrar uma igreja. Ela perguntou a um homem numa esquina: "- Onde há uma boa igreja onde as pessoas gostem da sua religião?" Ela foi encaminhada a uma pequena Igreja de Nazareno a poucas quadras dali. Prontamente ela se tornou uma parte vital da congregação e mais tarde organizou uma missão entre os cabo-verdianos. O trabalho que ela começou tornou-se o melhor no distrito da Nova Inglaterra. Ela trabalhou numa fábrica, para ter recursos para enviar bíblias, comida e roupa para Brava. Tornou-se uma maravilhosa pregadora conhecida por suas fortes e apaixonadas pregações, e multidões iam escutá-la.

Ela orou pela conversão do seu marido durante toda a vida. O Senhor Domingues ficou muito doente no hospital, e arrependeu-se. Três semanas antes que ele morresse em 1950, ele reencontrou o Salvador que havia conhecido na juventude. O seu tributo à sua esposa foi: "-Jamais vou encontrar ninguém com tanto amor." [2]

Adelina visitou Brava em 1953 e viajou pela região com os missionários, Rev. Earl Mosteller e Sra. Gladys Mosteller, e outros trabalhadores. Às vezes por mar em barcos à vela ou por terra no lombo de burros. Em cada lugar que ela testemunhava, as pessoas respondiam e encontravam o Senhor. Earl Mosteller relatou que eles ficaram atônitos quando um dos principais pastores veio e disse que ele estava renunciando. Ele tinha sido fortemente tentado, e sentia que estava

sendo vítima de injustiça. Eles chamaram Adelina Domingues para que orasse por ele. Ela começou a dizer-lhe como Cristo tinha sofrido: "- Com lágrimas caindo de seus olhos e sua voz elevando-se de maneira dramática, nós começamos a sentir um pouco do sofrimento de Cristo. Como resultado direto da sua oração, o pastor voltou a sua função. Ele retornou a servir em uma das maiores igrejas de Cabo Verde e tornou-se um dos mais eficazes superintendentes distritais."

Ela ministrou em Cova de Joanna, Brava. Foi relatado que por dois meses ela visitou, orou, exortou, testemunhou, advertiu e chorou, até que cada taberna na vila foi fechada e as danceterias pararam de funcionar. Todos os músicos das da noite se converteram. A Sra. Adelina Domingues, doou uma casa para servir de lugar de reunião para a nova congregação. Ela doou a propriedade da família em Cabo Verde para a Igreja do Nazareno do lugar.

De acordo com fontes familiares, Adelina Domingues viveu sozinha em sua casa, até a idade de 107 anos, e freqüentemente preparava o almoço de domingo para as visitas. Ela não só viveu mais que o seu marido, mas também mais que os seus quarto filhos. Ela era costureira. O seu neto Murphy disse: "- Se ela não estava costurando, ela estava fazendo coisas para ajudar a outros, ou estava lendo a bíblia e orando."

No dia dezanove de fevereiro de 1998, Adelina completou 110 anos de idade. Ela tinha perdido a sua audição, e a sua memória não sempre era muito boa. A Srta. Vivian Sloan a visitava regularmente, e os seus parentes mais próximos a visitavam sempre que podiam. Quando ela tinha 113 anos de idade em outubro de 2001, a sua nora Rosalie Domingues e a sua mãe, Rosemary Swanson junto com as meninas Tiffany e Annalesa, a visitaram num domingo. Uma amiga, Vivian Sloan, se mantinha em contato com ela regularmente. Adelina falou que aguardava a volta do Senhor, e que todos seriam levados. [3] Ela atribuía a sua longevidade, em parte, as sua grande fé. Ela viveu numa casa para idosos, chamada Brighton Place em Spring Valley, Califórnia, desde 1956. Adelina morreu dormindo em 23 de agosto de 2002, com 114 anos, a pessoa mais idosa na América. Aquele foi o seu dia de coroação. O dia do seu nascimento em 19 de fevereiro de 1988 foi verificado pelo Consulado de Cabo Verde em Boston. A família sempre achou que ela era um ano mais velha. [4] Ela ganhou o registro do Livro de Recordes, como a pessoa mais velha nos EUA e a segunda mais velha no mundo. Uma senhora Japonesa cinco meses mais velha que ela, foi considerada a mais velha. Os descendentes de Adelina incluem cinco netos e nove bisnetos. [5]

Paul S. Dayhoff

Notes:

1. O. Tracy, 1958, *The Nations and the Isles: A Study of Missionary Work of the Church of the Nazarene in the Nations, Israel, Jordan, Syria, Lebanon, Italy, and the Isles, the Cape Verde Islands*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena), 187-88; Srta. Vivian Sloan, carta, 19 de Julho, 1995.
2. E. Mosteller, 1958, *Cape Verde Travelogue*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena), 73; Earl Mosteller, carta, Seattle, Abril 21, 1995; Gene van Note, 1981, *Holiness in the Marketplace*, (Kansas City, MO: Beacon Hill Press of Kansas City), 18-27.
3. Vivian Sloan, carta de Lemon Grove, Califórnia, 13 de Outubro, 2001.
4. "Mulher Nazarena, 115, Provavelmente a Pessoa mais Velha do Mundo," *Holiness Today*, revista da Igreja do Nazareno re reemplaçou *The Herald of Holiness* e *World Mission*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, Julho de 2001), 40.

5. Jack Williams, escritor da redação, artigo em *The San Diego Union-Tribune*, (Agosto 24, 2002), A1, A14.

Este artigo é reproduzido com a permissão de *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, copyright © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos são reservados.



Ekaidem, Jeremiah
c. 1912 a 1990
Igreja do Nazareno
Nigéria

Jeremiah U. Ekaidem veio a ser líder de um grupo que, por iniciativa própria, começou o trabalho da Igreja do Nazareno em Nigéria. Este país é o mais populoso da África, com cerca de cem milhões de habitantes, os quais englobam 500 grupos étnicos e expressões lingüísticas diferentes.

Durante a Segunda Guerra Mundial, um crente nigeriano serviu nas forças aliadas no Norte de África e na Europa. Nos finais de 1940, ele encontrou um nazareno que fazia parte da tripulação de um barco da marinha mercante que atracou em Lagos; esse tripulante deu-lhe um folheto que trazia no fim o endereço da Igreja do Nazareno. Ficou profundamente impressionado com aquilo que ouviu e leu. Acabou por compartilhar as suas impressões com a pequena igreja à qual pertencia, ao regressar a casa. Jeremiah tinha dificuldades com a educação dos filhos na sua igreja. Assim, tanto ele como alguns outros saíram. Em Abak iniciaram uma escola e igreja, à qual deram o nome de Igreja do Nazareno. A igreja, então, ficou sob a responsabilidade do Rev. Umoh.

Na região sudeste da Nigéria, localiza-se uma área ocupada pelos povos Ibibio e Ibo. Alguns desses povos trabalham na empresa moderna de preparação de plantas. Outros são fazendeiros e ocupam-se limpando matas e cultivando vários tipos de tubérculos e grãos.

Durante alguns dos anos subseqüentes, mantiveram correspondência com a Sede Internacional, em Kansas City, Missouri, EUA. O Superintendente Geral, Dr. Hardy Powers, fez estadia na Nigéria em 1951, procurando encontrá-los, porém não conseguiu contacto com eles, porque naquele momento havia dificuldades de comunicação.

Jeremiah Ekaidem fazia parte do grupo que, em 1964, com a ajuda do Procurador da República, conseguiu registrar a Igreja do Nazareno na Nigéria. Apresentaram o Manual como sua Constituição. A Igreja continuou a operar como num distrito devidamente organizado, mas não tiveram êxito em conseguir uma visita da "sua Igreja". Uma outra organização deu-lhes abertura, e a ela se uniram por algum tempo, mas acabaram por reconhecer as diferenças doutrinárias; assim, regressaram à Igreja do Nazareno.

Os missionários nazarenos Reverendos. George Hayse e Jack Riley, durante a visita que fizeram à Nigéria, no início de 1980, procuraram localizar o grupo, mas falharam em seus esforços.

Finalmente, em junho de 1986, o Dr. Bruce Taylor recebeu uma carta do Rev. J. U. Ekaidem explicando a situação deles, ao passo que convidava a igreja a aproximar-se até eles. Disse ele, em parte: "Soubemos que o Sr. esteve aqui na Nigéria. Nós somos a Igreja do Nazareno registrada. Desejamos que venham visitar-nos, porque queremos fazer parte da Igreja do Nazareno Internacional.". O Dr. Taylor conseguiu encontrar-se com eles, tendo procedido a negociações complexas e delicadas durante os dois anos que se seguiram. No dia 3 de abril de 1998, o reconhecimento deles foi consumado. O Rev. Ekaidem disse nesse dia: "Esperei durante quarenta anos que a minha igreja viesse e agora nós somos um!".

Havia já cerca de 40 igrejas, com 6.559 membros. As congregações oscilavam entre os 30 e os 300 membros. A igreja maior ficava no distrito central, em Abak, num edifício atrativo de blocos de cimento, o qual acomodava com facilidade cerca de mil e quinhentas pessoas. Muitas igrejas de dimensões menores são de bambu e cobertas de colmo. Na maioria, são igrejas rurais. Os membros vivem da agricultura. Apenas vinte por cento chegaram ao nível da escola secundária.

Cerca de metade deles possui o ensino primário e pode ler e escrever na sua própria língua, que é o effik. Apenas alguns pastores conseguem fazer uso do inglês com certa facilidade. A maior indústria local é a extração do óleo de palma.

As credenciais do Rev. Jeremiah U. Ekaidem foram reconhecidas, sendo designado superintendente do distrito.[1] Os membros deste grupo, entretanto, não têm qualquer outro conhecimento da Igreja senão aquele que obtiveram do Manual. A maior preocupação e necessidade deles é a educação teológica, a fim de que os pastores e o povo sejam instruídos nas Escrituras. Havia muito por fazer. Em 1988 organizou-se o Colégio Teológico Nazareno da Nigéria.[2]

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. *Trans African*, (Florida, Transvaal, e África do Sul: Africa Nazarene Publications, janeiro-fevereiro de 1990), 5. (Março-Abril, 1990),12. (julho-agosto de 1990), 13.
2. Linda Seaman, *Where The river Flows* (Onde Flui o Rio), (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1997), 62-66.

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul

S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa por Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo verdiano.



Ferreira, Francisco Xavier
1909 a 1984
Igreja do Nazareno
Cabo Verde

O Rev. Francisco Xavier Ferreira foi um pioneiro. Nascido em São Vicente se converteu em Brava, em 1934, através do ministério de João Dias. Ele relata como as pedras assobiavam sobre as suas cabeças quando os missionários Rev. Everette Howard e a Sra. Garnet Howard chegaram em 1936. [1] Ele trabalhava para a administração do governo, mas saiu em 1931. Ele se converteu em 1934 e foi inteiramente santificado em 1932, e foi chamado a pregar. A sua esposa foi Isaura de Azevedo e tiveram dois filhos e uma filha. Ele foi pastor em cinco das ilhas. [2]

Quando os obreiros missionários por primeira vez tentaram entrar em Maio, em 1940, o chamado "rei" da ilha, o Sr. António Évora, lhes escreveu uma nota dizendo: "- Se vocês tentarem desembarcar, eu mandarei que os joguem no oceano." Ele era um gigante de dois metros e vinte e um de altura e provavelmente a pessoa com melhor saúde na ilha. Os obreiros partiram, mas "o rei" mais tarde foi até eles e encontrou o Senhor. Em 1949, Ferreira relatava desde Brava: "- A igreja católica com a cooperação de alguns oficiais do governo tem perseguido a nossa igreja e a nossa escola dominical. Alguns desses oficiais do governo ameaçaram as nossas crianças com punição corporal e reprovação nos exames se eles fossem à escola dominical.

Ferreira ajudou no começo da igreja em Achada, São Tiago. Eles eram freqüentemente eram apedrejados ao subir os morros para visitar as vilas. Apesar de fugirem, muitas vezes eram atingidos. Sendo que nenhuma casa os recebia, eles tinham uns cultos na rua com as costas contra a parede da casa do Sr. Francisco da Veiga. Num domingo, próximo do fim de 1938, ele veio ao culto. No domingo seguinte eles estavam cansados de fugir dos apedrejamentos e entraram na casa sem ser convidados. A filha dele lhes ofereceu água, como é de costume no lugar.

Aquele dia, Francisco da Veiga, ajoelhou-se no piso da sua sala e encontrou a Jesus

como o seu Salvador. O Senhor Chico, como era conhecido, era um trabalhador muito dinâmico, e incrivelmente rápido. Ele era um ótimo mestre-carpinteiro, fabricante de móveis e construtor. Em 1952, foi condecorado pelo admirador, Américo Tomaz, presidente da República Portuguesa. Quando da Veiga faleceu, a sua viúva e os filhos continuaram a ajudar na igreja de Achada. [3]

Uma vez em 1946, Francisco Ferreira e Everette Howard foram pegos numa terrível tormenta no extremo sul de Fogo num pequeno veleiro furado de aproximadamente vinte e seis metros. Para evitar ser lançado fora da embarcação, o missionário foi amarrado no mastro, Ferreira amarrado na bomba, e o capitão no leme. Sem coletes ou botas-salva vidas, aquilo foi uma experiência aterrorizante. Estavam com tanto medo que nem sentiram enjôo, mas oraram. De repente, tudo ficou calmo e voltaram para o porto em Praia. [4]

O Missionário Paul Stroud escreveu sobre ele dizendo que era carinhosamente chamado de Senhor Chiquinho (Frankie). Ele não era somente pastor, mas também advogado e assessor de todos os que lhe procuravam de dia ou de noite. Everette Howard relata que a sua cabeça era como uma calculadora. Seu amor e a sua preocupação pelo seu povo irradiaram através de todo o seu ministério. Ele foi o melhor exemplo de um pastor servo. Silenciosamente, ele carregava uma grande carga. No nascimento do seu terceiro filho, a sua esposa teve transtornos mentais. Sem reclamar, ele cuidou por muitos anos a sua esposa doente e seus três filhos. [5]

O Rev. Francisco Xavier Ferreira foi indicado como o primeiro superintendente do Distrito de cabo Verde, pelo superintendente geral Edward Lawlor em 1975. O seu filho Gamaliel casou-se com a filha de Ilídio Silva, chamada Lotty. [6] Em 1979 ele se aposentou e mudou-se para os EUA. Morreu em Rhode Island, após uma luta contra o câncer.

No dia 13 de Agosto de 1994 foi inaugurada a Igreja do Nazareno Francisco Xavier Ferreira, em sua memória, em Tarrafal, São Tiago. A igreja foi construída num período de muitos meses através do esforço de várias equipes do programa: "Trabalho e Testemunho" dos EEUU, do coordenador do programa para a África Oriental, do Rev. Paul Stroud, e do pastor da igreja Rev. Adérito Ferreira. A igreja sediou as assembléias do distrito e as convenções. .

Paul S. Dayhoff

Notas:

1. Francisco Xavier Ferreira, "Uma Carta Aberta," *Outra Ovelhas*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, Janeiro 1952), 8-9.
2. Donald Reed, J. Elton Wood, e Jeanine Van Beek, *Sobre esta Rocha: Missões Nazarenas no Oriente Médio, cabo verde e Europa*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, 1972), 69.
3. Francisco X. Ferreira, "Relatório," *Missão Mundial*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, Março 1982), 9.
4. Everette Howard e Jorge de Barros, *A Semente e o Vento*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, 1982), 19ff; Earl Mosteller, carta (21 Abril 1995); "Xavier Ferreira Memorial Church Dedication," in *Trans Africana*, (Florida, Transvaal, África do Sul: Publicações Nazarenas da África, Novembro-Dezembro 1994), 12.
5. Paul Stroud, carta (6 Maio 1992).
6. Howard e de Barros, 29-31.

Este artigo foi reproduzido com a permissão de *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, copyright © 1999 por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos são reservados.



Gomes de Jesus, António "Tec"
1900 a 1972
Igreja do Nazareno
Cabo Verde

O Pastor António "Tec" Gomes de Jesus nasceu em Brava e foi o primeiro pastor depois do Pastor João Dias a entrar no ministério em tempo integral. A sua esposa era Gregória (1907-1992) e tiveram nove filhos. António nasceu em Brava e escutou o evangelho pregado por primeira vez por João Dias em 1924. Em 1929 ele se converteu em São Vicente, quando um evangelista, Lisboaeta, Rev. José Ilídio Freire, visitou a ilha. [1]

António tinha uma barbearia e venda de bebidas muito populares. Imediatamente ele destruiu os estoques de vinho e bebidas alcoólicas e começou a vender bíblias e Novos Testamentos no lugar. Ele começou os cultos da missão na casa de um amigo. [2] As pessoas na cidade de Mindelo contam sobre a primeira vez que ele testemunhou. Na barbearia ao atender um cliente, segurou uma navalha muito afiada no seu pescoço e perguntou lentamente: "- Você está seguro da salvação de sua alma?" O homem o escutou com muita atenção, intrigado sobre as intenções do barbeiro. Então, António lhe disse como encontrar Jesus como Salvador.

Em 1933 ele foi pioneiro num trabalho em Santo Antão e fez bancos de igreja aproveitando madeiras dos destroços e um navio avariado.[3] Gomes comprou uma fazenda com o dinheiro da venda de sua barbearia, e no começo caminhava onze quilômetros para fazer visitação e cultos em Porto Novo. Depois de escutar insistentes histórias no mercado sobre o livro milagroso "Livro dos Santos" ele junto com os missionários Rev. Everette Howard e Sra. Garnet Howard, decidiu investigar. Depois de uma viagem muito difícil através das montanhas vulcânicas sobre o lombo de mula, eles acharam o "Bom Homem" com o livro. Ninguém sabia como o livro tinha chegado ao vale de Garça. O homem começou a ler o livro, e foi tocado no seu coração. Ele chamou seus vizinhos que se juntaram na frente da sua porta para ouvir a leitura. Tornou-se um costume que a cada noite de lua cheia o

povo se reunia e ele lia o livro.

O velho homem convidou o grupo de missionários a ficar em sua casa sendo que era noite de lua cheia e lhes disse: "- Amigos, vocês devem ler esse livro, vai lhes ajudar. Você sabe senhor, desde que estamos lendo o Livro, nós temos aprendido algumas coisas. Nós descobrimos que nós podemos confessar os nossos pecados a Deus. Não precisamos pagar um homem para confessar os nossos pecados, porque você pode confessar os pecados do seu coração diretamente a Deus, e ele lhe perdoará. Eu sei, porque um dia falamos sobre isto, e o fizemos, e Deus veio aos nossos corações e agora estamos felizes. Nós sabemos que ele perdoou os nossos pecados."

Ele contou como o padre ficou muito irritado porque as pessoas não se confessavam mais com ele. Um dia o padre simplesmente desapareceu nas montanhas, e ninguém jamais ouviu falar sobre ele.

António Gomes se abraçou no homem emocionado, e começou a pular em volta louvando ao Senhor. Ele disse: "- Nós somos povo de Deus e trouxemos uma nova cópia desse livro precioso, a Bíblia Sagrada". O homem ficou muito feliz com o presente e apresentou os visitantes naquela noite, como se fossem de outro planeta. António pregou uma magnífica mensagem evangélica. Os visitantes lhes ensinaram algumas canções, e eles rapidamente aprenderam os acordes na guitarra. O Espírito Santo tinha ensinado aquelas pessoas a orar. Muitos deles tinham nascido de novo, e alguns tinham sido curados milagrosamente. Eles não freqüentavam mais a pequena capela no centro da vila que estava cheia de imagens. A mesma estava em ruínas e o teto estava caindo. Não havia nenhum pastor no lugar, mas foi acertado que o pastor de Povoação visitasse a vila duas vezes por ano com cultos de bênção e encorajamento para aquelas pessoas. [4]

Quando o pastor chegou por primeira vez em Maio, os meninos do porto tinham sido avisados e ameaçados para não ajudá-lo a desembarcar. O Pastor Gomes orou do lado das correntes da âncora, e Deus lhes enviou um bote para desembarcar. O padre local o levou a julgamento com acusações falsas. Finalmente o juiz e algumas das famílias dos líderes da ilhas foram ganhos para o Senhor. Em 1950 ele relatou que o Sr. Évora, o "rei de Maio," e sua família eram todos bons nazarenos e estavam colaborando muito com o trabalho do Senhor naquela ilha. [5] O filho de Gomes, David, tinha uns dedos muito curtos que quase não conseguiam segurar um lápis. O padre bateu nele, porque ele se negou a orar diante de um crucifixo. [6]

O Pastor "Bomba Atômica" Gomes, sempre fez coisas grandes. Em 1956, ele viajou de férias durante três semanas de Praia a Porto Novo, em Santo Antão, um lugar onde não havia Igreja do Nazareno. Ao retornar, ele relatou que setenta e cinco pessoas tinham sido convertidas, e uma igreja tinha sido começada. [7]

O Pastor António Gomes e a Sra. Gregória Gomes foram pioneiros e construíram monumentos nos corações das pessoas. Apesar de não ter uma educação formal muito grande, ele deu um testemunho vital da vida cristã. Ele era muito dinâmico e muito gentil, com mensagens muito tocantes. Os Gomes serviram em cinco das nove ilhas, e doze anos depois da morte de António, existiam crentes firmes em todas essas ilhas como resultado de seu ministério. A filha deles diz que devido ao trabalho pastoral dos seus pais nas ilhas, onde não havia escola secundária, os oito filhos receberam só a educação primária. Eles sofreram muita perseguição e o fato de terem ganhado a tantos católicos romanos para Cristo, foi realmente um milagre da graça Divina. [8]

Paul S. Dayhoff

Notas:

1. Olive G. Tracy, *As Nações e as Ilhas: um Estudo do Trabalho Missionário do Trabalho Missionário da Igreja do Nazareno nas Nações: Israel, Jordânia, Síria, Líbano, Itália - e as Ilhas - Ilhas de Cabo Verde*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, 1958), 191.
2. E. Howard, "Our Work in San Antão," *The Other Sheep*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, Fevereiro 1939).
3. Donald Reed, J. Elton Wood, e Jeanine Van Beek, *Upon This Rock: Nazarene Missions in the Middle East, Cape Verde, and Europe*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, 1972), 62, 71.
4. Everette Howard e Jorge de Barros, *The Seed and the Wind*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, 1982), 40-44.
5. E. Howard, "Volcanic Victories," *The Other Sheep*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, Dezembro 1951), 10.
6. Alice Spangenberg, *Jerusalem and Beyond: Christian Missions in the Cape Verde Islands and the Middle East*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, 1950), 61.
7. Earl Mosteller *Cape Verde Travelogue*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, 1958), 46.
8. António M. Barbosa, carta com informação sobre a filha de António Gomes de Jesus (9 Julho 1992).

Este artigo é reproduzido com a permissão de *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, copyright © 1999 por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos são reservados.



Guiva, Ester
c. 1911 a 1994
Igreja do Nazareno
Moçambique

A Pastora Ester Danisane Guiva (1911 a 1994) era de Macatecane. Três anos depois de falecer o pai, quando ela tinha dez anos, a família entregou Ester aos demônios. Eles dedicaram-na como "esposa" dos espíritos ancestrais para que fosse a medianeira da família. Isto foi feito com o fim de proteger a família das doenças e para angariar dinheiro através do seu trabalho como curandeira tradicional e feiticeira. A família tratava-a com grande respeito, ajoelhando-se diante dela para se comunicar com os espíritos. Ela era possesora de demônios.

Quando Danisane completou dezessete anos, ela começou a ir aos cultos atrás dos irmãos, quando estes foram à igreja. Porém, a mãe dela proibiu-lhe ir à igreja. Uma das suas irmãs tinha-se casado com um obreiro; esta insistia com Danisane para deixar os espíritos e arrepende-se. Num domingo ela assistiu ao culto e se arrependeu. Então levou os artigos do culto aos demônios para serem queimados, e tomou o nome de Ester. A mãe dela ficou muito perturbada, porque ela estava certa de que isto havia de trazer calamidade, doenças e morte à família.

Alguns meses depois, durante os grandes avivamentos de santidade de 1927 e 1928 na Província de Gaza, este movimento do Espírito chegou à igreja dela. O Rev. Charles Jenkins testemunhou o que aconteceu.

Durante uma sessão de oração ela levantou os braços e caiu como morta. Depois de algumas horas levantou-se e assentou-se como se estivesse em transe. Os cristãos em oração ordenaram ao demônio que saísse dela. Uma voz grossa saiu dela, falando na língua Zulu (que não era a língua nativa dela) e pediu um copo de água. A voz pronunciou o seu nome e identificou um lugar em Zululândia (Natal) como sendo a sua terra. Disse também que estava à procura dum lugar de

habitação, e que a menina possuía alguma coisa que lhe pertencia. Quando lhe perguntaram se conhecia Jesus, a voz disse: "Eu odeio-O! Eu odeio-O!". A cara da Ester ficou contorcida com o ódio. Quando ordenaram outra vez que saísse, a voz respondeu que havia de sair e entrar na parede, para voltar depois. Ester começou a contorcer-se e a espumar pela boca. Então, com um safanão, caiu no chão, flácida e exausta, mas ela ainda estava consciente.

Em lágrimas, ela confessou que tinha guardado um pano especial. A mãe dela o tinha guardado para afastar o perigo. O pano representava Danisane e era usado pelo curandeiro tradicional quando este vinha purificar a casa. Ester procurou-o até encontrá-lo e o pano foi queimado. Durante algum tempo ela continuou a sofrer, e os demônios a perturbavam. Finalmente ela jejuou durante três dias e orou por vitória completa. Uma reunião especial de oração foi convocada e os cristãos oraram durante a noite inteira; cedo de manhã Ester encontrou vitória. Começou a louvar a Deus, dizendo: "Ele veio! O Espírito Santo chegou em poder purificador!". Ela nunca mais foi perturbada.

A Senhorita Ester Guiva preparou-se para ser enfermeira e obreira cristã no hospital metodista em Inhambane. Em 1954 ela e Vasta Manhique foram as primeiras estudantes femininas a se inscreverem na Escola Bíblica em Tavane. Ela serviu como enfermeira e governanta das meninas na escola da missão em Tavane. Através dos anos o seu testemunho continuou a soar alto e claro. Em 1986, ela escreveu:

Dou graças a Jesus, que me deu a vida que Ele conquistou ao morrer por mim na cruz. Ele resgatou-me do pecado em que eu vivia... O caminho do Senhor nem sempre tem sido fácil. Há tentações do inimigo que me quer arrastar para trás. No Senhor, sou como uma esposa comprada pelo seu marido. Mesmo que o marido bata nela, sabendo que ele pagou a lobola (preço para resgatar a esposa), ela não o deixará por outro homem, como algumas mulheres fazem hoje em dia. Eu estou ligada ao Senhor Jesus. Não penso em voltar para casar novamente com Satanás, já que conto muitos anos casada com Jesus, que me comprou. Eu morrerei no Senhor, porque Ele me comprou.[1]
O ministério dela tem sido uma ajuda e grande bênção para muitos.[2]

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. "Testimony of Aunt Ester Guiva", *Mutwalisi (O Arauto)*, revista na língua Tsonga da Igreja do Nazareno em Moçambique e na África do Sul, (Florida, Transvaal, África do Sul: Nazarene Publishing House, dezembro de 1986), 11.
2. Lorraine Schultz, *Because Somebody Prayed : Miracles in Nazarene Mission*, (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1994), 62-66.

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa pelo Rev. Roy Henck, missionário reformado para Cabo Verde, e pelo Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo-verdiano.



Khossa, Magipa
1910 a 1955
Igreja do Nazareno
Moçambique

Magipa Mica Khossa era um curandeiro tradicional que todos os dias entrava numa cabaninha especial na sua propriedade onde ele rezava para os espíritos ancestrais. Ele era portador de deficiência, caminhava curvado com uma bengala apesar de não ser velho. Ele também pertencia a Igreja Etíope, um grupo independente africano, que continuava observando muitos dos aspectos tradicionais de adoração. Khossa sentia-se muito seguro na religião tradicional do seu povo, na qual ele também se considerava um cristão.

Ele ficou muito doente e seus amigos da Igreja Etíope o visitaram. Eles cantaram e rezaram as suas orações especiais ao lado do seu leito na cabana. Khossa também ofertou sacrifícios especiais aos espíritos ancestrais para acalmá-los e para devolver-lhe a saúde. No entanto, ele não melhorou. Um dia, um nazareno o Sr. Titus Siteye, foi visitá-lo. O curandeiro lhe disse que tinha orado aos ancestrais e que o pessoal da Igreja Etíope tinha orado por ele, mas ele continuava tão frágil, que apenas conseguia levantar-se da cama. Titus abaixou a cabeça e começou a orar. De repente, ele parou e disse a Khossa que Deus não escutaria as suas orações enquanto ele continuasse com o seu compromisso com os espíritos demoníacos. Khossa lhe disse: "- Então vá e traga o seu pastor para que me ajude. Eu quero me arrepender."

O pastor e muitos cristãos da igreja vieram. Muitos membros da família que não eram cristãos, e vizinhos se juntaram ao redor para ver. Caminhando com dificuldade, ajudado pela sua bengala, Khossa trouxe toda a parafernália dos seus rituais: ossos, amuletos e simpatias, e as empilhou na frente da cabana ancestral. Ele trouxe um pedaço de lenha acesa da cozinha de uma cabana vizinha, e ateou fogo na pilha. Depois tocou fogo no telhado de palha da cabana. Os cristãos

cantaram um hino e louvaram a Deus. Os não cristãos se agarravam uns nos outros com medo. Eles esperavam que os espíritos descessem e matassem Khossa, mas isso não aconteceu.

Os cristãos oraram com fervor para que Deus escutasse a oração de arrependimento de Khossa e o salvasse. Khossa testemunhou a todos que ele não era mais um curandeiro. Ele agora era um cristão, e jamais iria orar aos espíritos maus. Em companhia dos cristãos ele foi para o hospital da missão. A sua família e os vizinhos tinham certeza que jamais voltariam a ver Khossa. Então, um dia, algumas crianças que brincavam no terreiro, o viram chegando de bicicleta.

Por dois meses ele testemunhou para o povo da região sobre o Deus cristão. Ele voltou a ficar doente e as pessoas diziam que era por obra dos espíritos ancestrais. Khossa lhes respondia: "- Se fossem os demônios, eles teriam me matado há tempo. Todo mundo fica doente alguma vez na vida. Se eu morrer, eu irei ao céu para estar com o meu Deus. O que é que isso tem de ruim?" Ele recusou-se a usar os medicamentos e o tratamento dos curandeiros. O Sr. Khossa morreu algumas semanas depois, após cantar um hino de louvor a Jesus, e implorar às pessoas que acreditassem nele. [1]

Paul S. Dayhoff

Notas:

1. C. S. Jenkins, "Um Curandeiro Encontra a Jesus," *As Outras Ovelhas*, Revista Missionária da Igreja do Nazareno, (Kansas City, MO: casa Publicadora do Nazareno, Outubro 1955).

Este artigo foi reproduzido com permissão de *Africa Nazarene Mosaic: Inspiring Accounts of Living Faith*, primeira edição, (Flórida, Gauteng, África do Sul: Publicações Nazarenas da África, 2002), copyright © 2001 por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos são reservados.

Langa, Daniel Mukheti
C. 1894 a 1943
Igreja do Nazareno
Moçambique

O Rev. Daniel Kufeni Mukheti Muyanga Langa nasceu num lar tradicional, não cristão, em Chicavane, perto de Manjacaze. Seu pai chamava-se Mukheti. Juntamente com outros rapazes, que eram pastores de gado, Kufeni brincava, lutava, furtava galinhas e invadia as hortas. Aos dez anos, as suas primeiras roupas eram duas peles pequenas. A água era escassa e levava duas horas transportá-la para a casa. Quando ele viu uma lagoa pela primeira vez, entrou nela e quase se afogou.[1]

Aos dezanove anos, Kufeni andou aproximadamente quinhentas milhas para encontrar trabalho nas propriedades em Joanesburgo onde o principal filão de ouro foi descoberto pela primeira vez. Certo dia um ministro que falava sotho e que pertencia a Missão Evangélica de Paris chegou à residência colectiva. Ele perguntou-lhes em zulo, mal falado, "Que direis se morrerdes nos vossos pecados e vos apresentardes diante de Cristo que vos ama e morreu por vós, mas vós O rejeitais?" Isto fixou-se no coração dele, e pouco tempo depois, ele encontrou Cristo numa missão ali perto, sob o ministério do Rev. Isaque Lehman; e Kufeni tomou o nome de Daniel quando foi baptizado.

Ao regressar à casa depois de terminar o seu contrato, ele recusou beber a cerveja que foi preparada para celebrar a sua chegada. Disse à família: "Não bebo cerveja desde que me encontrei com Cristo, o Salvador do mundo." A prática de tomar cerveja nas ocasiões de cerimónia envolvia frequentemente os exercícios religiosos tradicionais não cristãos. O Sr. Daniel Langa começou uma igreja em sua casa, em Chicavane, em 1914; e essa congregação uniu-se à Igreja do Nazareno em 1922. Ele foi um dos pastores leigos que assistiam ao Rev. Jenkins. Langa e a sua esposa

Rosa serviram como pastores em Chicavane durante esse tempo e foram tocados profundamente pelos avivamentos. Foi nessa altura que encontraram a experiência da santificação.

. Uma vez ele aprendeu a cantar o hino "Comigo Vai" e ensinou-o logo nessa tarde à Rosa. Naquela noite o seu *xihlangala* (barraca que serve de cozinha) incendiou-se -- uma grande catástrofe, visto que viviam apenas da agricultura; a comida era escassa e tinham pouco dinheiro. Eles cantaram o novo hino; deitaram-se de novo nos juncos e dormiram. O pai de Langa bateu à porta no dia seguinte e disse: "Eu avisei-te que haveria desastre se deixasses os nossos espíritos ancestrais." Eles apenas cantaram o novo hino; meneando desesperadamente a cabeça, o pai saiu.

Comeram os restos das panelas da tarde anterior, em vez de os deitarem às galinhas. Mais tarde naquele mesmo dia, algumas mulheres chegaram, com fardas nas cabeças, como que a caminho do mercado em Manjacaze, mas elas disseram: "Não, Sr. Pastor, não vamos vender. Ouvimos falar do incêndio e trouxemos estas coisas das nossas hortas para os irmãos." Havia milho, arroz, mancara - mais do que tinham perdido no incêndio.

Em 1930 o Rev. Daniel Langa foi nomeado líder sobre cerca de trinta igrejas nessa zona. Ele esteve entre os primeiros quatro ministros nazarenos a serem ordenados em Moçambique, em 1939, pelo Superintendente Geral J. G. Morrison. (Os outros foram: os Revs. Paul Sueia, John Mazivila, e Zephaniah Mhula). O missionário Rev. Glenn Grose foi também ordenado com eles.

Logo no começo da década dos quarenta, Langa serviu à igreja nas minas de ouro da África do Sul. O Rev. William C. Esselstyn, missionário com quem ele trabalhou, testificou dele dizendo: "Foi sempre um dos servos mais fiéis, piedosos, úteis e cooperativos do rebanho." [2]

Pouco depois de chegar à casa ele adoeceu. No hospital em Chicumbane, perto de Xai-Xai, ele orou muito na sua cama e escreveu muitas cartas de encorajamento. Quando a filha dele e a missionária Sra. Mary Cooper o visitaram, ele disse à missionária: "Eu hei-de encontrar consigo no céu." Mas à filha disse: "Adeus, Sara; não te hei-de ver mais, porque tu não vais para onde eu vou." Sara, de coração partida, bem cedo procurou encontrar o Senhor. Ela tornou-se obreira de Deus e casou-se com o Rev. Matias Beta Gama, que viria a ser superintendente do distrito de Tete. [3] O Rev. Daniel Langa disse à esposa que ele ia para o lar, o céu. Com isso fechou os olhos e partiu em paz para ir ficar com o seu Senhor Jesus.

Paul S. Dayhoff

Notes:

1. Amy N. Hinshaw, *Native Torch Bearers*, (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1934), 123-126.
 2. Carta do Rev. William Esselstyn, (Rockton, Illinois, 18 de Janeiro, 1993).
 3. Relatório da Sra. Mary Cooper, (3 de Agosto, 1992). Carta de Vicente Mbanze, (13 Abril 1995).
-

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul

S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa por Rev. Roy Henck, missionário reformado para Cabo Verde, e por Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo verdiano.

**Langa, João Chihesse
faleceu em 1980
Igreja do Nazareno
Moçambique**

O Pastor João Chihesse Langa trabalhou durante muitos anos no West Rand (Consolidated Mines), em Randfontein, e foi nomeado chefe de um grupo que trabalhava no subterrâneo. Ele era sempre fiel à igreja e veio a ser o leigo principal no West Rand. Ele contou das experiências seguintes, e sempre dava graças a Deus por Sua bondade maravilhosa e proteção.

Um mineiro de Suazilândia encarou-o e Langa disse-lhe: "O senhor deve louvar a Deus, dar graças pelo Seu cuidado e a Sua proteção; e deve adorá-LO e servi-LO fielmente.". "O senhor não se lembra de mim? Há meses houve uma guerra entre os seus homens. Fui eu que a provoquei.", disse o mineiro. Foi então que Langa se lembrou. Tinha decorrido mais que um ano. Este Suazi tinha sido o ofensor principal e Langa foi obrigado a dominá-lo e assentar-se por cima dele até que a polícia chegasse para o prender. O homem ficou na prisão por alguns meses. O Suazí continuou a dizer-lhe que ele o odiava e tinha resolvido matá-lo.

Ele começou a fazer planos com os seus amigos para matarem Langa, que costumava andar sozinho a pé ou de bicicleta, a visitar os cristãos nas minas da vizinhança. Ele seguia um plano regular e usava a mesma rota. Eles arranjaram-lhe uma emboscada, mas naquele dia ele estava acompanhado de amigos. Noutra ocasião, quando arranjaram outra emboscada, ele tinha tomado outro caminho, ficando fora do alcance dos atacantes. Continuou assim, e eles sempre falharam. Chegaram à conclusão de que o seu Deus estava a protegê-lo, e o Suazi chegou para confessar tudo e informar que o seu ódio já tinha desaparecido.

Ofereceu-se ao Sr. João Langa a posição de chefe a supervisionar a comunidade toda com um salário elevado e residência privada. Ele verificou, porém, que assim estaria sujeito a muitas tentações, aceitando suborno, e envolver-se em casos de prostituição dos homens e outros vícios. Assim, ele recusou a oferta e continuou com o seu vencimento modesto. Ele foi, de fato, um servo humilde e fiel ao Senhor.

Pouco tempo depois do encontro com o Suazí, ele regressou para a casa para ser pastor da igreja em Hlanganha, perto de Xai-Xai. A sua esposa chamava-se Alda.[1] Foi para eles um grande choque quando, no dia 23 de Junho de 1973, receberam a notícia de que o filho deles, Filipe João, de 28 anos, que servia no exército português no norte do país, tinha sido morto. Deram graças que ele era um crente maravilhoso. Ele amava a igreja desde criança. Quando saía de casa em serviço, estando longe, mandava sempre o seu dízimo à igreja local.

Durante muitos anos o Pastor Chihesse Langa foi um dos pastores mais procurados para campanhas evangelistas nas igrejas e nos acampamentos distritais. Ele pregava a Palavra de Deus com muita calma, mas clara e exatamente. Aproveitava ilustrações gráficas da vida tradicional dos Changaan.[2] Faleceu na sua casa, em Chitsoguanine.[3]

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. Relatório do Dr William Esselstyn, (18 de Junho de 1993).
- 2 Pastor Chihessi and Mrs Alda Langa, "Relatório sobre o nosso Amado da Família e Espiritualmente," *Mutwalisi* (O Arauto), revista na língua Tsonga da Igreja do Nazareno em Moçambique e África do Sul, (Florida, Transvaal, África do Sul: Nazarene Publishing House, July-September, 1974), 14.
- 3 Vicente Mbanze, (carta, 13 de Abril 1995).

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa pelo Rev. Roy Henck, missionário reformado para Cabo Verde, e pelo Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo-verdiano.

Langa, Julio
1918 a 2004
Igreja do Nazareno
Moçambique

Em 1978 Julio Langa foi um pastor leigo que começou os cultos nazarenos debaixo de uma árvore chamada Nampula.

A província de Nampula está no longínquo nordeste de Moçambique, e faz fronteira ao norte com a província de Cabo Delgado (próximo da Tanzânia), ao sul com a província de Zambezia e a oeste com a província de Nyassa e Malawi, ao leste com o Oceano Índico. O grupo étnico são os Makua, e muitos deles vivem da agropecuária de subsistência. A maior parte do território é constituída por selva e floresta. As indústrias principais são a pesca e a agricultura. Os principais produtos agrícolas exportados são: nozes, chá, algodão, arroz e açúcar. A população é predominantemente islâmica com alguns católicos romanos e alguns tradicionalistas. Até meados dos anos 80, não havia nenhum cristão protestante na província. De acordo com a política do governo português, as igrejas protestantes não tinham permissão para trabalhar nas províncias do nordeste de Moçambique.

Julio Langa nasceu em Tavane na província de Gaza, e freqüentou a escola Nazarena de Tavane, onde encontrou o Senhor. Ele demonstrou muito zelo na tarefa de ganhar almas e no evangelismo, demonstrou evidências de ter grandes dons para este trabalho. Isto foi reconhecido pela igreja que lhe outorgou uma licença como pregador leigo. Ele casou-se com Flora, e tiveram quatro filhos. Julio freqüentou a faculdade para treinamento de enfermeiros em Maputo, e formou-se como enfermeiro. Em 1978, quando trabalhava em um hospital em Maputo, foi

transferido pelo governo para o Hospital Central de Nampula, na cidade de Nampula. Ele não encontrou nenhum nazareno lá. Um dia, durante uma caminhada, escutou uma alegre canção cristã e descobriu um grupo de cristãos da Igreja de Cristo. Ele uniu-se a eles, e tornou-se um fiel membro. Mais tarde, no mesmo ano, alguns dos seus amigos nazarenos do sul, chegaram a Nampula e também se uniram a Langa, naquela congregação. Entre eles, estava David Ubisse e Paulino Macamo.

O número de nazarenos cresceu. Quando atingiram um número suficiente para formar a sua própria congregação, eles deixaram a Igreja de Cristo, e começaram uma Igreja do Nazareno, com Julio Langa como seu líder. Muitas pessoas do povo Makua, se interessaram e se juntaram a eles. Os primeiros se reuniam debaixo de uma árvore, e ali começaram uma escola dominical. A congregação cresceu de uma maneira fenomenal e logo atingiu o número de 250 pessoas. Em 1983, Langa solicitou aos líderes nazarenos do sul que enviassem um pastor formado. Em 1987, os pastores Manuel Tshambe e Jonas Mulate os visitaram e encontraram uma congregação espiritual e crescente. Langa comprou um local para a igreja e solicitou ao governo permissão para levantar um edifício para a Igreja Nazarena. Recebeu a permissão em 1988. A Igreja foi oficialmente reconhecida, e recebeu permissão total para funcionar livremente.

Desde então, igrejas e distritos cresceram de forma espetacular nas províncias do nordeste: Cabo Delgado, Nampula e Nyassa. Em 1988, havia seis distritos, 140 igrejas e pontos de pregação com uma freqüência média de 3687 pessoas. [1]

Carlos Trindade, um estudante da Faculdade Bíblica Suazilândia, conheceu Julio em 1998 como seu pastor e vizinho. Ele disse que Langa estava sempre interessado nas pessoas e adorava testemunhar e evangelizar. Ele visitava as pessoas e as aconselhava nos seus problemas. Ele foi fiel no seu ministério pastoral e demonstrava que realmente tinha recebido um chamado de Deus como pastor. Ele sempre tentava ajudar a qualquer um que estivesse em necessidade. Não fazia nenhuma diferença para ele se a pessoa fosse cristã ou não. Sempre que havia necessidade ele ajudava com comida, roupas, dinheiro ou qualquer outro tipo de ajuda que pudesse dar. Este era um dos grandes segredos do seu sucesso para ganhar pessoas para o Senhor e na construção da igreja em Nampula. Langa se aposentou do seu trabalho no Hospital Central de Nampula em 1992. Depois disso, ele continuou trabalhando fielmente para o Senhor, e apoiando o trabalho da igreja de todas as formas possíveis.

Paul S. Dayhoff

Notas:

1. Carlos Trindade, trabalho de pesquisa na faculdade Bíblica Nazarena da Suazilândia, Junho, 1998. Entrevista do Sr. Carlos Trindade por Paul Dayhoff, 2 de Julho, 1998, na Faculdade Bíblica Nazarena da Suazilândia.

Esse artigo foi reproduzido com permissão de *Africa Nazarene Mosaic: Inspiring Accounts of Living Faith*, primeira edição, copyright © 2001 por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos são reservados.



Lázaro Langa
1904 a 1994
Igreja do Nazareno
Moçambique

Muzonda Nhacale recusou-se a casar com o Chefe Ngungunyane e fugiu para Inhambane. O seu filho, Rev. Lázaro Thandavatu Langa, nasceu em Nhacale Wutxopi (Distrito de Manjacaze). Era filho do Sr. Samo Muianga Langa.

Um dia quando ele era ainda criança, estava indo ao rio beber, porque tinha sede. À margem do caminho ele reparou três vultos humanos escondidos no mato. Eram ladrões, estes dividiam a carne de Hokoya, o porco do avô dele que eles tinham roubado. Quando os ladrões viram Lázaro, o chamaram e propuseram que ele fosse chamar suas esposas e que estas trouxessem panelas para cozinhar a carne e comer juntos. Ele fez como mandaram, e aproveitou a festa antes de voltar para a casa.

Na manhã seguinte ao nascer do sol ele estava fora de casa chamando por Hokoya. O avô dele disse que sem dúvida o porco tinha sido roubado. Seu avô disse que pediria a Mabongwe, o curandeiro, que preparasse uma poção forte para espargir no chão. Isto faria que todos os que comeram a carne de Hokoya encolhessem e morressem. Lázaro ficou apavorado e confessou finalmente à sua mãe o que tinha feito. Ela o açoitou. Os ladrões foram apanhados, mas ele ficou contente porque

ficou livre da maldição.[1]

Lázaro Langa foi tocado pelo evangelho pela primeira vez ainda criança em 1915, quando alguns pregadores que falavam Zulú visitaram a sua vila. Ele queria saber quem era Jesus e de onde Ele tinha vindo, portanto, o rapaz seguiu a um dos pregadores. Este pregador era seu tio, Simão Nhacale; ele mudou-se para Cuaie em 1924. Lázaro entrou finalmente na escola e, quando tinha quinze anos, foi batizado em Mausse depois de provar que podia ler um versículo da Bíblia. Este foi o requisito principal para ele ser batizado. Deram-lhe o nome de Lázaro. Em 1928 ele casou-se com Alina e depois foi para as minas de ouro em Joanesburgo onde se tornou líder da sua igreja.

De novo em casa em 1930, durante uma campanha evangelística em Chidumo, ele ouviu o Rev. João Mazivila falar da necessidade do perdão dos pecados e do batismo do Espírito. Ali, Lázaro Langa encontrou verdadeiramente a salvação. Aos oitenta e sete anos, ele ainda podia dizer: "O nosso quarto, meu e de minha esposa, é um lugar de oração."

Em 1939 ele era o líder da Igreja do Nazareno no West Rand (área de Joanesburgo) e vivia na residência coletiva dos mineiros, que trabalhavam nas minas da City Deep. Ele continuava, porém, a bater nos homens que comandava. Numa ocasião um deles disse-lhe: "Não nos pregue, enquanto continua a bater em nós no interior da mina". Ele orou em secreto por um coração perfeito, para poder dominar a raiva. Certa tarde num culto em City Deep, ele dirigiu-se ao altar; e chorando, pediu a Deus para matar o velho homem no seu coração; Lázaro então, experimentou a purificação e vitória de forma maravilhosa.

O administrador da comuna a princípio hesitou muito antes de autorizar que fizessem cultos. Porém, quando descobriu que Lázaro Langa era o líder da Igreja do Nazareno na área, ele mudou imediatamente de atitude. Disse ao missionário, Rev. Charles Jenkins, "Nkomoyahlaba (a vaca que da chifrada)"[2] Se o que os senhores pregam pode fazer dos outros o que fez deste homem maravilhoso, vocês têm a permissão de ir e vir livremente."[3]

Quando o Sr. Langa voltou para a casa em 1940, o Rev. Paulo Sueia pediu-lhe que começasse uma igreja em Manguenhane, perto de Manjacaze. Em 1950 como líder geral do trabalho nas minas, ele foi o primeiro a visitar as minas no Estado Livre de Laranjeiras e estender a igreja para ali. Em 1961 ele foi ao Colégio Bíblico em Tavane onde ficou dois anos e foi ordenado em 1963 pelo Superintendente Geral Rev. G. B. Williamson. Como um dirigente na Zona Macuacua na Província de Gaza, ele costumava viajar de burro, porque havia tanta areia que a bicicleta não dava. Ele tornou-se dirigente da Zona Alta do Changane, no Distrito de Manjacaze.

Certo dia, enquanto viajava através duma floresta densa, um macaco bloqueou o caminho e assustou o burro. Este saltou e correu. O Sr. Lázaro Langa caiu e partiu uma perna. Sozinho no mato, gritou pedindo socorro. Finalmente algumas mulheres o encontraram e o levaram para casa. Muitos oraram por ele, mas a sua recuperação levou meses no hospital em Maputo. Ele era um grande evangelista e pregava sempre a santificação plena, e a necessidade da morte do velho eu.[4]

Depois de se aposentar em 1973, o Rev. Langa cuidou da igreja de Laranjeiras por algum tempo. Durante a guerra civil, o ataque na Aldeia de Laranjeiras em Junho de 1986 deixou a família em grande luto. O filho dos Langa foi morto. A esposa do seu neto teve uma perna cortada. Os atacantes então raptaram quatro dos seus netos e dispersaram a família.[5]

Paul S. Dayhoff

Notas:

1. O. e M. Stockwell, *The Ant Sends The Elephant: Parables and Sermon Illustrations from Mozambique*, (Hampton, NH: Yankee Printer, 1989), 79-81.
 2. Prof. Leonard Sibandze, "Swaziland Annual Assembly Report," *Mutwalisi* (O Arauto), revista na língua Tsonga da Igreja do Nazareno em Moçambique e África do Sul, (Florida, Transvaal, África do Sul: Nazarene Publishing House, Fevereiro-Junho 1955), 55.
 3. Carta do William Esselstyn, Rockton, Ill., (Junho 17, 1995).
 4. Vicente Mbanze, fita do Lazaro Langa, 1992.
 5. Rev. Lazaro Langa, "Testimony" ("Testemunho"), *Mutwalisi*, (Dezembro 1987),
-

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa por Rev. Roy Henck, missionário reformado para Cabo Verde, e por Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo verdiano.



**Lima, Antão
faleceu em 1994
Igreja do Nazareno
Cabo Verde**

Antão Melo Lima vivia em Ribeira da Torre, perto da Vila da Ribeira Grande, Santo Antão. Homem de aproximadamente um metro e meio de estatura, gorducho e musculoso, de voz um tanto rouca, entusiasta e sorridente, proprietário empregava muita gente na horta dele. Em 1955 recebeu honras sem precedente, porque foi duas vezes condecorado pelo Presidente da República de Portugal, por sua contribuição relevante nos trabalhos agrícolas das ilhas.

Certa noite, o Pastor António Gomes de Jesus pregou em casa do tio de Antão, que se dizia ateu. Antão ficou altamente impressionado com o zelo e as lágrimas do pastor. Pouco tempo depois, no leito da morte, ergueu a voz em clamor, suplicando: "Misericórdia, meu Deus, misericórdia!". O modo repentino como o tio dele expressou a sua fé impressionou Antão. Nisto o filho dele veio a falecer, o que o deixou prostrado. Ele saiu por entre as bananeiras, caiu de joelhos, olhou para o céu e orou, dizendo: "Ó Deus, se existe um Deus, peço que tires de mim esta dor agora mesmo!". O primeiro milagre aconteceu. A dor cruel o deixou. Então ele resolveu buscar a conversão. Vestiu-se e saiu à procura do pastor nazareno.

No caminho da Povoação entrou numa taberna, tomou um grogue, jogou uma mão

de cartas, brigou com alguém e, então, decidiu que iria arrepender-se no dia seguinte. Dois guardas de estabelecimentos disseram que todas as vezes que Antão Lima e seus amigos chegavam à Povoação, iam para beber, como faziam habitualmente; todas as lojas da Vila fechavam as portas. Cinco homens não podiam dominar dois deles.

No dia seguinte ele encontrou o Pastor António e disse-lhe: "Encontrei o caminho de alegria. A minha companheira e eu vamos casar-nos e dedicar o nosso filho ao Senhor, no mesmo culto." A união de fato era em geral de aceitação na ilha. Disse aos seus trabalhadores que eles passariam a ter descanso aos domingos, e que todos eles deviam ir à Igreja do Nazareno. Muitos deles encontraram Jesus e, como o Sr. Antão, casaram-se e dedicaram os seus filhos ao Senhor. Naquele dia Antão andava de cima para baixo pela nave central da igreja, exultando de alegria. Mais tarde todos eles foram batizados.

O padre da Vila ficou tão aborrecido que excomungou a todos e proferiu palavras de maldição sobre os frutos das plantações. Pela primeira vez houve duas colheitas, e o padre acabou por se retirar para Portugal. O Sr. Antão Lima viu os seus rendimentos reduzidos, porque produzir mel da cana-de-açúcar deu menos dinheiro do que fazer grogue; mas ele ficou satisfeito, porque sentiu que estava a servir ao Senhor, tanto com a sua vida como com os seus bens. Foi eleito superintendente da Escola Dominical e organizou vários centros de escola dominical nos arredores. Os jovens participantes percorriam vários quilômetros em atividades evangelísticas.[1]

O Sr. Antão passou depois a residir no Brasil.

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. Earl Mosteller, *Cape Verde Travelogue* (Viagens por Cabo Verde), (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1958), 18. Alice Spangenberg, *Jerusalem and Beyond : Christian Missions in the Cape Verde Islands and the Middle East*, (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1950), 3.

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa por Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo verdiano.



Lishale, Philip
faleceu em 1936
Igreja do Nazareno
Moçambique

O Pastor Philip Marumbini Lishale converteu-se em Moiene, na igreja de Samuel Mulate. Os pais dele ficaram furiosos quando ele decidiu converter-se. No Colégio Bíblico de Rehoboth, buscou a experiência da santidade do coração. A missionária, Sra. D. Maud Jones, descreve o que viu. -As lágrimas corriam. De olhos fechados e cara levantada, ele batia-se no peito e gritava em voz alta. Rogava ao Senhor que cumprisse o dom da Sua promessa. Logo a sua luta espiritual terminou e ficou de rosto iluminado. Com ambas as mãos levantadas, começou rir de alegria. Ele encontrar-se-ia freqüentemente na cozinha com um missionário mais antigo, o Rev. Dad Groom, para oração.

De volta a Gaza, ele casou-se com Marta de Magude e substituiu o Pastor Samuel Mulate em Moiene, em 1923. Tanto ele como Marta encararam oposição amarga dos familiares não-crentes. Como não tinham nenhum filho depois de quatro anos de casados, fizeram troça deles e disseram-lhes que deviam sacrificar uma cabra para satisfazer os deuses. Eles apenas oraram; depois tiveram um rapaz, a quem chamaram Poder, e uma menina à qual deram o nome de Louvor.

Philip Lishale era pregador apaixonado e um intercessor. Ele costumava trazer o pecado à luz sem misericórdia e apresentá-lo como objeto de desprezo e desdém. Um grande soluço embargava a sua voz e lágrimas corriam-lhe pela face abaixo enquanto rogava às pessoas que se arrependessem. Marta era uma cristã especialmente animada e feliz e uma grande coadjutora no trabalho do Senhor.[1]

Depois de um ministério breve, tanto o Pastor Philip como a Senhora Marta Lishale morreram de tuberculose, quase ao mesmo tempo. Como foi ceifado no auge da vida e do ministério, Philip Lishale deixou à igreja um exemplo poderoso como seguidor de Cristo totalmente dedicado de homem de oração.[2]

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. H. K. Bedwell, *Black Gold (Auro preto): The Story of the International Holiness Mission in South Africa*, (Cape Town: Cape Times Limited, 1936), 46-47.
2. Sra D. B., Reginald and Harold Jones, *David Jones: Ambassador to the Africans*, (Kansas City, MO: Beacon Hill Press of Kansas City, 1955).

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa pelo Rev. Roy Henck, missionário reformado para Cabo Verde, e pelo Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo-verdiano.

Machava, Simao

c. 1895 a 1960

Igreja do Nazareno

Moçambique

O Rev. Simão Machava era filho de Thanda Machava de Vulale. Simão nasceu quando o chefe Ngungunyane foi capturado durante a guerra de Maguigwane. Enquanto ainda novo, ele aprendeu a escrever o seu nome na escola Católica Romana em Macupulane, Distrito de Manjacaze. Passou a beber de tal maneira que sua mãe, a Sra. D. Débora N'wamu Hlanga, receava que ele houvesse de morrer cedo.

Chegando às minas de Joanesburgo em 1918, ele assistiu à escola nocturna com os cristãos da Compounds Mission (que se uniu à Igreja do Nazareno em 1922). Foi ali que ouviu o evangelho pela primeira vez, mas parecia que não dava ouvidos à

mensagem cristã.

Em 1919 o Sr. Machava adoeceu gravemente e foi para o hospital. Um amigo dele, Sr. Filemon Khongolo, levou-lhe um folheto tipo catecismo e colocou-o debaixo da sua almofada, e os homens cristãos oraram por ele. Machava ficou inconsciente e anunciaram que ele tinha morrido. O seu corpo foi posto na casa mortuária.

Um homem apareceu-lhe em sonho e chamou-o dizendo: "Vamos à residencial coletiva pregar a Palavra de Deus.". O homem vestia-se de branco radiante e muitas pessoas o seguiam. O Sr. Machava levantou-se da placa de cimento para segui-lo e logo bateu de encontro a uma porta. Um enfermeiro ouviu o barulho na casa mortuária, e encontrou Machava. Ele deitou-o outra vez, pensando que o corpo apenas tinha caído. O sonho do Sr. Machava continuou, e o homem de branco o conduziu a um salão cheio de pessoas muito negras. O homem colocou uma cadeira no meio deles; mandou ao Sr. Machava assentar-se nela e logo desapareceu. Pouco depois descobriram que o Sr. Machava estava bem vivo, e em breve ele se recuperou.

Quando ouviram que ele morrera, os homens não cristãos, que compartilhavam o quarto com ele, apanharam o dinheiro dele (cerca de dez libras) e todos os seus bens. Nunca lhe devolveram as suas coisas. Machava ainda não era cristão, mas em 1922 ele se arrependeu.

Nesse mesmo ano ele regressou à sua casa em Macupulane. A esposa dele chamava-se Lea. Ele conheceu a Igreja do Nazareno, testemunhou de uma chamada para pregar e, em 1923, inscreveu-se no Colégio Bíblico em Pigg's Peak, Suazilândia. A partir de Joanesburgo, a via férria só chegava até Barberton; a partir dali, era preciso caminhar a pé, numa jornada de pelo menos dois dias, andando por veredas difíceis pelas montanhas, até alcançar Pigg's Peak.

Ali, em 1924, ele foi batizado com o Espírito Santo e testemunhou, "Eu senti que era de fato um filho de Deus.".[1] No Colégio Bíblico, os outros estudantes deram-lhe a alcunha de "carne de corvo", querendo dizer que, assim como não se come a carne do corvo, ele era repugnante ao diabo. O Sr. Machava era alto, tanto física como espiritualmente.[2]

Simão Machava preocupava-se muito com o lugar onde devia servir no ministério. O missionário dele, Rev. Isaac Lehman, pediu-lhe que trabalhasse em Joanesburgo. Ao orar acerca disto ele só encontrou paz quando disse ao Senhor que estava disposto a ir aonde quer que fosse enviado. Quando chegou de novo a Joanesburgo ele descobriu que Deus tinha falado a mais alguém acerca do trabalho ali. Então o Sr. Machava foi enviado novamente para a casa em Moçambique. A missionária Sra. Eva Rixse ajudou-o com os estudos (quarta classe). Ele então preparou-se para ser professor na Escola Alvor, em Manica.

De novo na missão em Tavane, em 1933 ele serviu como pastor, professor no Colégio Bíblico e líder da zona. Foi ordenado em 1947 pelo Superintendente Geral, Dr. Hardy Powers. Nesse ano ele foi estudar mais no Colégio Bíblico Nazareno em Suazilândia. A mãe dele, já idosa, morreu cristã; sua irmã, Eunice, casou-se com um pastor e o filho dela, Rev. Simeão Mathe, foi pastor da igreja em Tavane, a maior no distrito, por mais de 20 anos.[3]

Um colega missionário, o Rev. "Gaza" Charles Jenkins, que o conheceu durante toda a sua carreira, disse do Rev. Simão Machava que nunca lhe ouviu pronunciar uma palavra indelicada; e a vida e as ações dele apoiavam sempre a sua pregação. Depois duma doença prolongada por causa do cancro do fígado, o Rev. Machava chamou a igreja para junto da sua cama a fim de se despedir dela; embora mal

pudesse falar, ele quis que cantassem louvores ao Senhor, e pregou. Os corações foram tocados. Alguns choravam ao pé da cama dele enquanto outros corriam para as suas casas a fim de arrumarem as suas vidas.[4]

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. Simão Machava, manuscrito autobiográfico, (enviado pela Sra. Lorraine Schultz, Junho de 1992).
 2. Rev. "Gaza" Jenkins, "Rev. Simon Machava", *Mutwalisi* (O Arauto), revista na língua Tsonga da Igreja do Nazareno em Moçambique e África do Sul, (Florida, Transvaal, África do Sul: Nazarene Publishing House, Novembro-Dezembro 1960), 5. João Z. Muchavi, "Rev. Machava", *Mutwalisi*, (Maio-Junho 1961), 11.
 3. O. & M. Stockwell, 1989, *The Tribe of God: A Collection of Stories from African Christians*, (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1989), 68. Carta de Vicente Mbanze, (13 de Abril de 1995).
 4. C. S. Jenkins, "Rev. Simon Machava," *Mutwalisi*, (Novembro-Dezembro de 1960}, 5; *Mutwalisi*, (Janeiro-Fevereiro de 1961), 3; *Mutwalisi*, (Julho-Agosto de 1961), 3-4.
-

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa pelo Rev. Roy Henck, missionário reformado para Cabo Verde, e pelo Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo-verdiano.

Mahlayeye, Jona
1893 a 1979
Igreja do Nazareno
Moçambique

Enquanto, ainda jovem, trabalhava nas minas de ouro perto de Benoni, o Rev. Jona Macharema Mahlayeye era lutador e chamava-se Mabaswikulu (O grande pugilista). Seu pai, Mashakatsi, foi o famoso caçador de elefantes do chefe Ngungunyane, nos tempos em que se usavam lanças e covas na caça desses grandes animais.

O Sr. Mahlayeye encontrou o Senhor numa reunião ao ar livre na residência coletiva das minas. Um dia um pugilista Xhosa desafiou-o e bateu nele. Sem ira, mas com lágrimas nos olhos, o Sr. Mahlayeye disse simplesmente: "Deus te abençoe, meu irmão.". O homem foi-se embora confuso. Os colegas dele disseram-

lhe que havia batido num homem de Deus. Com medo de ofender os espíritos ancestrais, ele foi ter com o Sr. Mahlayeye e, tendo-lhe pedido perdão, começou a assistir aos cultos cristãos.

Na terra dele, Chipezini, o Sr. Mahlayeye estabeleceu uma igreja antes de 1917. As igrejas protestantes, os sinos e a pregação eram proibidos, e ele foi ameaçado por não obedecer à lei. Porém, prosseguiu e até mesmo fundou outras pequenas igrejas. Um dia, um padre católico surpreendeu um grupo na sua igreja de juncos. A igreja, juntamente com todas as Bíblias e hinários, foi queimada. No dia seguinte, enquanto ele mexia com as cinzas, uma faísca voou para o olho do padre, que ficou com uma lesão permanente. O Sr. Mahlayeye, por fim, foi encarcerado e, como prisioneiro, trabalhou nas estradas e nos campos de milho do chefe. Ele testemunhou aos prisioneiros e os pôs a cantar as canções evangélicas enquanto trabalhavam. Muitos deles encontraram Cristo antes de ele ser, finalmente, libertado.[1]

Em 1923, o Sr. Mahlayeye reuniu-se com a primeira classe do Colégio Bíblico da Missão Internacional de Santidade (International Holiness Mission) em Rehoboth, perto de Joanesburgo. Enquanto estava ali, uma noite ele fez uma entrega total da sua vida ao Senhor e alcançou a experiência da inteira santificação. O seu riso contagioso e bom humor abundante fizeram com que ele fosse uma pessoa bem estimada por todos. Ele era uma pessoa de caráter forte e um líder nato.[2]

No mesmo ano, ele escreveu: "Eu queria escrever algumas palavras de louvor a Deus por Sua graça. Desejo contar a todo o mundo acerca do dom do Espírito Santo. Muitos acham que, por serem batizados com água, já estão batizados com o Espírito Santo, mas isto não é verdade (Lucas 3:16). Em Gaza apanhamos o peixe com armadilhas, mas se o peixe mete apenas a cabeça, ele pode fugir; contudo, entrando de todo na armadilha, já não sai. Irmão, não creias apenas com a cabeça, mas também com todo o coração. Entra totalmente nesta salvação e nunca mais sairás."[3]

Ao completar os estudos no Colégio Bíblico, em 1927, ele regressou à casa em Chipezini. No mesmo ano, relatou que uma senhora da igreja dele foi visitar a sua família, deixando o filho, Elias Qivi, em Chipezini. Mataram uma cabra em sacrifício aos espíritos ancestrais. Chamaram ao rapaz para a cerimônia e deram-lhe dessa carne para comer. Ele respondeu: "Não, não posso comer carne que foi sacrificada aos deuses, porque sou crente.". Quando a mãe voltou, explicou que percebia o porquê da atitude, já que Deus estava ensinando às crianças. O povo ficou admirado e todos concordaram que a obra de Deus é grande.[4]

O Sr. Mahlayeye foi obrigado ao serviço forçado e enviado para trabalhar em Xinavane, na plantação de açúcar no Distrito de Magudu. Ele tinha recusado a juntar-se a uma organização de reputação duvidosa que lhe podia ter dado influência perante as autoridades e, assim, ele teria conseguido isenção de trabalho. Deram-lhe licença para fazer cultos depois das horas do trabalho. Tocava um pedaço de ferro como sino, para reunir os homens. O Senhor começou a trabalhar, muitos encontraram a salvação e foram cheios do Espírito Santo.[5]

Em 1929, foi ordenado como ministro. Em 1931, quando os missionários Rev. Henry Best e a esposa Lucy, saíram para Tete, no extremo noroeste, ele foi deixado como o responsável pela missão em Chaimite. Mais tarde, veio a ser Superintendente da Missão Internacional de Santidade (International Holiness Mission) em Gazalândia.

Em 1930 o Sr. Mahlayeye escreveu, de Chipezini, que a sua velha tia, não cristã, tinha ido ao altar para orar num dos cultos em que ele era o pregador. Foi um dia

de grande regozijo. No dia seguinte ela voltou e trouxe todos os seus trajos ligados à adoração dos ancestrais, e foram queimados. Poucos dias depois, ela se levantou e disse: "Agora, orem por mim para que eu seja santificada."

Uma vez, em Joanesburgo, o Sr. Mahlayeye escapou por pouco quando foi atropelado por um carro que corria a uma velocidade excessiva. Sofreu escoriações e contusões, mas nenhuma fratura óssea, e não houve seqüelas permanentes.[6]

O Rev. Loti Mulate descreveu o Rev. Mahlayeye como sendo um homem muito humilde, que odiava o mal e defendia firmemente a verdade. Um exemplo tanto para toda a igreja como para os que eram de fora. Ele era um pregador poderoso e tinha o dom de ensinar e corrigir aqueles que estavam errados. Cooperava com os seus superiores.

Quando sentiu a chamada de Deus, considerou as dificuldades e perseguições como parte da pregação do Evangelho. Ria-se com todos e gostava duma boa piada, mesmo quando alvejasse a pessoa dele. Foi um grande homem de Deus. Sempre rijo, de cabeça erguida, nunca fora de forma e raras vezes doente.

Ele e o seu povo uniram-se à Igreja do Nazareno em 1952. Era dirigente em Chipizini nessa época. Quando a sua esposa, D. Elina Mahlayeye (?-1956) morreu, o marido dela elogiou-a, dizendo que haviam vivido juntos e sido muito felizes. O pastor Mateus Sitoeye disse dela que, desde 1918, nunca havia faltado à igreja. O Rev. Mahlayeye, mais tarde, casou-se com uma viúva cristã, a Sra. D. Nwamahanave Bila. Ela mostrou-se compassiva e cuidou bem do seu marido.

O pastor Sitoeye disse do Rev. Mahlayeye que, mesmo durante o padecimento de sua doença prolongada, de dezessete meses, antes de falecer, ele teve o cuidado de ser um bom exemplo. Não quis contribuir para que a "irmandade ficasse doente.". Ele tinha ensinado sempre pela pergunta: "Deve um irmão fazer que o seu irmão fique doente espiritualmente? Devemos desejar sempre o bem para a irmandade.". Ele foi em paz para o Lar.[7]

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. R. Jones, "Life Story of Jona Mahlayeye" (História da vida de Jona Mahlayeye), manuscrito nos Arquivos Nazarenos de Manzini.
2. H. Bedwell, *Black Gold (Ouro preto): The Story of the International Holiness Mission in South Africa*, (Cape Town: Cape Times Limited, 1936), 45-47.
3. Jona Mahlayeye, "Up-to-date Testimonies", ("Testemunhos Actuais) em *Africa's Silent Messenger*, vol. 3, no.11, de dezembro de 1923, (Londres: International Holiness Mission), 93.
4. *Africa's Silent Messenger*, vol. 8, no. 26, de janeiro de 1928.
5. Sra D. D.B., Reginald & Harold Jones, *David Jones: Ambassador to the African*, (KC MO: Beacon Hill Press of Kansas City., 1955), 62, 94, 97. Vicente Mbanze, carta de 13 Abril, 1995.
6. *Africa Calling*, (Londres, e África do Sul: International Holiness Mission, de Abril de 1930), 24. (Abril-Junho 1948),15.
7. Rev. Lot S. Mulate, "We Are Bereaved (Estamos Enltados)," *Mutwalisi (O Arauto)*, revista na língua Tsonga da Igreja do Nazareno em Moçambique e África do Sul, (Florida, Transvaal, África do Sul: Nazarene Publishing House, Janeiro-Março de 1957), 6. Pastor Mateus Sitoeye, (Julho-Setembro de 1973), 18. Rev. Loti Samuel

Mulate, "International Holiness Mission, 1917-1952," *Mutwalisi*, Julho-Setembro de 1973), 19.

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa pelo Rev. Roy Henck, missionário reformado para Cabo Verde, e pelo Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo-verdiano.



Mainga, Lea
f. 1983
Igreja Nazarena
Moçambique

Tia Lea Mainga nasceu em Njatigue próximo de Manjacaze. Sua mãe era uma curandeira. O Rev. Noé Mainga era seu primo. Ela arrependeu-se por primeira vez em 1920 e os líderes de sua igreja nessa época eram o Pastor Mosi Manhique e Daniel Mukheti.

Ela e o seu marido eram membros da igreja quando os primeiros missionários nazarenos, o Rev. Charles Jenkins e a Sra. Pearl Jenkins, chegaram em 1922. Ela

testemunha que a sua fé ainda era incompleta: "- Eu ainda furtava e bebia, quando os missionários nazarenos chegaram." [1] Logo após esta data, o seu marido faleceu, vítima da Febre Tifóide.

Durante o avivamento de 1925, ela começou a re-examinar os fundamentos da sua fé. Ela orou: "- Os meus pecados são muito grandes. Jesus jamais poderá me perdoar." Ela confessou que durante a doença do seu marido, ela chamou um curandeiro contra a vontade dele, quando ele estava inconsciente. Agora ela não poderia pedir perdão ao seu marido. Era próximo de meia-noite, e ela continuava repetindo na sua oração: "- Eu vou confiar em ti Jesus." Finalmente ela começou a rir e disse: "-Eles todos desapareceram. Todos os meus pecados desapareceram."

Durante os avivamentos de 1927-28, ela foi completamente santificada. Ela orou por duas semanas com outras mulheres e moças, e explicou muitos anos depois: "- Elas me pediam para entregar-me a Deus, mas era uma coisa muito difícil. Eu queria escolher os meus próprios caminhos. Então eu deixei de fazer a minha própria vontade, e o Espírito Santo veio. Eu sei! Havia paz! Havia gozo! Eu lembro muito bem." [2]

Lea, sendo viúva, de acordo com o costume Shangaan, deveria passar a ser uma esposa mais do irmão mais velho do seu marido. Naquela época, o irmão mais velho estava ausente, trabalhando nas minas de ouro. Lea Mainga estava ansiosa e com medo de ter que ser esposa de um não cristão. Os Jenkins a ajudaram com dinheiro para pagar o preço da sua liberdade. A tia Lea tornou-se uma das primeiras "mulheres da bíblia."

Ela não voltou a casar-se, mas continuou em Njatigue como uma fiel "mulher da bíblia." Frequentemente o seu rosto ficava molhado com lágrimas, ao aconselhar e orar com os fiéis. [3]

Paul S. Dayhoff

Bibliografia:

1. *Mutwalisi* (The Herald), Shangaan/Tsonga revista Nazarena da Igreja do Nazareno em Moçambique e África do Sul (Florida, Transvaal, South Africa: Casa Publicadora Nazarena, Dezembro 1983), 9; Vicente James Mbanze, "Buku ya nkhuvo wa 50 wa malembe ya Kereke ya Munazarene ka Gaza ni Tete" (50º Aniversário da Igreja do Nazareno em Gazaland e Tete), (MissãoTavane, 1972), 31.
 2. Betty Emslie, *With Both Hands: The Story of Mary Cooper of Gazaland*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, 1970), entrevista com Lea Mainga, 84-86.
 3. C. S. Jenkins, "Those Women...", *The Other Sheep*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, Janeiro 1954), 5-6.
-

Este artigo foi reproduzido com permissão de *Africa Nazarene Mosaic: Inspiring Accounts of Living Faith*, primeira edição, copyright © 2001 por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos são reservados.

Mainga, Noé
1928 a 1976

Igreja do Nazareno Moçambique

O Rev. Noé Jossias Mainga amava o seu pai, Pastor Josias Mainga, embora ele houvesse morrido quando Noé ainda era muito jovem. Ele brincava de igreja quando rapazinho. Trazia água num tambor puxado por um burro. O poço donde tirava a água tinha doze metros de profundidade. Ele também cuidava das cabras, ovelhas e vacas da família. Uma vez caiu dum burro e levou um coice no queixo, que lhe deixou uma cicatriz permanente. Amava os passarinhos, e em especial os tentilhões.

Contou como os rapazinhos costumavam cavar à procura de *masengani* (gerbilos) na savana. Era um tipo de rato que os rapazes gostavam de comer. Um dos seus amiguinhos chamava-se Bayekani. Ora, os pais dos rapazes recomendavam-lhe que ao cavassem à procura desses ratos. Avisaram os filhos que nunca metessem a mão no buraco, porque podia haver serpentes venenosas neles. Bayekani não fez caso do aviso; e quando caçavam os ratos ele sempre metia a mão no buraco. Um dia ele sentiu alguma coisa que achava ser um rato; segurou o que sentiu e puxou-o para fora. Era uma *mfezi* (cobra) grande.

A cobra mordeu o dedo do rapaz e embora ele tentasse sacudi-la para se libertar, ela agarrou-lhe o dedo por um bom tempo. O dedo começou a sangrar muito e inchou-se imediatamente. Ele voltou para a casa e foi levado ao hospital para ser tratado. Conseguiram salvar-lhe a vida, mas o dedo foi ferido gravemente e ficou com uma cicatriz. Mais tarde, quando pregava, o Rev. Mainga usava isto para ilustrar o pecado da desobediência a Deus.[1]

Em 1944, Noé deu a sua vida a Cristo num culto feito debaixo duma Mbimbi em Njatigue. Explicou a experiência da seguinte maneira: "O meu coração cantava alegremente.". Então, em 1948, enquanto ele freqüentava o Colégio Bíblico em Siteki, Suazilândia, durante a visita do Rev. David Matthews (que ficou famoso com o avivamento no País de Gales) ele foi santificado. Descreveu a experiência assim: "O meu coração foi cheio do amor perfeito, e eu só queria conhecer toda a vontade de Deus.". Muitos anos depois ele continuava a testemunhar, afirmando que ainda se regozijava com a experiência do mesmo Espírito.

Ele começou a estudar na escola do governo em Manjacaze. Então, como o seu pai morreria, as autoridades ameaçaram encarcerá-lo se ele voltasse para os nazarenos em casa. Porém, em 1942, fizeram-se arranjos para ele ficar com os nazarenos em Maputo a fim de que pudesse continuar na escola e aprender o português. Dali ele foi ao Colégio Bíblico em Siteki, Suazilândia. Em 1950 serviu como pastor em Nhacutse e começou uma escola que as autoridades fecharam em 1952, como sendo ilegal. Ele precisava casar-se, mas como nunca tinha ido à África do Sul para trabalhar nas minas, não tinha o dinheiro para *lovola*.

Uma tia dele, a Sra. Lea Mainga, e outros ajudaram-no; ele casou-se com a Sra. Maria Enoque Mambo. O Rev. Simão Machava fez o casamento. Maria Mainga (?-1957) apanhou febre tifóide. O marido levou-a ao hospital em Manjacaze, mas não conseguiram ajudá-la. Foi então levada a Mausse, mas pouco depois verificaram que ela não podia viver por mais tempo. Levaram-na para a casa em Njatibye no dia 13 de Fevereiro, e morreu uma hora depois de lá chegar. Cerca de duzentas pessoas assistiram ao enterro dela. Era uma cristã exemplar; ajudou todos no trabalho da igreja, onde quer que fosse. O Rev. João Muchave disse dela: "A Igreja do Nazareno perdeu um soldado na batalha. O distrito de Njatibye perdeu um "homem" que era uma mulher. A igreja local perdeu uma pessoa que trabalhava. O seu marido, Noé, perdeu uma flor linda que murchou cedo demais. Maria deixou

uma filha de um ano. Por um lado choramos, mas por outro temos conforto."[2]

Em 1957 o Sr. Mainga começou a lecionar no Colégio Bíblico em Machulane (Tavane). Então em 1958 casou-se com a Sra. Rosita Zimila e tiveram cinco filhos. O Superintendente Geral Doutor Samuel Young ordenou-o também em 1958.[3] Em 1959 ele estudou o quarto ano do curso superior no Colégio Bíblico. Foi nomeado diretor do Colégio Bíblico, em lugar da Sra. Lorraine Schultz, em 1975, quando se deu a revolução. Naquela altura, o Sr. Mainga insistiu em acompanhar as missionárias, Sra. Lorraind Schultz e Sra. Pat Buffett, até Maputo (trezentos e cinquenta quilômetros para o sul) quando elas foram forçadas a sair.[4] Em 1976 os ministros ordenados em Moçambique escolheram-no para ser o seu presidente e intermediário nas negociações com o novo governo. Depois da independência e a implementação da política de nacionalização, muitas pessoas viram o hospital e a missão em geral como uma fonte de coisas que elas podiam usar em suas casas. Os medicamentos, as camas, mantas, mesinhas, os jarros para água e outras coisas pequenas foram retiradas do hospital. O Sr. Noé Mainga denunciou este saque ao administrador do distrito, que enviou tropa para o hospital a fim de evitar prejuízos maiores, e as buscas realizadas resultaram em devolução de algumas das coisas roubadas ao hospital.[5] Foi um tempo sombrio para todos. A Igreja do Nazareno perdeu toda a influência que tivera no hospital, e foram proibidas até mesmo orações com os pacientes.

O Rev. Mainga adoeceu gravemente, com cancro no fígado, em junho daquele ano, e sofreu muita dor. Durante a noite de 25 de Junho de 1976, enquanto todos dormiam, ele saiu da sua casa em Njatigue e, nas trevas, correu caminho abaixo até ao vale do Sulwe. No caminho tropeçou, evidentemente, e caiu num poço de cimento que estava cheio de água, afogando-se, ainda vestido de pijama. Mais tarde, naquela noite, a família descobriu que não estava na sua cama; começaram a buscá-lo freneticamente e descobriram as pegadas dele que terminavam junto ao poço. Ao nascer do sol, viram o seu corpo a boiar. Nenhuma água foi-lhe descoberta nos pulmões.

Certa manhã, antes da sua morte, dois dos seus colegas, o Professor Vicente Mbanze e o Rev. João Mondlane, visitaram o Rev. Mainga. Notaram uma depressão estranha e uma falta de concentração da parte dele, causadas pela dor intensa que sofria. Duas semanas antes, os mesmos dois colegas visitaram-no na quarta-feira e choraram enquanto oravam. Ele sairia na manhã seguinte rumo ao hospital. O Rev. Mbanze disse: "Ele orou por nós os dois para que continuássemos o trabalho do Colégio Bíblico em Tavane. De facto, ele viu a morte à sua frente. Nós não percebíamos naquela altura a razão porque ele orava assim."[6]

Aqui registamos alguns tributos prestados pelos seus colegas no grande culto memorial em Njatigue que foi dirigido pelo Superintendente distrital, o Rev. Benjamim Langa: "Ele foi um verdadeiro amigo e irmão. Eu tornei-me pessoa por causa dele." (Rev. Elias Mucasse). "Ele foi um entre mil e tinha o coração suficientemente grande para incluir a todos. O seu trabalho como homem de Deus entre nós continuará a ser visível e há de crescer." (Pastora Ana Mathusse)

"Eu conhecia-o como filho por muito tempo durante a sua vida, através do grande crescimento nos distritos. Muitos se arrependeram e foram renovados através dele. Ele ensinou-me muitas coisas que me deixaram admirado, as quais vieram da direção divina. Ele pediu-me para o visitar recentemente, e as suas últimas palavras foram: 'Estou contente; sinto-me em paz. Eu fiz o que podia, enquanto ainda tinha saúde. Eu conto morrer desta doença'." (Rev. João Muchava)[7]

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. Rev. Noé Mainga, "Pecado," *Mutwalisi* (O Arauto), revista na língua Tsonga da Igreja do Nazareno em Moçambique e África do Sul, (Florida, Transvaal, África do Sul: Nazarene Publishing House), Janeiro-Março, 1971),13.
2. B. Emslie, *With both hands: The Story of Mary Cooper of Gazaland* (Com ambas as mãos, A história de Mary Cooper de Gaza), (1970), 77-78. Rev. Joao Muchave, *Umphaphamisi* (O Arauto), revistas nas línguas SiSwati e Zulu da Igreja do Nazareno na Suazilândia e África do Sul, (Florida, Transvaal, África do Sul: Nazarene Publishing House, 1958),3.
3. Noé Mainga, relatório autobiográfico traduzido do português por Lorraine Schultz, (29 de Maio de 1965).
4. L. Schultz, (carta geral, 12 de novembro, 1975).
5. Benjamin Langa, *The Church of the Nazarene in Mozambique: A Brief History* (A Igreja do Nazareno em Moçambique), (1998), traduzido de português por David W. Restrict,6.
6. Vicente Mbanze, (carta, 13 de Abril, 1995).
7. Neemias Andre Chaia, Relatório do Funeral do Rev. Noé J. Mainga em Njatigue, na língua changana, dactilografado por L. Schultz.

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa pelo Rev. Roy Henck, missionário reformado para Cabo Verde, e pelo Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo-verdiano.



Mandlate, Isaka
1898 a 1960
Igreja do Nazareno
Moçambique

Isaka Mandlate nasceu numa família Shangaan não cristã em Musengui, no distrito de Chibuto. Seu pai era Vakane Mandlate. Quando era menino, pastoreava ovelhas e cabras. Na adolescência, Isaka foi de Lourenço Marques (Maputo) para

Joanesburgo, nas minas de ouro, para ganhar dinheiro para lovola (dote de casamento).

Um dia quando ele estava doente na cama, um pregador o visitou e perguntou se ele queria caminhar com Jesus. Ele respondeu: "- Eu não posso, nem que eu quisesse, estou doente!" O pregador lhe mostrou o caminho, e ele concordou que era bom. O pregador orou com ele. Depois de recuperar-se ele se mudou para um quarto com cristãos. Ele começou a perceber que era pecador e achou a salvação. Mais tarde, ele foi santificado e cheio de Espírito Santo. [1]

Alguns dias depois de retornar para a sua casa, um curandeiro veio para as cerimônias de purificação anuais, para afastar a morte das casas, e assegurar boa sorte em tudo. Ele espalhou pedaços de pano, representando cada membro da família, e os regou com sangue. Isaka Mandlate disse ao seu pai que não poderia mais participar daqueles rituais, porque ele tinha encontrado a Jesus Cristo como o seu senhor. Seu pai ficou muito irritado, e disse que dois espíritos não poderiam ser tolerados na mesma casa. Ele deveria voltar à adoração tradicional, ou sair de casa. Ele saiu em 1922, foi para Chipaja para construir uma nova casa, e começou um novo ponto de pregação da Igreja Nazarena lá.

Em 1925, ele casou-se com a Srta. Alina Sigauque (? -1959) que tinha sido possuída por demônios quando era moça com dezoito anos. Naquela época, ela usava o cabelo enfeitado com barro vermelho, e usava pesados braceletes e tornoseleiras de bronze. Ela usava um colar trançado de cabelo, couro e garras. Todos esses amuletos, supostamente dariam proteção contra espíritos maus. Frequentemente ela dançava até altas horas da noite, e vivia aterrorizada.

Uma noite, ao passar por uma igreja feita de barro e palha, ela escutou canções que a atraíram. Aquilo soava muito alegre. A alegria estava completamente ausente da sua vida amarga e fútil. Ela encontrou um gozo maravilhoso e paz em Cristo naquela noite, e não teve mais medo dos espíritos maus, os quais acreditavam que habitavam em ratos, cobras e corujas. Deus usou grandemente o seu testemunho e a igreja confiava nela.

Ela ficou muito doente, e tão frágil, que não podia nem alimentar-se. Sua família a considerava desenganada por ela ter se juntado aos cristãos. Eles chamaram um curandeiro contra a vontade dela. Ela insistiu que estava pronta para morrer e que o seu Salvador estava com ela. O curandeiro inclinou-se sobre o corpo dela quase sem vida para dar-lhe algumas gotas de mel. Com uma força sobre humana ela tomou a tigela da mão dele e espalhou o mel sagrado pela cabana. O curandeiro foi embora furioso, mas Alina se recuperou.

Ainda mocinha ela tinha muita vontade de fazer visitação nas casas. Era evidente que ela era motivada pelo Espírito Santo e não pelas pessoas que faziam visitas. Elas percorriam todas as semanas a longa distância entre Chipaja e Mussengi para ir à igreja.

Depois que Mandlate e Alina se casaram, eles começaram a trabalhar como pastores da igreja em Chipaja. Muitos nativos encontraram o Senhor e muitos deles chegaram a ser pastores e anciãos. O Rev. Samuel Manhique se converteu ainda quando era jovem através do ministério de Mandlate.

Num domingo quando era pastor em Chipaja em 1930, uma enorme nuvem de gafanhotos escureceu o céu do meio dia. As pessoas correram até a igreja para avisar os crentes. O pastor Isaka Mandlate lhes disse: "Nós estamos orando; os nossos campos o milho e o feijão, tudo pertence a Deus." Todos menos seis pessoas correram para fora e junto com os outros vizinhos da vila entraram na luta

em vão para afugentar os gafanhotos. Na manhã seguinte os gafanhotos tinham ido embora e os campos estavam pelados, mas havia seis plantações intactas, eram as plantações daqueles que tinham permanecido orando. Alguns leprosos que observavam de longe relataram que tinham visto um bando de corvos de colarinho branco em volta das seis lavouras e as protegeram durante o ataque dos gafanhotos.

Mandlate tornou-se líder da região de Chibuto e foi ordenado em 1950 pelo Superintendente Geral Hardy Powers. Ele foi um pregador de grande integridade.

Alina foi sempre uma grande colaboradora e sempre que Mandlate estava fora ela assumia as tarefas de visitação aos doentes e a liderança da congregação. O sucesso da congregação em Chipaja devia-se muito a seus esforços. Mandlate fez esta homenagem a Alina quando ela faleceu: "Nós nos amávamos muito e ela amava toda a família." As últimas palavras dela foram: "Fique bem pai Mandlate, cuide de nossos filhos. Permaneça no Senhor dia após dia. Eu estou partindo. Estou indo para o meu Lar... Leva-me Jesus, estou indo encontrá-lo, eu vou descansar. Jesus leve-me, vou descansar contigo." [2]

Na faculdade Bíblica Mandlate era chamado de Mukombo-Vukeya Vantwini (Rinoceronte Atacador de Pessoas). O Rino é um animal feroz que ataca qualquer pessoa que encontra. O povo foge e deixa tudo para trás quando ele aparece perto de suas casas. O Revdo. Mandlate atacava qualquer um com o evangelho e os fazia fugir de seis pecados. "Muitos vivem hoje graças a aquele Rino." [3]

Paul S. Dayhoff

Notas:

1. Simeão Isak Mandlate, "My Father," *Mutwalisi* (The Herald), Shangaan/Tsonga revista da Igreja do Nazareno de Moçambique e África do Sul, (Florida, Transvaal, África do Sul: Casa Publicadora Nazarena, Setembro-Outubro 1961), 6.
 2. C. S. Jenkins, "A Fruitful Church," *The Other Sheep*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, Janeiro de 1959), contra capa; Rev. Isaac Mandlate, "Blessed are They...", *Mutwalisi* (Janeiro-Fevereiro de 1961), 4; Vicente Mbanze, carta (13 de Abril de 1995).
 3. João Muchavi, "Rev. Isaac Mandlate," *Mutwalisi* (Maio-Junho de 1961), 11-12.
-

Este artigo foi reproduzido com a permissão de *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, copyright © 1999 por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos são reservados.

Mandlate, Miguel
n. 1905
Igreja do Nazareno
Moçambique

Miguel Mandlate e a sua esposa não eram cristãos quando se casaram. Ele se converteu pouco tempo depois, mas ela se endureceu contra o evangelho. Parecia que quanto mais progresso espiritual ele fazia, mais ela se aprofundava na religião tradicional. Ele contou que ela era bêbada e persistia em preparar bebidas alcoólicas caseiras. Ele poderia facilmente ter se desesperado, mas continuava orando por ela e vivendo uma vida cristã. Parecia que nada fazia efeito sobre ela, até que um dia ela se converteu maravilhosamente numa pregação Rev. John Mazivila. Desde então ela foi uma pessoa diferente, e junto com o seu marido, trabalhou por muitos anos para o Senhor.

Por volta de 1946, eles eram pastores em Chicavane na região de Njatigue e Mandlate era o assistente do superintendente do distrito. A esposa de Mandlate ficou doente e foi levada para o hospital do governo em Manjacaze. Depois de algumas semanas durante as quais ela não respondeu a nenhum tipo de tratamento, Deus lhe revelou que ela seria levada ao céu. Então, um dia quando o doutor veio visitá-la, ela agradeceu-lhe por todos os esforços, mas lhe disse que não queria mais medicamentos. Quando ele perguntou sobre a razão desta decisão, ela respondeu que o Senhor lhe tinha mostrado que a levaria para a casa celestial junto dele. Isto pareceu estranho ao médico que era um católico romano nominal. Ela relatou-lhe como o Senhor a tinha salvado maravilhosamente, alguns anos atrás. Nesse momento em diante, até o momento em que ela partiu, ela foi uma grande bênção e uma surpresa para os médicos e as enfermeiras. Algumas vezes eles tremiam quando ela lhes dizia o que Jesus podia fazer por eles. No final, ela despediu-se dos seus filhos, dos amigos e do pessoal do hospital, mas pediu ao seu marido e ao pastor que ficassem com ela até o fim. Ela sabia a hora da sua partida.

No enterro, as enfermeiras e as assistentes pediram permissão para carregar o seu corpo até o cemitério. Muitos deles assistiram um funeral protestante pela primeira vez. Era a primeira vez que eles tinham ajudado a deixar em paz o corpo de alguém que deixou um tão brilhante testemunho da graça Divina entre eles. O Rev. C. S. Jenkins relatou isto, citando a John Wesley que disse: "O nosso povo more bem." [1]

O Pastor Miguel Mandlate foi ordenado pelo Dr. Hardy Powers em 1950 e foi um ancião na região da Vila de João Belo naquele ano. Ele tornou-se líder regional no distrito de Mavengane. O Sr. Simion Mondlane relatou a chegada de Mandlate como pastor em Mabunganine em 1961. Eles apreciavam o seu grande zelo a trabalhar para o Senhor e para a igreja. Durante o período que ele esteve lá, a igreja construiu um aposento paroquial e uma cozinha para ele. Quando se aposentou, o Rev. Miguel Mandlate mudou-se para a sua casa em Dingane (Manjacaze). [2]

Paul S. Dayhoff

Notas:

1. C. S. Jenkins, "Another Trophy of Divine Grace," *The Other Sheep*, Revista Missionária da Igreja do Nazareno (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, Outubro de 1950), 12. Rev. C. S. Jenkins, "A Trophy of Divine Grace," em R. DeLong, 1947, *We Can if We Will: The Challenge of World Evangelism*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, 1947), 141-142.
 2. Pastor Miguel Chamo, "Celebração do 50º Aniversário da Igreja Mabunganine (Guetsemene), 18-11-73," *Mutwalisi* (The Herald), Shangaan/Tsonga revista da Igreja do Nazareno em Moçambique e África do Sul (Florida, Transvaal, South Africa: Casa Publicadora Nazarena, Abril-Junho de 1974), 3.
-

Este artigo foi reproduzido com permissão de *Africa Nazarene Mosaic: Inspiring Accounts of Living Faith*, primeira edição, copyright © 2001 por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos são reservados.



Mandlate, Rabeca
Século 20
Igreja do Nazareno
Moçambique

Durante a década de 1920, a Pastora Rabeca Mandlate veio a Njatigue à procura de alimentação espiritual. Então um dia pediu que se fizessem cultos em casa dela. Não havia ninguém para dirigir: portanto, ela sugeriu que ela mesma dirigisse os cultos. "Afim", disse ela, "pregar quer dizer ler a Bíblia e explicar ao povo o que ela quer dizer.". Desta maneira tornou-se pregadora e pastora, trazendo o seu povo até a missão um domingo de cada mês.

Por duas vezes as autoridades advertiram-na que não batesse mais no pedaço de ferro da linha de comboio que ela usava a fim de chamar o povo para as reuniões. Foi levada ao tribunal, que ficava a 32 quilômetros, e disseram-lhe que se ela não parasse com isso, havia de ir à prisão. No domingo seguinte, ela tocou o sino ao nascer do sol, como de costume, a chamar o povo para oração antes de iniciar as atividades normais no Dia do Senhor.

Alguns meses depois, foi chamada outra vez ao tribunal. Desta vez levou a sua esteira, comida, Bíblia e o hinário em preparação para ficar. De fato ela foi encarcerada. Todos os dias à tarde, depois do trabalho, reunia-se com as outras mulheres presas, lia e explicava a Bíblia, cantava e orava. Por isso foi chamada de novo e ameaçada; então, mandaram-na para casa. Ela continuou a fazer os cultos e nunca mais foi chamada a responder. Esta veio a ser a congregação em Matumanhane, uma extensão da igreja em Mabunganine (Guetsemane).

[1] O Sr. Stefano Mandlate arrependeu-se nos cultos dela. Eles se casaram e ele tornou-se pregador. A igreja dela em Matumanhane continuou a crescer e o Sr. Stefano Mandlate veio a ser pastor ali.[2] Durante a guerra civil, a Sra. D. Rabeca Mandlate foi morta a sangue frio, uma noite, em sua própria casa.[3]

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. Pastor Miguel Chamo, "50th Anniversary Celebration of the Mabunganine (Guetsemane) Church 18-11-73," *Mutwalisi* (The Herald), Shangaan/Tsonga magazine of the Church of the Nazarene in Mozambique and South Africa (O Arauto, revista na língua Tsonga da Igreja do Nazareno em Moçambique e África do Sul), (Florida, Transvaal, África do Sul: Nazarene Publishing House, Abril-Junho 1974), 4-5.
2. C. S. Jenkins, "Those Women...," *The Other Sheep*, Mission magazine of the Church of the Nazarene, (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, March 1954), 5-6.
3. Carta de Vicente Mbanze, (13 de Abril de 1995).

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa pelo Rev. Roy Henck, missionário reformado para Cabo Verde, e pelo Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo-verdiano.

Mangochi, Lyson
Século 20
Igreja do Nazareno
Malawi

Lyson Mangochi vivia em Malawi. Foi antes um jovem perverso, mas acabou por compreender que não havia paz no seu íntimo pelo modo de vida que ele havia adotado. Uniu-se a sete igrejas diferentes, mas tudo permaneceu na mesma com ele. Depois, então, testemunhou, dizendo: "Acabei por decidir, finalmente, que não havia tal coisa como paz nesta vida. Então, eu e minha mulher regressamos aos bares... entregando-nos aos pecados que haviam de vir como resultado."

Certo dia, Mangochi foi à Igreja do Nazareno. Prosseguiu no seu testemunho: "Foi no dia 13 de Outubro de 1958. O sol estava mais ou menos ali (apontou para o lugar onde o sol devia estar naquele dia, descendo para o ocaso). A partir daquele dia jamais me uni a qualquer outra igreja. Ajoelhei-me exatamente ali (indicou o lugar no altar) e, pela primeira vez, tive o meu encontro com Jesus. E não achei a paz que eu andava a procurar.". Três semanas depois voltou a ajoelhar-se no outro extremo do altar e (acrescentou) "entreguei tudo a Deus: Ele desceu e purificou-me totalmente."

Mangochi regressou à sua aldeia e começou a dar testemunho da paz que encontrou. Cortou prumos e varas e ajuntou palha até poder construir uma igreja. Bichos de madeira iam comendo os paus, e as chuvas acabaram por demolir a construção. Nisto, um crente nos Estados Unidos enviou dinheiro para que se edificasse uma igreja em memória da esposa. O dinheiro deu suficiente para os alicerces e o telhado. A congregação fez os blocos de argila (chamados adobe) e disponibilizou toda a mão-de-obra para a construção de um santuário permanente. Em 1965 contaram cerca de 100 pessoas na assistência, tendo sido muitos dos presentes conquistados pessoalmente por Mangochi.

Alguns membros deixaram a igreja a fim de fundar outra igreja numa aldeia próxima. Um ancião de setenta anos, chamado Sr. Chipolo, começou a pregar ali, e logo passou a ter uma assistência de 100 pessoas. Por dois anos os pastores Mangochi e Chipolo freqüentaram a Escola Bíblica em Limbe. Todos os fins de semana faziam uma caminhada de mais de 25 quilômetros até às aldeias deles para pregarem ao seu povo. Depois regressavam ao Colégio. Não se ouviu qualquer deles a queixar-se.[1]

Mangochi faleceu enquanto servia ainda como pastor.[2]

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. M. Hall, *I Sought for a Man: The Story of Nazarene Missions in Central Africa* (Procurei um homem: A História das Missões Nazarenas na África Central), (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1966), 65-77.
 2. Enoch Litswele, carta de (10 de Abril, 1993).
-

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa por Rev. António Barbosa

Manhique, Babilon Mahluza faleceu em 1982 Igreja do Nazareno Moçambique

O Pastor Babilon Mahluza Manhique costumava fazer papel de curandeiro tradicional dos changana, um adivinhador que consultava os ossos (*hlahluva tihlolo*) para descobrir quem eram os feiticeiros que faziam as pessoas adoecer ou mesmo as matavam. Ele converteu-se sob o ministério do Rev. Paulo Sueia. Mahluza não tinha muita instrução, mas veio a ser um evangelista poderoso, procurado por muitas igrejas no Distrito de Tavane para fazer campanhas evangelísticas. Quando ele orava, as pessoas se sentiam abençoadas.

Um curandeiro tradicional de poder e influência consideráveis vivia não muito longe da igreja integrada por Mahluza em Malwelane, Fumane. Um dia ele adoeceu e, aparentemente, morreu. Começaram os preparativos para o enterro; abriu-se a cova e os colchões de caniço iam sendo arranjados, quando o curandeiro recuperou os sentidos, para susto da família. Ele contou-lhes que tinha visto um homem vestido de branco. O qual lhe disse que ele não havia de morrer ainda, mas teria tempo para se arrepender. O homem recomendou-lhe: "Chama o pregador Babilon Mahluza e procura o caminho da salvação.". Ele chamou o Pastor Mahluza e encontrou o Senhor.

O curandeiro convertido começou a endireitar a sua vida tanto quanto possível. As coisas dedicadas aos espíritos dos antepassados foram recolhidas: cestos, pedaços de casca de árvore, raízes, panos demoníacos, um pequeno recipiente de mel, muitos remédios e amuletos, bem como galinhas, um cão e um touro novo. Ele pediu à igreja que fizesse um culto na sua casita. A casita, com todas as coisas malignas, foi queimada. As galinhas e o cão foram mortos e deixados às aves de rapina. O touro foi vendido e o lucro, usado para o evangelismo. Ele regozijou-se na nova vida que Jesus lhe tinha dado.

Um dia, pouco depois, estando ele ainda deitado no colchão, pediu que o levassem até à porta da casa donde podia olhar em direção à igreja. Rodeado de cristãos e olhando para a igreja de palha e caniço, faleceu e foi para ficar junto do Senhor e Rei que tinha encontrado recentemente.[1]

A esposa do Sr. Babilon Mahluza faleceu em 1978. Em 1981, os guerrilheiros atacaram e saquearam a vila e a casa do Sr. Mahluza em Malwelane. Ele e sua congregação fugiram para salvar as vidas, e a igreja se dispersou. O Pastor Babilon faleceu com uma idade muito avançada.[2]

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. C. S. Jenkins, "The Conversion of a Witch Doctor" in Russell V. DeLong, *We Can If We Will: The Challenge of World Evangelism*, (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1947), 100. Oscar Stockwell, "Taught, Transformed, Translated", *The Other Sheep*, Mission magazine of the Church of the Nazarene, (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, December 1951), 7.
 2. Vicente James Mbanze, carta, (20 de julho de 1995).
-

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa pelo Rev. Roy Henck, missionário reformado para Cabo Verde, e pelo Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo-verdiano.

Manhique, Lucas

1890 a 1967

Igreja do Nazareno

Moçambique

Lucas Maganda Manhique era da região de Manhique. Ele se casou com Rabeca em 1912 e o seu primeiro filho Jaime Lucas, nasceu no ano seguinte. Em 1917 Manhique foi para Joni (Joanesburgo) para trabalhar e arrependeu-se quando estava lá. Ao voltar para casa tornou-se pastor da Igreja Metodista, mesmo que a sede da igreja fosse longe, em Mukhambe, Inhambane. Junto com o Rev. Harkness, Lucas Manhique estabeleceu as bases para a Missão Tavane, localizada a uns trinta quilômetros ao norte de Manjacaze. Lucas e Rabeca Manhique foram a uma escola de pregadores para preparar-se para trabalhar na terra natal deles. Eles concluíram a sua educação em Mukhambe. Em 1930, os missionários metodistas foram embora e a missão em Tavane foi comprada pela Igreja do Nazareno. Os Manhique entraram para a Igreja do Nazareno, e começaram a trabalhar com os novos missionários, o Rev. Charles "Gaza" Jenkins e a Sra. Pearl Jenkins.

Rabeca Lucas Manhique (1894-1987) era de Wucopi, Manhique. Ela era uma excelente trabalhadora para o Senhor. Ela e Lucas Manhique junto pastorearam igrejas na região de Manhique. No começo dos anos 50, eles serviram nas igrejas de Maganda e Matiguane. Ano após ano, eles iam às reuniões nos acampamentos em Tavane. Os pastores andavam em burro e as mulheres caminhavam juntas em grupos.

O pastor Manhique faleceu num hospital em Xai-Xai, e Rabeca, estando viúva, morava em sua casa em Manhique. As suas filhas a cuidavam. Eles tiveram oito filhos, incluindo o Simeão Manhique. Na sua velhice, Rabeca foi morar com os seus filhos em Maputo, onde ela faleceu aos 93 anos de idade. [1]

Paul S. Dayhoff

Notas:

1. Vicente J. Mbanze, "Grandmother Rabeca Lucas Manhique Has Died," *Mutwalisi* (The Herald), Shangaan/Tsonga revista da Igreja do Nazareno em Moçambique e África do Sul, (Florida, Transvaal, África do Sul: Casa Publicadora Nazarena, Dezembro 1987), 8.

Este artigo foi reproduzido com a permissão de: *Africa Nazarene Mosaic: Inspiring Accounts of Living Faith*, primeira edição, (Flórida, Gauteng, África do Sul: Publicações Nazarenas da África, 2002), copyright © 2001 por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos são reservados.

Manhique, Samuel

1912 a 1974

Igreja do Nazareno

Moçambique

O Rev. Samuel Hlambelane Macuyane Manhique começou a trilhar o caminho do Senhor quando tinha quinze anos, ainda que os seus pais não quisessem que ele fosse cristão. Isto aconteceu em Chicumbane sob o ministério do Pastor Filemom Mundlovu. Ele deu graças a Deus por ter o Senhor enviado um pregador a essa área onde as trevas eram tão densas. Ele disse que nunca havia de esquecer o grande avivamento de 1928 e 1929, que começou em Njatigue, quando o Rev. Gaza (Jenkins) estava ali e muitos crentes se estabeleceram verdadeiramente na fé. Ele foi atingido por esse avivamento e testemunhou, "Dou graças a Deus pelo Espírito do Senhor que vive no meu coração."

Dois anos depois, ele foi trabalhar como estafeta em Mpfumo (Maputo) e permaneceu ali por dezenove anos. Não havia igreja na localidade e os crentes eram escassos. Ele foi ajudado grandemente pelo Senhor Professor Vasco Mondlane e o Senhor Mateus Mucavele Zeula, que dirigiram cultos de oração. Em 1932, ele foi batizado na igreja de Chipaja, cujo pastor era Isaque Mandlate.

Manhique encontrou-se com uma jovem linda, Raquelina (?-1993), natural de Muhetani, que veio a ser sua esposa. O Senhor abençoou o seu lar com quatro filhos e cinco filhas. Eles foram pastorear em Chipaja em 1949 e inscreveram-se no Instituto Bíblico de Tavane em 1954.[1] A Missionária Lorraine Schultz "Dez para as oito"[2] era a diretora do colégio, cargo que desempenhou até 1975. O Rev. Manhique foi ordenado pelo Dr. Samuel Young em 1955.

Um dia, dois homens que se diziam crentes viajavam de Bucasha até à cidade. As pessoas sorriam enquanto os dois fardos embrulhados em pano foram colocados no teto do autocarro. Os dois homens ficaram surpreendidos quando encontraram o Rev. Samuel Manhique, que já estava assentado ao lado da janela. O autocarro deu um solavanco, os fardos partiram-se e Manhique ficou todo encharcado pelo líquido que entornou e entrou pela janela adentro. Era álcool feito do fruto de caju, em

recipientes camuflados. Os dois homens, humilhados, pediram muitas desculpas e disseram que pretendiam ganhar dinheiro para os seus dízimos e ofertas para a igreja depois de o venderem na cidade. Manhique não tinha levado roupa com ele para mudar; portanto quando se levantou para pregar, trazia ainda o cheiro forte do álcool. Entretanto, o cheiro serviu como ilustração poderosa para a sua mensagem.[3]

O Sr. Samuel Manhique e o Pastor Arão Boca dirigiram cultos para crianças durante uma campanha evangelística em que o Rev. Isaque Mandlate e o Rev. Benjamim Langa eram os pregadores, em 1958. Na sexta-feira da última semana, cerca de cem rapazes e raparigas começaram a orar, chorando e louvando a Deus, e não queriam parar. O Sr. Samuel Manhique foi o servo que o Senhor usou para este grande avivamento. Foi o orador principal na igreja para as crianças, improvisada na sala de aulas da Casa Alegre. Ele havia pregado sobre os pecados de furtar e desobedecer aos pais, estando as crianças em casa. Elas, de novo, começaram a orar fervorosamente, no sábado, dia sete de junho.

Três missionárias: as Senhoras Mary Cooper, Bessie Grose "Polisiman" e Lorraine Schultz, foram visitá-los durante o culto do domingo à tarde, na sala de aula. Algumas crianças estavam de pé, junto dos bancos, outras estavam ajoelhadas, e outras ainda estavam de mãos levantadas. Algumas cantavam; outras louvavam a Deus em voz alta; e outras oravam ou choravam, em voz baixa. No meio desta grande onda de bênçãos havia uma ordem santa e uma sensação invulgar do poder de Deus. Desde aquela sexta-feira até ao fim, as crianças iam continuamente aos pais e professores e confessavam os males escondidos... O testemunho delas era, "Ele chegou!"

No Colégio Bíblico, segunda-feira de manhã, nove de junho, cerca de vinte e cinco tinham-se reunido para a oração matinal. Enquanto o Rev. Samuel Manhique e o Rev. Arão Boca relatavam os acontecimentos da tarde anterior na igreja das crianças, parecia que alguns estudantes haviam sido atingidos por um choque elétrico e alguns caíram de joelhos. Uma testemunha ocular relatou: "Houve ali um novo Pentecostes; alguns estudantes, de pé, choravam, louvando a Deus, enquanto outros se achavam de joelhos em oração. Não havia evidência alguma de fanatismo desordeiro, mas sim uma onda profunda e nova do Espírito Santo no nosso meio."

Estudantes, mulheres e homens, jovens, maridos e esposas, corriam para frente da sala de aulas a chorar e a orar. Os crentes andavam em volta da sala, dando graças a Deus, por esta visitação. O barulho foi ouvido na vizinhança e nos campos, e as pessoas corriam a ver o que se passava. Aqueles que sentiram coragem de entrar, uniram-se em oração, enquanto as carteiras iam sendo empurradas para os lados, para que houvesse lugar.

O Rev. Isaque Mandlate tinha amarrado o seu burro fora, pronto a partir para Chipaja, e tinha chegado apenas para se despedir, mas só conseguiu sair na quinta-feira. Três horas se passaram e, então, à uma hora da tarde, todos marcharam para a igreja cantando: "Ó, quanto amo a Cristo.". As pessoas de fora começaram a chegar, e a oração continuou até às catorze horas. Então o Rev. Noé Mainga despediu a reunião e anunciou que as reuniões haviam de continuar naquela tarde. Os cristãos espalharam-se pelas casas vizinhas para anunciar que as reuniões haviam de continuar.

A igreja estava à cunha naquela tarde; e na terça-feira mudaram para o tabernáculo. Houve pouca pregação e o avivamento continuou até a noite da quarta-feira, 11 de junho. O filho do Sr. Isaque Mandlate, que se chamava Simeão, alcançou gloriosamente a conversão. "Em tudo isto houve perfeita ordem, sem qualquer manifestação de falar em línguas estranhas."[4]

Durante os cinco meses seguintes houve erupções semelhantes nas igrejas locais e nas reuniões dos jovens em todo o país. Muitos jovens foram salvos e santificados tornando-se depois pregadores e líderes na Igreja Moçambicana nos anos de prova que se seguiram.[5] O Rev. Manhique disse: "Eu fui grandemente fortalecido e sustentado na fé pelo poder desse avivamento.". Em 1998 o Rev. Benjamim Langa relatou do avivamento: "Isto constituiu a segunda fundação da Igreja do Nazareno em Moçambique, fato de que ainda nos lembramos hoje."[6]

O Rev. Samuel Manhique foi ordenado em 1958 pelo Superintendente Geral Dr. Samuel Young e veio a ser um líder da zona no Distrito de Tavane (Norte). Ele era excelente pregador.

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. Samuel Manhique, autobiografia, cópia passada à máquina pela Sra. Lorraine Schultz. Samuel Manhique, "My Life", *Mutwalisi* (O Arauto), revista na língua Tsonga da Igreja do Nazareno em Moçambique e África do Sul, (Florida, Transvaal, África do Sul: Nazarene Publishing House, Julho-Setembro de 1974), 11. "Mozambique Watersheds", *World Mission*, (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, Fevereiro de 1989), 6. Lorraine Schultz, *Mozambique Milestones*, (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1982), 71ff.
2. A Sra. Lorraine Schultz deu realce ao fato de que os alunos foram obrigados a chegar às dez para as oito da manhã. Quem chegasse tarde não receberia o pequeno almoço no dia seguinte. Eis a razão por que lhe deram este nome.
3. O. & M. Stockwell, *The Ant Sends The Elephant: Parables and Sermon Illustrations from Mozambique*, (Hampton, NH: Yankee Printer, 1989), 91-94.
4. Vicente Mbanze, carta, (13 de abril de 1995).
5. Vicente James Mbanze, "Buku ya nkhuvo wa 50 wa malembe ya Kereke ya Munazarene ka Gaza ni Tete" (50th Anniversary of the Church of the Nazarene in Gazaland and Tete), (Tavane Mission, 1972), 35-37. Lorraine Schultz, *Because Somebody Prayed : Miracles in Nazarene Mission*, (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1994), 50-55.
6. Benjamin Langa, traduzido por David W. Restrict, *The Church of the Nazarene in Mozambique: A Brief History*, (1998), 9.

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa pelo Rev. Roy Henck, missionário reformado para Cabo Verde, e pelo Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo-verdiano.

Mathusse, Ana
c.1908 a 2000
Igreja do Nazareno
Moçambique

Num anoitecer de 1924 as três irmãs Mboweni chegaram a Njatigue depois de ouvirem acerca da missão nazarena ali. Elas anunciaram que tinham ido lá à procura de comida espiritual e chegaram com intenção de ficar. Não havia lugar para elas; disseram-lhes que deviam voltar para a Missão Metodista em Tavane. Na manhã seguinte caminharam quase quarenta quilômetros, regressando na mesma noite com cartas de recomendação do seu missionário metodista, o Rev. Harkness. Encontraram lugares para as jovens Estele, Ana e Amélia Mboweni.

Estele e Ana tinham sido expulsas pela família porque recusaram deixar que a sua irmã, Amélia, fosse dedicada aos demônios. Isso aconteceu na casa delas em Mabunganine, onde a igreja metodista fora obrigada a fechar as portas, porque a lei proibia as atividades protestantes no distrito de Chibuto. As três irmãs, como não tinham onde viver, foram forçadas a viajar por dois dias até encontrarem refúgio na missão em Tavane.[1]

Durante o grande avivamento de 1925, elas se arrependeram verdadeiramente e encontraram a salvação dos pecados. Em 1929 Ana testificou a respeito, dizendo: "Eu fiquei inválida espiritualmente por quatro anos. O meu coração encheu-se de alegria porque Jesus arrancou a pedra do meu coração. Nunca me esquecerei do dia 18 de Novembro de 1925. Eu deixei verdadeiramente a morte e entrei na vida." [2] Duas das irmãs lembraram--se de que elas tinham furtado amendoim; portanto emprestaram um pouco e levaram a Tavane para fazerem restituição. O missionário Harkness, porém, perdoou-lhes de boa mente.

Durante os avivamentos de 1927-1928 as três jovens buscaram a santificação; ficaram na sua choupana por dois dias, orando. No terceiro dia levantaram uma nuvem de poeira quando corriam em volta da missão gritando: "Ele chegou, O Espírito Santo chegou!" Elas continuaram a levar vidas vitoriosas. Todas casaram com ministros. A Estele casou-se com o pastor Samuel Mondlane.

A Pastora Ana (Mboweni) Mathusse sabia como orar. Ela casou-se com o Rev. Zacarias Mathusse, ministro principal das minas em Joni (Joanesburgo). Sentiu fortemente que Deus estava a chamá-la para ser pregadora. Embora isso contrariasse a tradição, ela foi bem recebida e veio a ser a primeira mulher nazarena evangelista em Moçambique. Foi também a primeira mulher a ser eleita para o comitê executivo do Distrito Norte da Igreja.[3]

Tradicionalmente as pessoas consideravam que o nascimento de gêmeos trazia grande calamidade, mas Ana e Zacarias Mathusse escreveram: "Regozijai-vos conosco, pois o Senhor deu-nos gêmeos.[4] Depois de vinte e cinco anos casados o seu marido contraiu tuberculose e morreu em casa. Ana recusou a cerimônia tradicional de purificação, e a família sentia medo de se aproximar dela e das filhas gêmeas, Marta e Ada; mas concordaram em deixá-las ir viver na missão.

Em 1941 Ana acompanhava um grupo que tinha ido visitar uma colônia de leprosos, a uma distância de cerca de oitenta quilômetros. A colônia ficava numa ilha no meio do lago Chidengele. No regresso aquela tarde o barco em que viajavam virou-se num temporal quando chegava perto da praia. Embora soubesse nadar, o missionário, Rev. Glenn Grose afogou-se; mas os outros passageiros conseguiram salvar-se. Em 1998 o missionário Douglas Perkins visitou esta colônia de leprosos, que agora se encontra na margem do lago. Ele perguntou se alguém se lembrava daquela visita em 1941. Um homem cujos dedos tinham sido comidos pela lepra, ficando apenas o toco; e cujo nariz também tinha sido atingido, aproximou-se com uma Bíblia esfarrapada que ele tinha recebido naquela visita, cinqüenta e sete anos atrás. Isto foi verificado por um nome, uma assinatura e uma fotografia velha e amarelada que estavam dentro da Bíblia.[5]

Ana Mathusse teve sérias dificuldades com o coração e, pouco depois, em 1945, ficou ferida gravemente quando o automóvel em que ela viajava para Suazilândia se capotou. Foi anunciado que ela morreu, mas estava apenas inconsciente; porém, perdeu um braço. A sua filha gêmea mais velha, Marta, morreu de tuberculose. A família e os vizinhos censuraram-na dizendo que todos estes desastres resultaram da ira dos espíritos ancestrais. Ela lutou com isso muito em oração, mas Deus ajudou-a a vencer. Conseguiu que as meninas da escola ajudassem-na a carregar água e a pilar milho.

O Senhor tem usado esta senhora através dos anos nos avivamentos e nas reuniões das mulheres.[6] A mãe dela, Ana Mathusse, vive ainda na missão em Tavane (1995); é uma senhora radiante, cheia do Espírito. Em 1997, ela foi hospitalizada em Suazilândia, com uma perna quebrada. No final do mesmo ano durante uma visita do Rev. Paul Dayhoff a Matsapha, Suazilândia, ele estava fotografando-a quando ela ouviu o nome dele, Ana começou a contar-lhe da visita do seu pai, o Rev. Irvin E. Dayhoff, à região de Manjacaze em 1920, e como ela se lembrava da pregação dele.

Em 1998 Ana Mathusse era a última sobrevivente nazarena que veio da Missão Metodista em Gazalândia. Ela partiu para o galardão durante a Semana Santa, em 2000.

Paul S. Dayhoff

Notas:

1. Vicente Mbanze, (13 April 1995).
2. Idem, V. Mbanze, "Buku ya nkhuvo wa 50 wa malembe ya Kereke ya Munazarene ka Gaza ni Tete" (50th Anniversary {Quinquagésimo Aniversário} of the Church of the Nazarene in Gazaland and Tete), (Tavane Mission, 1972), 29. Carta pela Sra. Ana Mboweni para *Mutwalisi* (O Arauto), revista na língua Tsonga da Igreja do Nazareno em Moçambique e África do Sul, (Florida, Transvaal, África do Sul: Nazarene Publishing House, de Manjacaze, 11 April 1929).
3. C. S. Jenkins, "Those Women...," *The Other Sheep* (Kansas City, Missouri: Nazarene Publishing House, Fevereiro 1954), 5-6.
4. Amy N. Hinshaw, *Native Torch Bearers*, (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1934), 129-132.
5. Doug and Elaine Perkins, mensagem por e-mail, (13 de Fevereiro, 1999).
6. Oscar and Marjorie Stockwell, *The Tribe of God: A Collection of Stories from African Christians* (uma colecção de histórias de cristãos africanos), (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1989), 59.

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa por Rev. Roy Henck, missionário reformado para Cabo Verde, e por Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo verdiano.



**Mathusse, Catarina
faleceu em 1997
Igreja do Nazareno
Moçambique**

A Pastora Catarina Mathusse encontrou o Senhor durante os avivamentos de 1926, em Njatigwe. Ela veio a ser pastora da igreja em Chitsombelane, perto de Manjacaze, no Distrito de Mavengane. O marido dela, Senhor Elias Mathusse, tinha-lhe sido infiel.

Em 1952, na reunião anual das mulheres em Tavane, ela relatou que um dos vizinhos tinha conflitos constantes com a esposa. O tribunal quis deportá-lo para São Tomé, na costa ocidental da África. Porém, o Chefe Zacarias intercedeu a favor dele, dizendo que não queria que o homem fosse deportado. Ele disse antes: "Havemos de mandá-lo para a igreja de Chitsombelane.". Aquele homem, agora é um bom crente e membro da sua congregação." [1]

Por volta de 1960 houve uma seca grave, acompanhada de fome. Catarina Mathusse plantou uma horta grande de mandioca, que cresce bem no solo arenoso, e que era regada pelo orvalho, mesmo durante a seca. Grande parte do produto foi roubada, mas ela não procurou descobrir os culpados. Sabia que a haviam roubado porque tinham fome. Vindas as chuvas, o chefe da zona, Senhor Zacarias Chitsombelane, procurou-a certo dia e lhe agradeceu porque a horta dela os tinha salvo. Os seus próprios filhos tinham entrado lá para roubar.

O chefe convidou-a a chegar à sua casa uma vez por mês no dia em que ele trazia as instruções da administração. Todo o povo estaria ali reunido e ele queria que ela lhes falasse acerca do Deus que fez dela tão diferente. Ele mandou homens com bois para lavrarem os campos dela. Em breve a igreja passou a ficar cheia, e dentro de alguns anos quatro raparigas e quatro rapazes dessa congregação foram preparar-se na Escola Bíblica de Tavane. Ela era a presidente distrital da Sociedade Nazarena da Missão Mundial.

O marido dela converteu-se de novo e voltou para a casa. Os quatro filhos deles continuam a ser ativos no trabalho da igreja. A Pastora Catarina Mathusse faleceu vitoriosamente no Senhor em 14 de setembro de 1997. [2]

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. "Annual Women's Meeting", *Mutwalisi* (O Arauto), revista na língua Tsonga da Igreja do Nazareno em Moçambique e África do Sul, (Florida, Transvaal, África do Sul: Nazarene Publishing House, Setembro-Outubro, 1952), 14.
2. Oscar & Marjorie Stockwell, *The Tribe of God: A Collection of Stories from African Christians*, (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1989), 40-41. Vicente Mbanze, carta, (13 de abril de 1995).

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa pelo Rev. Roy Henck, missionário reformado para Cabo Verde, e pelo Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo-verdiano.

Monteiro, Jesuino
1902 a 1980
Igreja do Nazareno
Cabo Verde

O Pastor Jesuino Monteiro era chamado de "o pequeno homem religioso." Era um marinheiro e pescador da vila de Bombardeiros na ilha de Fogo, e viajou aos EUA num veleiro.

Em 1919, um dia se sentiu atraído por uma banda do Exército de Salvação em New Bedford, Massachusetts. Ele parou pra escutar a mensagem. [1] dezessete anos depois ele testemunhou o que tinha acontecido: "- Eu fiz a oração pedindo que deus perdoasse os meus pecados. Naquela hora, senti uma paz no meu coração, que ainda está aqui." Ele aprendeu algumas canções e comprou uma Bíblia. Dois dias depois, o seu navio partiu de retorno para Cabo Verde.

Ao chegar de volta a casa, Jesuino Monteiro começou a caminhar pela ilha cantando e falando da Salvação e a paz através de Cristo. As pessoas não acreditavam nele, e pensavam que ele era meio louco. Jogavam-lhe pedras e o perseguiam. Inclusive a sua família e esposa ficaram contra ele. Por dezessete anos ele perseverou e orou continuamente a Deus para que enviasse missionários ao seu povo. Nas noites escuras, ele costumava ir à praia e clamar a Deus.

Desde a idade de dezessete anos, ele sofreu de hidropisia. Como consequência disso, ele não podia trabalhar como marinheiro, e tinha que pescar para sobreviver. Ele era extremamente pobre e tinha que vender telhas do telhado da sua casa ou tábuas do assoalho para comprar comida.

Quando os missionários: Rev. Everette Howard e a Sra. Garnet Howard, chegaram a Fogo (c.1938), eles foram excepcionalmente bem recebidos. Espalhou-se o boato de que as pessoas religiosas tinham chegado. Essa resposta positiva à mensagem do Evangelho demonstrou que Deus tinha estado trabalhando no lugar.

Monteiro veio correndo recebê-los e cantando: "- Feliz no Caminho ('Glória ao Seu Nome')." Ele tinha um metro e cinco de altura, pele negra, cabelo grisalho, e caminhava curvado. Ele chorava de alegria e agradecimento a Deus, e não queria perder Everette Howard de vista. Ele o abraçou e insistiu em colocar a sua esteira de folha de bananeira ao lado da cama do missionário para dormir. Howard uma vez lhe deu uma mula, mas ele a trocou por um saco de comida. Outra vez um missionário lhe deu o seu melhor par de sapatos, e Monteiro os vendeu para comprar comida.

Numa tarde, numa reunião de oração numa cabana na pequena vila de Mosteiros

em Fogo, os crentes se sentiram guiados a clamar a Deus para que tocasse o corpo de Monteiro. De repente, Deus o curou. Everett Howard escreveu uma carta (c. 1950) sobre o acontecido: "- Daquele momento em diante até agora, ele jamais teve nenhum sinal daquela doença terrível." [2] Quando o vulcão entrou em erupção em 1951, a casa dele foi uma das poucas da vila que permaneceu em pé. [3]

O Sr. Jesuino Monteiro estava presente no culto de dedicação da Igreja de São Filipe em Fogo, em 1970, e regozijava-se pelo fato de terem dois pastores com dedicação exclusiva na ilha.

Paul S. Dayhoff

Notas:

1. Howard, Lydia, *Island Hopper: Adventure in Cape Verde*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, 1982), 26.
2. Basil Miller, *Miracle in Cape Verde: The Story of Everette and Garnet Howard*, (Kansas City, MO: Beacon Hill Press of Kansas City, 1950), 9-21, 45.
3. Olive G. Tracy, *The Nations and the Isles: A Study of Missionary Work of the Church of the Nazarene in the Nations - Israel, Jordan, Syria, Lebanon, Italy - and the Isles - the Cape Verde Islands*, (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena, 1958), 193.
4. Rev. J. Elton Wood, carta (29 de Março, 1996).

Este artigo foi reproduzido com a permissão de *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, copyright © 1999 por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos são reservados.



Mucasse, Andrea
1895 a 1982
Igreja do Nazareno - Moçambique

Por volta de 1921, o Pastor Andrea M. Mucasse (1895-1982) trabalhava numa mina de ouro perto de Brakpan no East Rand, a quarenta quilômetros de Joanesburgo. Ele se converteu enquanto aprendia a ler e escrever numas aulas noturnas dirigidas pelo missionário Rev. Irvin E. Dayhoff, da Hephzibah Faith Mission de Tabor, Iowa, EUA. Mucasse fazia parte da primeira classe de candidatos de batismo em 1924. Ele quis trabalhar para o Senhor; assistiu ao Colégio Bíblico da Missão Internacional de Santidade (International Holiness Mission), logo ao norte de Joanesburgo. Alí ele foi conduzido à experiência da inteira santificação. Passou os fins de semana ajudando aos pastores e na evangelização de Brakpan. Durante as férias, em 1928, passou dois meses a ministrar na zona Norte de Transval, na missão de Thabeng. Os missionários Dayhoff visitaram a casa dele em Gaza, Moçambique; matou-se um bode para a festa de boas vindas dedicada a eles. A esposa do Sr. Mucasse, Sra. D. Ruth Jakwasi (Gagale) Mucasse (1900) era recém-convertida nessa altura.[1]

Em 1929 o Sr. Mucasse passou as férias entre alguns dos seus amigos não crentes numa residência coletiva perto de Joanesburgo, pensando em ganhar o maior número possível deles para a luz do Evangelho. Ele encontrou um temporal de oposição tal que o chefe da residência proibiu-lhe de continuar a pregar. Mas Deus operou; ele juntou dezesseis jovens e começou uma escola noturna.[2]

Ele concluiu os estudos no Colégio Bíblico nos fins de 1929, e provou-se bom estudante da Bíblia e um excelente ganhador de almas. Em 1930 regressou a casa em Moçambique e começou uma igreja em Malambe, no distrito de Macie, onde o evangelho era desconhecido.[3] Nos primeiros anos da década de 1930 o Rev. Irvin Dayhoff visitou-o por duas vezes, viajando de mula e a pé. Numa destas viagens ele caiu da mula no mato e partiu a clavícula.

Em 1952 o Sr. André Mucasse era um dos líderes nas minas de East Rand quando a Missão Internacional de Santidade se uniu à Igreja do Nazareno. O Pastor Mucasse e sua esposa deram o nome de Elias ao seu filho.[4]

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. Irvin E. Dayhoff, *African Missionary*, (Brakpan, Transvaal, South Africa: Hephzibah Faith Mission, Agosto 1928), 3; *African Missionary* (Setembro 1929),1.
2. Irvin E. Dayhoff, *African Missionary*, (Setembro 1929),4.
3. Irvin E. Dayhoff, *iAfrican Missionary*, (Março1930),4.
4. Irvin E. Dayhoff, *Missionary Triumphs*, (1949),16-17.

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

EEste artigo foi traduzido da língua inglesa pelo Rev. Roy Henck, missionário reformado para Cabo Verde, e pelo Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo-verdiano.

Mucavele, Timóteo
1915 a 1972

Igreja do Nazareno Moçambique

O Rev. Timóteo Umelwane Njanje Mucavele nasceu num lar tradicionalmente não-cristão na zona de Manica. Quando tinha onze anos, cuidava do gado.

Certa noite uma hiena atacou-o enquanto ele dormia em casa. Com as mordidas desse animal ele perdeu um dedo. O tio dele abriu fogo e a hiena fugiu. Uma noite, enquanto se recuperava, Timóteo teve um sonho. O céu se abriu e ele viu pessoas ali. Naquele momento o sonho lhe era de pouco significado, pois ele ainda não havia ouvido o evangelho.

Matriculou-se na escola em Tavane em 1928 e, em 1930, numa campanha evangelista, encontrou o Senhor. Mais tarde ele foi santificado. Timóteo ouviu o chamado de Deus para pregar e veio a ser um pastor de êxito. Em 1937 acompanhou o Rev. Lawrence Ferree a Tete, na tentativa de iniciar um trabalho ali. Em 1938, casou-se com Roshita.

Da Senhora D. Roshita Mucavele, o Rev. William Esselstyn disse: "Ela é tão boa como ele, uma esposa fiel, esplêndida mãe de família para os filhos e uma grande coadjuvante no trabalho do Senhor. Ela tem muito interesse pela salvação do seu povo. No culto, ela ora ao pé do altar, com lágrimas, quando roga a favor dos penitentes e os instrui.". O casal teve cinco filhas e dois filhos.

O missionário Sr. Doutor William Esselstyn escreveu a respeito de Timóteo: "Ele fez um trabalho de distinção, desenvolvendo uma das maiores, mais zelosas e espirituais das congregações locais. Embora um jovem de muita humildade, ele permanecia firme e sem medo em defender as suas convicções." Foi pastor em Jatigue de 1938 até 1943. Nessa altura, foi para o Colégio Bíblico em Suazilândia. Em 1948, os Mucavele foram servir em Nyankutse, e em 1953 se deslocaram para Chitsoguanini.

Foi ali, por volta de 1945, que Mucavele foi capturado e enviado a trabalhar na plantação de açúcar em Xinavane, por seis meses. Ele lia a sua Bíblia, cantava e orava. O dono da propriedade não gostava disto e foi duro para com ele. Mas durante o dia, enquanto andava para cima e para baixo, atrás do arado, ele cantava. Depois de observá-lo por alguns dias, o patrão o chamou e perguntou-lhe porque agia desse modo. Ele testemunhou acerca do que Deus lhe tinha feito. O patrão disse-lhe: "De agora em diante não vou perturbá-lo mais; vamos dar-lhe um trabalho mais agradável e mais fácil.". Mucavele foi feito capataz de toda aquela secção de plantação até ser posto em liberdade.[1]

O Rev. Mucavele concluiu os estudos no Colégio Bíblico em Suazilândia, e foi ordenado em 1947 pelo Superintendente Geral Hardy Powers. Era pastor em Njaticwe e foi nomeado líder da zona. Em 1962 transferiu-se para Mfumo a fim de pastorear a Igreja Central de Maputo. Ele pôs-se a construir um edifício para cultos; e naquele ano foi construído um edifício pequeno de cerca de oito metros por quinze, com pilares, vigas e asnas de madeira, tendo chapas onduladas de metal para paredes e teto. Logo ficou tão repleto de pessoas que foi necessário ampliá-lo para poder acomodar a congregação, que chegava para assistir aos cultos, mesmo olhando pelas janelas. Mucavele então começou a designar lugares nos arredores onde os membros podiam reunir-se durante a semana. Muitos destes lugares por fim tornaram-se congregações completas, e outras igrejas foram estabelecidas também à volta da cidade.[2] Mais tarde a filha dos Mucavele, a Rev. Bessie Luisa Tshambe, foi também pastora da Igreja Central de Maputo, que já era então a maior congregação nazarena na África.

O tio cristão do Rev. Mucavele, Sr. Jaime Manhique, que o tinha conhecido durante toda a sua vida, disse o seguinte na ocasião do seu enterro: "Ele trabalhou bem na sua vocação. Todos haviam de testificar que ele era uma pessoa distinta e que tratava a todos da mesma maneira, quer fossem importantes, quer não.".[3] O missionário com quem ele trabalhou, Rev. Charles S. Jenkins, disse: "Ele era sólido, de confiança, e um bom chefe de zona."[4]

A viúva dele, a Avó Roshita Mucavele, tinha mais do que oitenta anos e vivia com um filho que dirigia um negócio de transportes. Ela trabalhou muito na horta e assim sustentou toda a família. O seu filho sentiu-se envergonhado de ser sustentado pela mãe idosa e vendeu a horta dela.

A mãe dele ficou muito triste. Ela não conseguia dormir, perdeu o apetite e a sua saúde falhava. Sua nora disse ao marido que ele estava a matar a mãe. Encontraram outra horta a mais de seis quilômetros distantes da vila. A avó voltou a ficar contente e, enquanto trabalhavam, ela e os seus netos cantavam. As crianças locais vinham ouvi-los cantar, e aprenderam as músicas deles. Queriam que voltassem para cantar mais, e assim faziam todos os dias.

Então um sábado a avó convidou as crianças para assistirem à escola dominical, onde haviam de aprender mais canções e ouvir histórias acerca de Jesus. A assistência chegou a ser, por vezes, de até cinqüenta crianças, durante algumas semanas, mas depois os pais não permitiram que fossem porque haviam na estrada muitos caminhões rumo à cidade, e era perigoso para as crianças. Depois, um estudante do Colégio Bíblico passou a ir à vila aos sábados à tarde para lhes dar aulas. Reuniões de estudo bíblico foram iniciadas à medida que os adultos começavam a assistir; e em 1998 o lugar tornou-se um ponto regular de pregação.

Em 1999, a Igreja da Cidade de Matola fez uma grande festa na horta da Avó Mucavele; e a Igreja do Rio Matola foi organizada com uma assistência de aproximadamente 120 pessoas, com cerca de 80 membros credenciados. A primeira pastora foi a Senhorita Pérola Mandlate, filha do Rev. Simeão Mandlate e sua esposa, D. Violeta Mandlate.[5]

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. W. C. Esselstyn, "Africa Moves Forward" ("A África Anda para Frente"), *The Other Sheep*, Mission magazine of the Church of the Nazarene, (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, Maio 1949), 9.
2. David W. Restrict, Doctoral Dissertation, "The Church of the Nazarene and the Mozambican Revolution, 1975 to 1982," (Tese de doutoramento em teologia, "A Igreja do Nazareno e a Revolução Moçambicana, 1975 a 1982"), (Boston University School of Theology, 2001), 144.
3. Mr Jaime Manhique, "Rev. Timoteo Mucavele Já Falceceu", *Mutwalisi* (O Arauto), revista na língua Tsonga da Igreja do Nazareno em Moçambique e África do Sul, (Florida, Transvaal, África do Sul: Nazarene Publishing House, Abril-Junho de 1975), 9.
4. C. S. Jenkins, "A Fruitful Church" ("Uma Igreja Frutífera"), *The Other Sheep*, (Janeiro 1959), capa interior.
5. Rev. David Restrict, da sua mensagem no domingo de manhã, Oskaloosa, Iowa, (10 de Junho, 2001). David Restrict, (carta eletrônica, 18 de Agosto, 2001).

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa pelo Rev. Roy Henck, missionário reformado para Cabo Verde, e pelo Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo-verdiano.

Muchave, João

1910 a 1986

Igreja do Nazareno

Moçambique

Os elefantes obrigam-nos a viver nas hortas nestes dias. Eles chegam cedo e comem a nossa mandioca e o nosso milho. Os cristãos fortes, que têm o Espírito do Senhor, são como aqueles reis da floresta. Chegam sempre cedo às reuniões e entregam fielmente o seu dízimo. Como os elefantes, eles se reúnem em grupos grandes.

Os porcos selvagens, porém, não chegam com os outros animais. Eles se infiltram, depois de sairmos dos campos e de termos afastado os elefantes. Como algumas pessoas, estão sempre atrasados. Pessoas como os porcos selvagens enganam, destroem e são infiéis ao Senhor e à igreja, de muitas maneiras.[1]

O Rev. João Zacarias Muchave aproveitou esta ilustração num sermão em 1962. Ele era um grande orador.[2] Nasceu em Chilatanhane, perto de João Fumane, onde o seu pai, Pastor Zacarias M. Muchave exerceu o seu ministério. Zacarias Muchave testemunhou a maneira como ocorreu seu encontro com o Senhor mediante o ministério de uma senhora da Suazilândia que fazia uma visita. Deram-lhe a alcunha de "Manyawusani" porque ela os aquecia com seu fogo. Quando Zacarias se dirigiu ao altar para orar, demonstrou muita resistência, mas o Rev. D. Muyanga e os outros cristãos oraram por ele e o ajudaram. Ele testemunhou: "Verdadeiramente encontrei a paz, e Jesus ainda vive no meu coração hoje... Desde então tenho vivido na cidade de Jesus Cristo, onde o inimigo não pode entrar. Ele morre de angústia e amargura, mas não pode entrar naquela cidade."[3]

O seu filho, João Muchave, cuidou das cabras e ovelhas até a idade de dez anos. O Professor James Mbanze instruiu-o na escola em Tavane, e Muchave tornou-se nazareno quando a missão metodista que existia ali cessou suas atividades. Ele se converteu durante um avivamento em Tavane, em que o Rev. João Mazivila foi evangelista, em 1932, e frequentou o Colégio Bíblico na mesma localidade.

Em 1943 e 1944 ele serviu como pastor e professor em Mandende. Enquanto era pastor, o Rev. Muchave fundou uma escola em Jongwe, em 1949. Três meses depois, o padre da paróquia ordenou que a fechasse. As escolas protestantes não eram permitidas.[4] Ele foi pregador distinto e obrou estreitamente com a missionária Senhora Mary Cooper no trabalho evangelístico.

Uma vez ele ilustrou e demonstrou a necessidade da experiência da inteira santificação da forma seguinte: "Uma pessoa pode assentar-se pouco confortavelmente numa nádega por pouco tempo, mas para ficar confortável é preciso aproveitar a outra para poder assentar-se sobre as duas juntas.".[5]

A missionária Mary Cooper faz um relato sobre uma mensagem que ouviu dele a respeito de João 14:6: "Eu sou o caminho." Ele explicou acerca do caminho em que todos andamos. Muitas pessoas não respeitam tal caminho. Deitam terra nele, cospem nele, mas o caminho não murmura nem se queixa. Permanece sempre ali para servir às pessoas. Jesus é o Caminho. A nós, pecadores perdidos e apanhados em desvios, Ele nos aceita e indica-nos nova direção. Ele continua a ser o Caminho que conduz ao céu e à glória.

O Rev. Muchave continuou dizendo que as árvores que crescem à beira do caminho são também envolvidas pelas coisas malignas que caem sobre elas. São cortadas, quebradas e destruídas, mas também não se queixam. Oferecem sombra e frutos a todos que passam por elas, como os santos de Deus que permanecem perto de Cristo, o Caminho.[6]

Ele casou-se com a Sra. Neli Sithoie (1913-1981). Os pais dela foram N'wankava Titholye e Hlekwasse Sumbani. Ela não se sentia bem em casa dos pais e foi ficar em casa do Pastor Azarias Mavusso. Neli começou a estudar em Tavane em 1931. Ela era muito corajosa e forte, e era cristã fiel; procedia sempre com paz e paciência, e amava a todos.[7]

O Rev. João Muchave foi ordenado em 1950 pelo Superintendente Geral Hardy Powers; e em 1974 foi investido da função de superintendente do Distrito de Mavengane (ao sul de Moçambique e na província norte de Gaza). Foi ele um dos líderes que continuaram o trabalho da igreja durante a revolução comunista (1975-1981). Em 1975 os missionários Reverendos Armand Doll e Hugh Friberg foram encarcerados e os demais missionários saíram do país.

O Rev. Muchave era um cavalheiro cristão, alto e nobre, de cabelos grisalhos; usava a sua bicicleta ou tomava o autocarro para visitar as trinta e nove igrejas no distrito. Para além dos problemas da revolução, ele ministrou durante os períodos de seca e inundações. Foi um dos mais distintos superintendentes nacionais; e consideravam-no como um dos "patriarcas" da Igreja do Nazareno em Moçambique. O Rev. Muchave aposentou-se em 1978. Faleceu em decorrência do padecimento de uma doença cardíaca.[8]

A filha dos Muchave, Lousada Muchave, casou-se com o Rev. Jonas Mulate, filho do Rev. Lô Mulate e neto do pastor Samuel Mulate. Jonas e sua esposa eram os pioneiros do evangelismo na Igreja do Nazareno para as províncias do nordeste de Moçambique durante os princípios da década de 1990, depois de terminar a guerra civil. Eles conseguiram êxito fenomenal e crescimento da igreja ali.

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. Notas da Sra. Mary Cooper, (August 3, 1992).
2. Confirmado numa conversa telefônica com o Sr. Frank Howie, (Florida, Tvl., March 9, 1992).
3. Zacharias M. Muchave, "I Am Testifying," *Mutwalisi* (O Arauto), revista na língua

Tsonga da Igreja do Nazareno em Moçambique e África do Sul, (Florida, Transvaal, África do Sul: Nazarene Publishing House, Julho-Setembro 1953), 12.

4. João Muchave, handwritten autobiographical sketch in Tsonga, (Setembro 25, 1984, sent by Lorraine Schultz, June 1992). Carta do Vicente Mbanze, (13 Abril 1995).

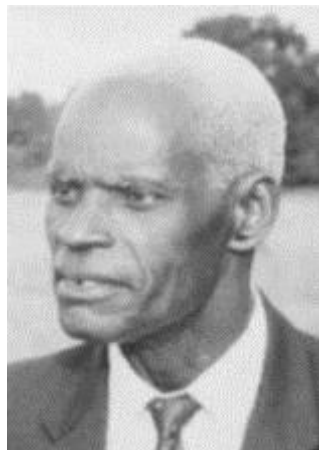
5. Related by Rev. Jacob Kanis (in 1977).

6. Mary Cooper, "Letter in Appreciation of Rev.. Joao Muchave", *Mutwalisi*, (Dezembro 1978),6.

7. João Muchave, "Condolence", *Mutwalisi*, (Abril 1982),4.>br> 8. Theodore P. Esselstyn, *Cut From the African Rock*(Cortado da Rocha Africana): *A Portrait of the Church of the Nazarene in Africa*,(Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, 1975),39,61. "A Tribute to João Muchave", *Trans African*, (Florida, Gauteng, e África do Sul: Africa Nazarene Publications, Novembro-Dezembro 1986),15.

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa pelo Rev. Roy Henck, missionário reformado para Cabo Verde, e pelo Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo-verdiano.



Muganya, Simeon Oddour
1952 a 1992
Igreja do Nazareno
Quênia

Da tribo Luo, Simeon Oddour Mugenya cresceu no Quênia ocidental, nas praias do Lago Vitória. Foi católico e recebeu excelente educação. Casou-se cinco vezes. Todas essas esposas o deixaram, e não teve filhos. Sob a influência do seu irmão Augustine, que tinha uma empresa de construções ali, mudou-se para Uganda. Simeon ingressou no exército.

Entregou-se à bebida e passou a fazer parte da guarda pessoal do brutamontes Idi Amin, com quem viajou por todo o mundo. Oddour Mugenya provavelmente mutilou e matou cerca de mil pessoas. Quando Idi Amin foi deposto, Mugenya começou a lutar para escapar com vida. Certa vez escondeu-se no meio da multidão que assistia à cruzada de Billy Graham. Ao apelo, Oddour avançou para ir orar; acabou por receber Cristo como Salvador. Mostrou-se extremamente triste pelos seus pecados, e tal experiência de salvação era precisamente aquilo que andava a esperar. A vida dele foi transformada radicalmente.

Depois de regressar ao Quênia, em 1980, passou a trabalhar numa empresa de transportes. O povo ainda tinha medo dele. Mugenya ainda não percebia muito bem o que significava ser crente, mas o certo é que deixou de beber. Chegou a ganhar trezentas pessoas para Cristo, incluindo um padre católico e um médico tradicional.

Um grupo de nazarenos dedicados a "Testemunho e Trabalhos" chegou para construir uma igreja na vila dele; Simeon ficou impressionado com a alegria, amizade, cooperação e o trabalho árduo desse grupo de crentes. Falou depois ao pastor e perguntou-lhe se Deus na realidade perdoa tudo. Uniu-se então à Igreja do Nazareno, tornando-se instrumento útil na plantação de seis igrejas novas. Testemunhava a cada pessoa com o seu sorriso contagioso.

Nos meados de 1980, Oddour ofereceu-se para ajudar na construção da Universidade em Nairobi. Casou-se com uma senhora crente -D. Pamela Oddour (1999). O casal teve quatro filhos. Ele veio a ser um testemunho vivo da graça salvadora de Deus, sendo respeitado pelos seus amigos, e até inimigos, em toda a parte, por causa do seu andar com Cristo em humildade. Tinha a plena convicção de que Jesus estava com ele.

Oddour ganhou muita gente para Cristo, pregando nos mercados públicos. Ele abriu e pastoreou a Igreja Kabate, numa área densamente povoada. Oddour ajudou discretamente os crentes necessitados e os estudantes do Colégio Bíblico que não podiam pagar as suas propinas. Em 1988, foi eleito Presidente Distrital da Juventude Nazarena Internacional. Dizia muitas vezes: "Sinto-me tão abençoado!". Oddour faleceu com pneumonia em Nairobi.

Setecentas pessoas assistiram ao funeral, realizado em sua casa (a sete horas de Nairobi). Muitos se alegraram com a morte dele, e amaldiçoaram-no. Vários chegaram para falar ao seu cadáver, a evitar que o seu espírito os viesse a importunar. A mãe dele gabou-se, dizendo: "Sinto-me orgulhosa do meu filho. Muita gente tinha medo dele -um homem forte e saudável, capaz de matar... e agüentava muita bebida!... Dei à África um homem de muita força!"

Pâmela, a mulher dele, entretanto, chorava. Depois de algum tempo, estendeu a mão em direção à sogra, contradizendo abertamente o que a mãe do defunto havia dito:

A senhora não é grande por ter um filho como ele, um homem de muita força física, mas que era fraco, embora muitos tivessem medo dele. Ele teve muitas mulheres, mas sem nenhum filho. Todavia, Jesus fez dele um homem poderoso, entregando-o a mim; e preparou-o para servi-LO. Além disso, o Senhor deu-nos quatro filhos. Em

Nairóbi ele ficou sendo conhecido como um pastor dedicado e amável. Sinto-me abençoada. Ele tornou-se um homem de Deus.[1]

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. Edna Hoover Paxton, "The Apostle Paul of Kenya" ("O Apóstolo Paulo do Quênia"}, *World Mission*, (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, Set. de 1993),17. *Trans African*, (Florida, Transvaal, e África do Sul: Africa Nazarene Publications, November-December 1992),9,14. T. Esselstyn, relatório verbal, (18 de Julho de 1992). Don Messer, relatório da Convenção do Distrito de Iowa, (28 de Junho de 1994).

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa por Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo verdiano.



Muiane, Elias
1944 a 2003

Igreja do Nazareno Moçambique

Elias José Muiane nasceu na vila de Dengeni próxima da cidade de Xai Xai em Moçambique. Seus pais não eram nazarenos, mas queriam o melhor para o seu filho. Ainda muito jovem, como todos os meninos de sua idade, Elias recebeu a responsabilidade de pastorear o gado da família antes de ir à escola.

Em 1955, ele foi transferido para a Escola Primária Católica Romana, da Escola Presbiteriana de uma vila próxima. A família era pobre e não podia pagar a escola, mas através da influência de um amigo, entrou em contato com a Escola de Missão Nazarena em Tavane. Em 1957, a missionária Lorraine Schultz decidiu aceitar Elias na escola e lhe permitia trabalhar para pagar as suas despesas. Elias não sabia nada da rotina escolar. Não sabia orar nem cantar.

Além dos seus estudos regulares, ele tinha aulas de estudo bíblico depois das horas normais. No seu primeiro domingo, a Srta. Schultz pregou na igreja, e quando as pessoas vieram até o altar para orar Elias achou muita graça e começou a dar gargalhada. No ano seguinte um grande avivamento desceu sobre a estação da missão, e Elias encontrou a Jesus como o seu Senhor e Salvador.

No final de 1961, na época das provas na escola, o diretor pediu aos estudantes que respondessem a seguinte pergunta: "-O que eu gostaria de fazer quando eu crescer?" Elias já tinha escutado a voz de Deus falando-lhe, e respondeu: "-Eu quero ser pastor." Todo mundo ficou surpreso, mas a Srta. Schultz ficou muito contente e encorajou Elias para entrar na Escola Bíblica, e ele entrou. Depois de terminar o seu treinamento na Escola Bíblica, em 1965, Elias entrou para a Escola de Professores em Xai-Xai por dois anos, e depois foi chamado para completar o seu serviço militar.

Elias Muiane recebeu a baixa do exército em 1971 e no ano seguinte casou-se com a Srta. Ana Langa. Eles foram para Tavane, onde ele lecionou na Escola Primária Nazarena. Ao mesmo tempo, servia como pastor na Igreja Xikeleni. Foram tempos difíceis devido a Revolução. Com o processo de nacionalização, oficiais do governo confiscaram as chaves do edifício da igreja, e proibiram o uso da mesma. Muiane continuou a pastorear a congregação, e os levou para adorar debaixo de uma árvore na vila. Muitas outras Igrejas Nazarenas em Gaza foram fechadas do mesmo modo incluindo Ulombe, Njatigwe, Xitsonguanini, Machecahomu, Mbenye e Mabunganini.[1]

Quando o governo Marxista tomou o poder, Elias foi criticado por servir com o pastor e professor ao mesmo tempo. Todos os professores da Escola Nazarena foram transferidos para outras escolas como meio de dividi-los. Ele foi transferido de uma escola para outra, porque ele se recusava a deixar as suas práticas e crenças cristãs. Finalmente ele deixou o ensino e foi trabalhar para o Ministério da Agricultura em Maputo no escritório de contabilidade. Ao mesmo tempo, Muiane serviu em vários pastorados. Ele foi ordenado na Suazilândia em 1977.

De 1986 a 1988, ele foi responsável pelo ministério das Igrejas entre os mineiros Moçambicanos que trabalhavam na África do Sul. Em 1988 ele foi convidado para retornar à Maputo como parte do corpo docente da Faculdade Bíblica reorganizada. Enquanto ensinava lá, também servia como pastor. Por muitos anos ele serviu como professor e tesoureiro no Seminário Nazareno em Moçambique, enquanto a sua esposa, Rev. Sra. Ana Muiane, pastoreava a Igreja da cidade de Maputo. [2]

O Rev. Elias Muiane faleceu de repente com um aparente ataque cardíaco em cinco

de setembro de 2003. Joanne Doerr escreveu sobre ele: "*A região da África saúda o Rev. Elias Muiane, um homem comprometido com a excelência na área da educação cristã!*" [3]

Paul S. Dayhoff

Notas:

1. Restrict, David W., "The Church of the Nazarene and the Mozambican Revolution, 1975 a 1982," tese de doutorado para Doctor of Theology Degree at Boston University School of Theology, 2001, p. 319.
2. Rev. Dave Restrict, E-mail da entrevista com o Rev. Elias Muiane, Junho 5, 2000.
3. Joanie Doerr, *Out of Africa*, Weekly E-mail semanal de notícias sobre a África, Igreja do Nazareno. (Set. 17, 2003, 4; Set. 25).

Este artigo foi reproduzido com a permissão do *Africa Nazarene Mosaic: Inspiring Accounts of Living Faith*, primeira edição, (Flórida, Gauteng, África do Sul: Publicações Nazarenas da África, 2002), copyright © 2001 por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos são reservados.



Mulate, Luti
1912 a 1996
Igreja do Nazareno
Moçambique

O Rev. Luti (Ló) Mambambari Samuel Mulate é filho do pioneiro, Pastor Samuel Mulate. O nome dele, que quer dizer "vara", faz referência à vara de Aarão no Velho Testamento. Quando, ainda infante, seu pai, Samuel Mulate, chegou à casa e viu amuletos à volta do seu pescoço, os quais lhe tinham sido dados pelo médico tradicional; a mãe dele, Abressa, o havia chamado quando Luti adoecera, mandou tirá-los. Ele orou, e a criança se recuperou. Pouco tempo depois, a mãe de Luti arrendeu-se e se converteu ao Senhor.

Luti entregou-se ao Senhor quando tinha sete anos. Passou a gostar da leitura da Bíblia e da oração. Havia lágrimas nos seus olhos quando testemunhava. Os rapazes da comunidade faziam troça dele, e deram-lhe a alcunha de "o Pequeno Ministro". Antes de morrer, Samuel Mulate tinha pedido que o seu filho Luti fosse viver com os missionários no Instituto Bíblico Rehoboth (Rehoboth Bible College), perto de Joanesburgo. Quando completou doze anos, o rapaz conseguiu ir para Rehoboth.[1]

Em 1924, Luti acompanhou o Rev. Jona Mahalayeye e os missionários, Rev. David Jones e a sua esposa, Maud, bem como a família deles numa viagem à Inglaterra. Durante um exercício no uso dos salva-vidas, encontraram o rapaz chorando e orando, com medo de que estivessem em grande perigo. Ele contou que possuía um pano tipo xadrez numa caixa em casa, o qual tinha sido dedicado aos espíritos ancestrais. Aceitara o amuleto de um tio dele, para o não ofender. Ele prometeu queimá-lo assim que retornasse à casa.

Uma vez formado pelo Instituto Bíblico de Rehoboth (logo ao norte de Joanesburgo), Ló (como ele veio a ser chamado) frequentou a escola portuguesa, em Tavane, e depois em Maputo. Casou-se com a jovem Weceliya Cuamba (Esselina Micas) em 1936, e o seu primeiro pastorado foi em Muhambi, perto de Chaimite. Ló era um verdadeiro cavalheiro cristão e apoiava Jona Mahalayeye nos trabalhos do distrito. Como ele podia falar também o inglês, era responsável por grande parte da comunicação entre as igrejas em Moçambique e os dirigentes missionários na África do Sul.

Em 1952, o Sr. Ló Mulate era o dirigente em Chaimite e tornou-se superintendente do Distrito de Limpopo na Igreja do Nazareno. Ele foi sempre bom exemplo para os crentes e destacava-se nas Escrituras. Todos o respeitavam e honravam como um dos verdadeiros dirigentes na igreja. Aposentou-se com a idade de sessenta e cinco anos.[2]

A Sra. D. Weceliya Mulate (1916-1981) nasceu em Nguazani, Chibuto. O pai dela foi Mitine Micas Cuamba e a sua mãe chamava-se Mulidose Siteo. Apoiava fielmente o seu marido, Ló Mulate, onde quer que ele fosse. Em 1973 ela adoeceu, e foi aos poucos ficando paralisada. Quando morreu, deixou onze filhos e dezoito netos. No dia 20 de dezembro de 1959, o filho dos Mulates, Esabelani Ló, de oito anos, morreu em Chucumbane. Embora tão novo, ele era um cristão maduro. O rapaz costumava confortar os pais quando sabia que eles choravam e aconselhava-os a que tivessem paz, como dizia Jesus em João 14:27, "Não se turbe o vosso coração." Ele orava assim: "Senhor, se quiseres curar-me segundo a tua vontade, eu hei de servir-Te. Mas se o tempo já chegou, seja feito segundo a Tua vontade."

Numa reunião em 1987, o Rev. Ló Mulate testificou: "Eu amo ao Senhor Jesus por

causa da salvação que tenho... Uma segunda obra foi feita no meu coração por Deus.". A sua vila nativa, Bileni, foi devastada pela guerra e ele foi residir com seu filho, o Rev. Jonas Mulate, em Maputo.[3] Ló foi um homem fiel ao Senhor e o último dos presbíteros pioneiros a morrer.[4]

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. E. M. Jones, *Our Spoke in the Wheel: The Stirring History of IHM Missionary Work in South Africa*, (1924),52.
 2. Relatório escrito à mão por Reginald Jones, Manzini Mission Archives (Arquivos da Missão em Manzini). Vicente Mbanze, carta, (Maputo, 13 de abril de 1995).
 3. Relatório de Elifaz Mateus Mazimba, *Mutwalisi* (O Arauto), revista na língua Tsonga da Igreja do Nazareno em Moçambique e África do Sul, (Florida, Transvaal, África do Sul: Nazarene Publishing House, Agosto de 1982), 9. Luti Mulate, "Testimony" ("Testemunho"), *Mutwalisi*, (dezembro de 1987), 10.
 4. Vicente J. Mbanze, carta, (30 de Janeiro de 1997).
-

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa pelo Rev. Roy Henck, missionário reformado para Cabo Verde, e pelo Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo-verdiano.



**Mulate, Samuel
faleceu em 1922
Igreja do Nazareno
Moçambique**

O Pastor Samuel Machitani Mulate foi um dos primeiros convertidos da *International Holiness Mission* (Missão Internacional de Santidade), e ele foi o primeiro líder desse grupo a estabelecer igrejas em Moçambique.

Quando rapazito, num lar não cristão em Moçambique, a mãe dele ficou moribunda. Todos os esforços do médico tradicional falharam, e ela ficou sozinha na choupana. Samuel entrou e ela pediu-lhe um copo de água. Ele ficou com medo e abandonou a choupana. Ele entrou outra vez e ela rogou-lhe que trouxesse um copo de água e que lhe mudasse a almofada de madeira. Mais uma vez ele fugiu; e quando por fim voltou a entrar a mãe já tinha falecido. Mais tarde, essa lembrança perturbou-lhe muito a consciência.[1]

Samuel converteu-se enquanto trabalhava nas minas em Joanesburgo. Afastou-se do Senhor, mas quando vivia numa residência coletiva perto de Benoni (East Rand), ouviu os cristãos a testemunhar num quarto anexo ao dele. Então dirigiu-se à missão em Ferguson. Ao altar, em lágrimas, ele regressou ao Senhor. O Sr. Mulate veio a ser uma testemunha zelosa de Cristo e um líder entre os cristãos. Muitas vezes orava sozinho. Ele foi o primeiro entre os novos convertidos a encontrar a experiência de santidade. Este novo relacionamento com Deus encheu-lhe o coração de gozo.[2]

Uma vez ele esqueceu-se da hora. Era contra as regras alguém ficar fora da residência depois duma certa hora da noite. Estando ajoelhado sozinho onde orava, Samuel sentiu a força da pele do rinoceronte nas costas. Um policial sul-africano gritou: "Que fazes aqui a estas horas da noite?". O polícia bateu-lhe vez após vez enquanto voltavam à residência. O Sr. Mulate não lhe respondeu uma palavra. Na manhã seguinte, as costas e os braços dele estavam inchados e todo o corpo lhe doía. Com um sorriso feliz, testemunhou depois acerca da experiência: "Naquela noite o meu coração e o meu corpo estavam tão revestidos da glória de Deus que não senti o castigo." Ele levou o seu irmão, João Mulate, ao Senhor.

Um ano depois, em 1913, Samuel voltou à sua casa em Moiene, no distrito de Chibuto. Ele e seu irmão logo juntaram um grupo pequeno de cristãos à volta deles e construíram uma pequena igreja com os materiais disponíveis (estacas, capim e lama). Samuel Mulate trabalhou fielmente durante muitos anos para o seu Senhor. Ele estudou a Bíblia e tinha um conhecimento extraordinário da verdade sobre a sagrada escritura. Era verdadeiramente um homem de Deus, humilde, um homem de oração e cheio de zelo até ao fim.[3]

Os pastores Samuel e Johane estabeleceram muitas outras igrejas nas zonas à volta deles. Em 1923, tanto o Pastor Samuel Mulate como seu irmão, Johane, morreram com a tísica dos mineiros.[4] A esposa de Samuel, Abressa, foi viver para a missão em Chaimite porque um irmão de Samuel, que não era cristão, tentou tomá-la como sua segunda esposa (conforme o costume dos Changanas).

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. Rev. e Sra. I. E. Dayhoff, *Missionary Vicissitudes* (Vicissitudes Missionárias), (Cincinnati, OH: God's Bible School and Revivalist, 1938), 68.
 2. Relatório de E. M. Jones.
 3. H. K. Bedwell, *Black Gold* (Ouro preto): *The Story of the International Holiness Mission in South Africa*, (Cape Town: Cape Times Limited, 1936), 51-52.
 4. Sra D. B., Reginald and Harold Jones, *David Jones: Ambassador to the Africans*, (Kansas City, MO: Beacon Hill Press of Kansas City, 1955), 74-78.
-

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa pelo Rev. Roy Henck, missionário reformado para Cabo Verde, e pelo Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo-verdiano.

Mungoi, Filimone

1909 a 1972

Igreja do Nazareno

Moçambique

Filimone Chipenwani Mungoi, que trabalhou na região de Bileni Macie, serviu ao Senhor de todo o coração e foi um verdadeiro ministro. Ele não ficava intimidado com a conversa dos não cristãos, e tratava a todos de maneira imparcial no trabalho do Senhor. Em 1959 tornou-se o líder da nova região de Maqueze. Foi ordenado em 1963 pelo Dr. G. B. Williamson.

Em Agosto de 1964, a Srta. Mary Cooper o levou para trabalhar em Incaia como pastor. Na chegada dele, a pequena cabana na qual ele ia morar estava em ruínas. Ele passou uma semana reformando-a. Capinou a área ao redor com a sua própria inchada, e colocou a sua lona no chão para que o pessoal sentasse. No domingo seguinte, ele saiu e ao encontrar as pessoas trabalhando no campo, as convidou para que viessem orar com ele. Todos deixaram suas inchadas e vieram para a sua casa. Ele cantou sozinho e orou com eles. Na segunda seguinte, ele começou a sua semana de trabalho, capinando o terreno que ficava atrás da cabana. Aí começou o problema.

Uma menina entrou sorrateiramente em sua cabana. Abriu a sua caixa e revirou tudo procurando dinheiro. Ele tinha vinte e duas libras no bolso da sua calça, mas na pressa ela não revisou os bolsos, e não achou o dinheiro. Mas ela achou uma panela com arroz cozido, abriu e começou a comer. Ao retirar o arroz com a sua mão, deixou cair um pouco no chão. O pastor ficou surpreso com o barulho na cabana. Ao velo, a menina fugiu com a panela de arroz. Mungoi gritou pedindo socorro, e a perseguiu. Um homem o ajudou, mas não conseguiram pegá-la.

Depois de um tempo ele a viu voltando. Após questioná-la, chamaram os seus pais, que perguntaram a pena que ele queria. "Não!" - ele respondeu, "eu a perdô." Isso surpreendeu muito, porque perdoar um ladrão era uma coisa que eles não conheciam. No próximo domingo, muitos dos não cristãos vieram à igreja pela primeira vez. Mais tarde, a mãe da menina lhe disse: "- Aquele primeiro domingo

quando você veio nos convidar, eu disse que jamais iria visitar esse homem doido que vivia sozinho sem uma esposa." Finalmente, a mãe da menina se arrependeu e trouxe a roupa de vinte e dois ancestrais (demônios) que eles queimaram. [1]

O Sr. Simone Mbalate, que trabalhou com ele como ajudante, disse que ele saía para trabalhar na obra do Senhor, pacificamente. Um dia, eles participaram de uma *mintlawa* (uma caravana organizada pela igreja num programa similar ao dos escoteiros) no centro de Olombe. Mongoi entrou no culto e cantou com a congregação, normalmente. Mas antes da pregação naquele dia, assim que a oração terminou com um amém da congregação, ele caiu morto na sua cadeira atrás do púlpito. Ele não estava doente, e morreu feliz e em paz em 26 de Outubro de 1972, fazendo o seu trabalho. Ele foi um homem de Jesus Cristo. [2]

No seu enterro havia mais de 380 pessoas das áreas de Bukwini-Incaia, incluindo: Rev. Benjamin Langa, Rev. Lote Mulate, Rev. Simeão Mandlate, Rev. Salomão Macie, Rev. S. Manhique, Rev. Noé Cossa, o missionário Frank Howie, e os ministros da Assembléia de Deus e da Igreja do Evangelho Total. O Pastor André Matshambane testemunhou sobre a fé cristã de Mungoi, da sua auto-renúncia, sua fé e a sua disposição a ir a qualquer lugar para onde a igreja o enviasse. Todos choraram ao escutar isso. [3]

Paul S. Dayhoff

Notas:

1. Vicente Mbanze, "Rev. Filimon Mungoi's Introduction to the Incaia Church in 1964," *Mutwalisi* (The Herald), Shangaan/Tsonga revista da Igreja do Nazareno em Moçambique e África do Sul, (Flórida, Transvaal, África do Sul: Casa Publicadora Nazarena, Janeiro-Março 1974), 6-7.
 2. Simone Mbalate, "A Tribute to Rev. Mungoi," *Mutwalisi*, (Julho-Setembro 1974), 14. Professor Vicente Mbanze, carta, 29 de Abril, 1997.
 3. Azarias Cossa, "Condolências ao Sr. Filimon Mungoi, 28 de Janeiro 1973," *Mutwalisi*, (Outubro-Dezembro 1973), 7.
-

Este artigo foi reproduzido com permissão de: *Africa Nazarene Mosaic: Inspiring Accounts of Living Faith*, primeira edição, (Flórida, Gauteng, África do Sul: Publicações Nazarenas da África, 2002), copyright © 2001 por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos são reservados.



**Reis, Francisco
faleceu em 1995
Igreja do Nazareno
Moçambique / Cabo Verde**

Francisco Reis foi um nazareno natural do Maio. Emigrou para Moçambique (Maputo) por causa da pobreza da terra. Quando procurava trabalho em que pudesse servir ao Senhor de forma prática, a Sociedade Bíblica contratou-o. Aonde quer que ele fosse para vender Bíblias, quer na rua quer nas casas, ele introduzia o livro sempre com o seu testemunho. Recrutou os seus dois filhos adolescentes para o ajudarem neste trabalho.

O pai e os filhos eram enviados com freqüência à prisão. Ali vendiam Bíblias aos guardas. Muitas vezes as igrejas locais os afiançavam fora da prisão, mas Reis nunca deixou de vender Bíblias. O Pastor dele era o Rev. Acácio Pereira, que antes fora padre, mas depois estudou no Seminário Nazareno de Cabo Verde.

Reis foi um "líder" entre os leigos na Igreja Portuguesa de Maputo. Abria semanalmente a sua casa para os serviços dos arredores. Como resultado, uma igreja veio a desenvolver-se nas proximidades da sua casa, na Rua Guiné. Todos admiravam a coragem dele, o seu amor pelos outros e a sua fé inquebrantável.

Com a chegada da independência, em 1975, as igrejas em Moçambique foram fechadas, suas propriedades confiscadas e os cristãos atormentados. Francisco viu-se obrigado a interromper a venda de Bíblias. Foi um milagre como a família dele conseguiu sobreviver com esta perda total de rendimentos. Ainda assim, conseguiram preparar comida, que ele levava aos missionários Revs. Arnand Doll e Hugh Friberg, os quais se achavam presos. Os guardas recebiam a comida e depois batiam a porta com força na cara dele. Mas o irmão Reis não se importava. Continuava a levar-lhes comida.[1]

O Irmão Francisco Reis, mais tarde, regressou a Cabo Verde e continuou a ser um obreiro ativo na Igreja de Maio, ilha onde viveu até seus últimos dias.[2]

Paul S. Dayhoff

Citações:

- 1.1. Jorge de Barros, relatório enviado (em 1992).
2. Roy Henck, carta de 15 de Abril (de 1995).

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa por Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo verdiano.

Siweia, Paulo
1897 a 1968
Igreja do Nazareno
Moçambique

O Rev. Paulo Mizini Themba Siweia foi um dos pioneiros da Igreja do Nazareno em Moçambique.

Um dos seus ancestrais, Sifunda, colocou o nome do seu filho Sikupukiye ou Siwela, referindo-se aos rios, tais como Inkomati, os quais eles tinham atravessado ao viajar de Zululand. Um dos filhos de Siwela era Mawebele que se tornou chefe e deu o nome à localidade. Shimburunja (um dos filhos de Mawebele e neto de Siwela) pertencia ao exército conquistador de Soshangane depois de fugir da tirania do Imperador Zulu, chamado Chaka. Um bisneto de Shimburunja chamado Phambane (que significa "separação") faz referência entre o Rei Muzila do império de Gaza e o seu irmão Mavewe.

Phambane era o avô de Paulo Mizini Themba Siweia. Phambane chamou o seu filho Themba ("Esperança"), para expressar o desejo de ganhar a Guerra contra os colonizadores portugueses. Mas o chefe Ngungunhane foi capturado pelo general Mouzinho de Albuquerque e enviado a Portugal. Em 1897 Themba teve um filho, Paulo Mizini Themba Siweia.

A mãe de Paulo era uma tia-bisavó do Dr. Edwardo Mondlane, fundador do movimento Frelimo em 1962. Em 1907 Paulo e a sua mãe aceitaram o cristianismo na África do Sul através do ministério do Rev. Bucher. Então, em 1922, Paulo Siweia tornou-se um Nazareno quando a sua igreja na terra natal, em Moçambique ficou sobre administração da Igreja Nazarena.

A sua esposa Rosita 'Nyamun'wani (Sitoie) Siweia era da Igreja Chiwumbane em Mussengui, Manjacaze, pastoreada pelo Rev. Samuel Mulate. Uma carta de um parente, Jesse Sitoie, escrita enquanto trabalhava nas minas em Joni (Johanesburgo), encorajava Rosita a ir à igreja para que pudesse ir à escola nas aulas noturnas. Com intuito de preservar as suas tradições, os pais geralmente proibiam as meninas de ir à escola aprender português. A Rosita entrou na igreja do Rev. Isaac Lehman em Jatigue e foi uma líder entre as moças. A igreja obrigava as meninas a usar vestidos no lugar das roupas tradicionais que não eram consideradas modestas. Também lhes exigiam retirar os colares e pulseiras tradicionais. Rosita noivou com Paulo Siweia quando ele fez a sua segunda viagem às minas em Johanesburgo para trabalhar.

Os Siweia se casaram de acordo com o costume tradicional. Na igreja, toda a comunicação entre os casais noivos tinha de ser através dos pastores e isto dificultava muito que as pessoas jovens se casassem nas igrejas. O seu primeiro filho, Moises Paulo Siweia nasceu em 1924. No entanto, Paulo e Rosita foram os primeiros a celebrar o casamento ao estilo cristão, pelo Rev. "Gaza" Jenkins em Jatigue em 1926. Paulo e Rosita Siweia acharam ajuda espiritual e foram líderes dos grandes avivamentos dos anos vinte. Durante estes avivamentos, Siweia era um proeminente líder em Fujuca, Macuacua. Depois disso Siweia tornou-se assistente do Pastor Mulate. Mais tarde, ele foi líder na região de Alto Chengane no distrito de Manjacaze.

A família mudou-se da região de Chiwumbane, na região de Chibuto para a região do distrito de Manjacaze em 1925, quando Siweia foi nomeado pastor na área de Fujuca. No começo, não permitiram que Rosita o acompanhasse, porque era na região de Macuacua, na floresta onde havia muitos animais selvagens incluindo

leões, leopardos e elefantes. O filho deles, Moises Paulo, conta como uma vez ao entardecer, ele e os seus amigos jovens foram perseguidos por leões e o rebanho que eles estavam pastoreando espalhou-se. Eles viam hipopótamo durante o dia e as hienas matavam os cabritos durante a noite. O povo lá vivia em grande escuridão espiritual. A adivinhação e a bebedeira eram exageradas.

Eles acharam o Sr. Lazaro Siteo entre outros adoradores. A congregação começou a visitar as pessoas e a convidá-las para os cultos na igreja. Novas congregações começaram em Cuaie e Chengane. As pessoas viajavam em burros e atravessavam rios perigosos na época de cheias. A missionária Srta. Mary Cooper, Mihlotini ("em pranto") [1], os visitou e realizou reuniões de avivamento e os ajudou a construir a igreja. Ela andava numa carroça guiada pelo Sr. Dias Mucavele. Siweia continuou no trabalho do Senhor com energia e humildade. Em sua opinião, ele conseguia ganhar pessoas para o Senhor, devido a sua fé em Deus, ao seu compromisso e ao fato de ter sido batizado pelo Espírito Santo. [2]

Em 1987 a Sra. Rosita Siweia escreveu:

"Apreciamos os missionários brancos porque eles nos mostraram a verdade. Eles nos encorajaram a resistir aos costumes tradicionais... Não tínhamos escutado sobre santificação, mas somente sobre arrependimento e abandono das coisas obscuras. Pregadores de Jatigue pregavam sobre remover as raízes do velho homem do coração. O grande avivamento de santidade de 1928 veio até nós numa semana de oração. Nós nos regozijamos grandemente. Foi como o dia de pentecostes. Graças a Deus por aquilo! A Srta. Estere Guiva foi grandemente abençoada naquela ocasião. Eu quero morrer no Senhor nem que tenha que enfrentar muitas dificuldades."

Os filhos de Siweia completaram todas as séries oferecidas nas escolas rurais e depois foram para Maputo para continuar os estudos. Paulo Siweia foi ordenado pelo Dr. J. G. Morrison em 1939 junto com os pastores John Mazivila, Zephania Mhula, e Daniel Muyanga, todos de Moçambique.

O Rev. Paulo Siweia faleceu de repente, inesperadamente em 1968 em Fajuca. Havia 280 pessoas em seu funeral, incluindo pastores e anciãos da igreja e chefes da região. O Rev. Joao Muchave fez o enterro referindo-se a Jó 1:8, disse que assim como Jó, Siweia era: "(...) Irrepreensível, íntegro, homem que teme a Deus e evita o mau". O Professor Vicente Mbanze se referiu às palavras de Siweia nos últimos exercícios na Faculdade Bíblica de Tavane na semana anterior: "*Mudidimela (Muhota) lo'wu tshiveliweke hi tihunyi ta nyenge (n'wenge)*... O Evangelho aceso pelo Espírito Santo e a oração, não podem ser apagados aqui na Terra! Ele estava dizendo que o Evangelho chegou com dificuldades nesta terra. Os pregadores não suavizaram mensagem apesar da grande oposição. Eles desejavam ver o Evangelho firmemente plantado em Moçambique, e freqüentemente estava de joelhos orando. Tudo que temos hoje, aqui na Igreja do Nazareno, é produto de lágrimas e zelo". [3]

O Missionário Rev. Charles Jenkins disse sobre Paulo Siweia em 1955, quando ele participou de uma reunião em Tavane onde Paulo Siweia era o presidente, "Nós o temos observado por muitos anos. Que monumento, da graça de Deus!" [4]

A família Siweia se estabeleceu em Maputo, devido os efeitos da Guerra civil em sua terra natal. O neto de Paulo e Rosita Siweia, Dr. Paulo Moises Siweia tornou-se superintendente do distrito de Maputo/Matola, e foi também o diretor da Faculdade Teológica em Maputo. Em 2003, foi nomeado diretor do campo Lusófono (o que inclui todos os países de fala portuguesa) na região da África.

Paul S. Dayhoff

Notas:

1. Este nome foi dado à Srta. Mary Cooper porque ela frequentemente chorava durante as suas mensagens e orações.
 2. Moises P. Siweia, "Rest from Your Labours, Great Warrior of Christ," *Mutwalisi* (The Herald), Shangaan/Tsonga revista da Igreja do Nazareno em Moçambique e África do Sul, (Florida, Transvaal, South Africa: Casa Publicadora Nazarena, Novembro-Dezembro 1961).
 3. Vicente James Mbanze, "Death of Rev. Paulo Siweia," *Mutwalisi*, (Outubro-Dezembro 1968), 9-10.
 4. Uncle Jenkins, "35 Years Later," *Africa Calling*, (Londres e África do Sul: International Holiness Mission, vol.8, no. 3, Julho-Setembro 1955), 1.
 5. Paulo Moisés Siweia, "The Origins of Siweia's Family," trabalho escrito na Faculdade Bíblica Siteki pelo Rev. H. Friberg em 1991. Rosita Siweia, "I Had Been Spiritually Starved," *Mutwalisi*, (Julho 1986), 6-7; "The Revival of the Holy Spirit at Jatigue," *Mutwalisi*, (Julho 1987), 6.
-

Este artigo foi reproduzido com permissão de: *Africa Nazarene Mosaic: Inspiring Accounts of Living Faith*, primeira edição, (Flórida, Gauteng, África do Sul: Publicações Nazarenas da África, 2002), copyright © 2001 por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos são reservados.



Steenkamp, Rosa
1943 a 1983
Igreja do Nazareno
Moçambique

Rosa (dos Santos) Steenkamp nasceu num lar estritamente Católico Romano, na vila de Igreja Nova em Portugal. Ainda menina, ela se chocou quando um padre lhe fez uma pergunta sugestiva e constrangedora. Depois disso, ela jamais se confessou.

Aos dezesseis anos de idade ela emigrou para Moçambique e morou com a sua irmã em Lourenço Marques (Maputo). Casou-se quando tinha 21 anos. Alguns amigos do seu esposo pertenciam à Igreja do Nazareno da cidade. Eles a convidaram para ir à igreja na semana anterior à Páscoa.

Na segunda vez que ela foi, ela encontrou o Senhor. Ela explicou: "- Eu fui à frente, ao altar. Confessei os meus pecados e aceitei a Jesus como meu Salvador pessoal. A minha vida foi completamente mudada e o meu único desejo era servir e agradar a Deus." O seu marido também se converteu e entraram para a igreja. Quatro anos depois, em 1964, visitaram Portugal. Seus pais aceitaram a sua conversão. Logo depois, o seu marido pediu a separação legal, e começou a bater nela, e a maltratá-la. Ele finalmente a deixou no dia de ano novo de 1970. Ela trabalhava no turno da noite numa empresa telefônica, e tinha outro emprego durante o dia. Um operador muito gentil chamado Sr. Neil Steenkamp de Durban, Natal, começou a ajudá-la no inglês durante as conversações telefônicas.

Eles começaram a se corresponder. Ele era Afrikaans e também falava inglês, mas não sabia português. Ela não sabia Afrikaans, mas tinha começado a aprender um pouco de inglês. Quando ela o visitou em Durban, ele procurou uma Igreja do Nazareno e a levou a Igreja de Mornijside, pastoreada pelo Rev. John Marks. Depois disso, Neil continuou a freqüentar lá.

Num final de semana quando ele visitava Rosa em Maputo, eles foram à pequena Igreja do Nazareno em Vila Salazar, e naquele dia ele encontrou o Senhor. Rosa saiu de Moçambique quando a revolução era iminente, e era perigoso ficar em Maputo. Eles se casaram em Novembro de 1974.

Aqueles eram dias felizes. Em 1975, pediu à sua amiga Fernanda em Maputo, para que visitasse alguns missionários nazarenos que estavam na prisão, Rev. Armand Doll e Rev. Hugh Friberg. Fernanda conseguiu transferir mensagens telefônicas entre os prisioneiros e as suas esposas Pauline Doll e Evelyn Friberg, que estavam em Johannesburgo e nos EUA. Os pais de Rosa vieram de Portugal para visitá-la em Novembro de 1976, e encontraram o Senhor através do Pastor nazareno Rev. Ian e sua esposa Mrs. Marilyn Croudace.

Rosa começou a ficar anêmica, fraca, e com enjôo. Finalmente em Maio de 1978 descobriram que ela tinha leucemia mieloblástica aguda. Ela acreditava que Deus poderia curá-la, e muitas pessoas estavam orando por ela. O Pastor Croudace tinha certeza que Deus tocara o corpo dela. Durante os dois primeiros dias em que ela esteve no Hospital Addington em Durban, ela sentiu um forte desejo de visitar outros pacientes com leucemia. Apesar da sua fragilidade, ela fez um grande esforço e visitou várias senhoras e orou com elas. A família de Neil ficou distante deles após o casamento, e Rosa e sua irmã não se falavam havia sete anos. Rosa tomou a iniciativa em ambos os casos e conseguiu uma reconciliação coma família de Neil assim como com sua irmã.

Apesar de ela ter procurado santificação completa, Rosa nunca tinha tido a certeza desta experiência. Agora, ao orar, Deus mostrou a Neil e a ela que eles estavam em falta no pagamento do dízimo. Ela compartilhou o capítulo de Malaquias capítulo 3 com Neil, e eles louvaram a Deus e decidiram obedecer a Ele. Rosa finalmente recebeu certeza plena da santificação, e a sua única oração era: "- Senhor faz de mim uma benção."

O tratamento que ela recebia para a sua doença parecia que somente a deixava pior. Finalmente um especialista disse a Neil que não havia mais nada que eles pudessem fazer, já que o corpo dela estava rejeitando todo o tipo de tratamento. Ele disse que Rosa só teria duas ou três semanas de vida. Quando Neil contou isto a Rosa, ela respondeu: "- Não importa. Para o Senhor nada é impossível. Até o último momento, ele ainda pode multiplicar os dias da minha vida!" Duas semanas depois, ela repetiu um exame de sangue, e foi declarada livre da leucemia. O pessoal do hospital ficou assombrado. Ela continuou com o tratamento, indo e voltando ao Hospital durante meses. Em março de 1979, o resultado dos exames de medula óssea mostrou a ausência definitiva da doença.

Ela voltou a trabalhar e a visitar pacientes de leucemia do hospital. Através do ministério dela, muitos pacientes de leucemia aceitaram o Senhor.

Em setembro de 1980, o seu pastor, David Holmes, lhe convidou para ser presidente da Sociedade Missionária, Ela serviu com muito entusiasmo. Todos os tratamentos foram terminados em Março de 1982 e ela se sentia bem. O médico dela, Dr. Rhodes, advertiu que depois da quimioterapia o músculo cardíaco poderia ficar severamente enfraquecido e que seria muito perigoso se a Rosa ficasse grávida.

Rosa em confiança decidiu deixar este assunto nas mãos de Deus. Mais tarde, naquele ano, visitaram os EUA e Portugal. Então, outro milagre aconteceu. Depois de muitos anos de casamento, Rosa ficou grávida. Em 23 de Agosto de 1983, Cornelius (Niki) nasceu de cesárea. O bebê era normal e saudável. Essa história milagrosa foi contada pela maioria dos principais jornais através da África do Sul.

Aparentemente, no entanto, a condição de fraqueza do coração de Rosa não foi descoberta a tempo de ser tratada com sucesso. Ela começou a ficar cada vez mais fraca e faleceu por uma falha cardíaca congestiva. Ela faleceu em 31 de agosto. [1] A sua morte foi inesperada e repentina. Neil escreveu:

Em dois de Setembro, dois dias depois da morte de Rosa, eu sentia que Deus estava distante e desinteressado, mas ao pegar o meu livro de meditações "Luz da Vida", o Senhor realmente falou comigo. Se alguém tivesse derramado um balde de água gelada na minha cabeça, eu não teria ficado tão chocado. Eu tinha visto na minha caminhada cristã, como ele havia falado com muitas outras pessoas. Mas esta era a primeira vez que Deus falava comigo de forma tão direta. Tive que ler a página uma vez mais para entender o que Deus estava me dizendo. Senti-me perfeitamente em paz quando fiquei de pé, e louvei a Deus pelo grande privilégio de ter sido o esposo da Rosa. Devido à vida dela, eu conheço o Senhor como o meu Salvador.

Também aprendi a confiar em Deus quando não consigo entender. Eu sei que não terei uma resposta completa do por que, mas ao mesmo tempo regozijo-me pela fé de que Ele sabe TUDO e que em todas as coisas: "(...) Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam..." (Romanos 8:28). Também em João 17:7 "Você não compreende agora o que estou lhe fazendo; mais tarde, porém, entenderá." Eu não entendo completamente, mas descanso no fato que Ele não comete erros.

O Neil fez esta homenagem para Rosa:

A vida da Rosa tinha qualidade, e com isso quero dizer que ela deixou a sua marca neste mundo, na minha vida assim como na vida de muitos outros. O seu ministério de pregação aos pacientes e leucemia no Hospital, demonstrou a sua preocupação pela vida espiritual das pessoas. Eu louvo a Deus por todos aqueles que aceitaram o Senhor através do amor dela e a sua preocupação por eles... A vida da Rosa foi tal que ela mantinha "as contas claras" com Deus. Ela estava sempre pronta para confessar qualquer ofensa que ele tivesse feito ao senhor ou a outros. No nosso casamento, nós seguimos o mesmo princípio. Problemas e diferenças existiam, mas nós os tratávamos imediatamente, de modo que não ficasse nenhuma barreira na nossa relação e na relação com Deus. Quando a Rosa partiu, não ficou nada para trás. Eu não preciso viver com o sentimento de "se eu tivesse..." [2]

O Sr. David e Graham a Sra. Yvonne Graham da Igreja Morningside cuidaram no Niki, até que Neil pôde cuidar dele. Yvonne era filha de missionários nazarenos, o Rev. Reginald e a Sra. Lillian Jones. Mais tarde, o Sr. Neil Steenkamp casou-se com a ex-enfermeira missionária nazarena, a Srta. Meryl Hilary Pattrick, do distrito da África do Sul. Eles eram membros da Igreja Horison, perto de Joanesburgo e Niki foi criado na casa deles, junto com a sua pequena irmã Luanne (1995).

Paul S. Dayhoff

Notas:

1. Carol Zurcher, 1985, *Rosa, Her Journey of Faith*. (Kansas City, MO: Casa Publicadora Nazarena); Neil e Meryl Steenkamp, carta, 17 de Junho, 1995.
2. Neil e pequeno Cornelius, carta, Morningside, Durban, Novembro 1983.

Este artigo foi reproduzido com permissão de: *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, copyright © 1999 por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos são reservados.



Tivane, Daniel faleceu em 1937 Igreja do Nazareno Moçambique

O Rev. Daniel Tivane ouviu pela primeira vez, em sua casa no sítio de Incaia, em 1903, que "Jesus está aqui." Juntamente com os outros rapazes perguntou: "Onde está ele?" Disseram-lhe que se ele fosse à escola havia de vê-Lo. Foram na segunda-feira e o professor os mandou de novo para casa a fim de pedirem licença. O pai de Daniel ficou zangado e recusou permitir que o filho fosse à escola. O pai dele era famoso em todo o país como médico tradicional, e queria que o filho o seguisse nesse trabalho. Porém isto não impediu que Daniel fosse à escola. Ele queria ver Jesus.

Num domingo, o pastor disse que se uma pessoa crê em Jesus, deixando todas as atividades más, ela havia de ver Jesus e encontrar a vida eterna. Isto incluía deixar de furtar, mentir, fumar tabaco, cometer adultério e adorar os demônios. Daniel dirigiu-se ao altar para orar e chorar por causa dos seus pecados. Pediu perdão e purificação. Testemunhou depois: "Eu saí com grande alegria porque os meus pecados não me deixavam ver Jesus. Decidi deixar todos eles junto à Sua cruz." Ele juntou-se à classe de membros, experimentalmente, e em 1908 foi batizado e recebido como membro da igreja. Então Tivane começou a contar aos outros deste grande médico espiritual que podia curar a doença do pecado.

Ele encontrou a Missão Internacional de Santidade (International Holiness Mission) enquanto trabalhava nas minas de ouro em Joanesburgo, e veio a ser o líder da igreja em Randfontein no West Rand. Ele sentiu-se perturbado por desejos do mal, incluindo inveja, orgulho, vingança e ira. O Rev. David Jones, missionário, explicou-lhe a possibilidade da inteira santificação. Como ele era o dirigente, o Sr. Tivane sentiu vergonha de confessar publicamente uma necessidade espiritual, portanto, esperou.

Então, no dia 17 de outubro de 1917, o Rev. Harmon Schmelzenbach, missionário nazareno de Suazilândia, visitou a igreja Ferguson. Ele pregou acerca do batismo do Espírito Santo e sobre a necessidade de o "velho homem" ser expulso. O Sr. Tivane levantou-se do seu lugar e foi orar ao altar. Em lágrimas, orou, dizendo: "Que esta pessoa medonha seja removida. Purifica-me com o fogo do Espírito Santo." Logo o Sr. Tivane encontrou o grande tesouro. [1]

Ele contou do Sr. Ukeyo, que foi trabalhar no West Rand (perto de Joanesburgo), em Julho de 1924. O Sr. Ukeyo ainda não se tinha convertido. No dia 27 de julho, encontrou o Senhor e começou a evangelizar. No dia 14 de novembro, morreu num desabamento de pedras. Junto à sepultura, mais cinco pessoas entregaram os seus corações ao Senhor e ficaram cheias de alegria, em vez de tristeza. [2] O Rev. Tivane foi ordenado em 1930, regressou à sua casa e construiu uma grande igreja em Incaia. Foi nomeado líder principal em Gazalândia. O Rev. Tivane era um homem baixo, tinha boca larga e um temperamento sério. Era um verdadeiro diplomata. A sua diplomacia e paciência evitaram muitas catástrofes na igreja.[3]

Paul S. Dayhoff

Citações:

1. Daniel Tivane, "Testimony" ("Testemunho"), *Umphaphamisi* (O Araujo), revistas

nas línguas SiSwati e Zulu da Igreja do Nazareno na Suazilândia e África do Sul, (Florida, Transvaal, África do Sul: Nazarene Publishing House, Maio-Junho de 1936), 8.d

2. Sra D. B., Reginald & Harold Jones, *David Jones: Ambassador to the African*, (KC MO: Beacon Hill Press of Kansas City, 1955),93.

3. H. K. Bedwell, *Black Gold* (Ouro Negro): The Story of the International Holiness Mission in South Africa. (Cape Town: Cape Times Limited, 1936), 46.

Este artigo é reproduzido, com permissão do livro *Living Stones In Africa: Pioneers of the Church of the Nazarene*, edição revisada, direitos do autor © 1999, por Paul S. Dayhoff. Todos os direitos reservados.

Este artigo foi traduzido da língua inglesa pelo Rev. Roy Henck, missionário reformado em Cabo Verde, e pelo Rev. António Barbosa Vasconcelos, pastor cabo-verdiano.

Fonte: <http://www.dacb.org>